

PUNK

teatro de horror ou protesto social?

O grupo Sex Pistols acabou. Mas o punk continua, impondo influências até na alta costura. Aqui, uma análise do significado desse furioso movimento.

um artigo de
Marco Antonio Lacerda



Johnny Rotten, ex-vocalista do Sex Pistols, diz que punk é movimento, vida, contestação. Para os sociólogos britânicos, é o resultado dos problemas de desemprego que a Inglaterra enfrenta há muitos anos. Os indiferentes acham que tudo não passa de uma coleção de estranhas fotografias. Já os que se dedicam a viver na crista — a parte mais superficial da onda — acreditam que é a chocante moda dos trapos.

O punk-rock é a música da garotada que não tem grana nem para ir à escola.

Seja o que for, muito se disse e escreveu sobre punk. Mas o que pouca gente sabe é que o movimento punk tem raízes mais profundas do que parece. Shakespeare já chamava as prostitutas de punk, e, na América, a palavra era usada para designar sadomasoquistas desordeiros. Enfim, punk sempre quis dizer lixo, grotesco, marginal. E o que a garotada inglesa tem feito, hoje, não é outra coisa senão continuar uma tradição de séculos.

Punk-rock é a música de quem não tem dinheiro nem pra ir à escola. Mas sabe que pode e vai à luta. E prova que um disco gravado em dois canais pode ter muito mais pique do que outro, gravado em 46. Punk é alternativa, o grito contra um jogo de interesses econômicos que transformou a música popular na mais rendosa fonte de lucros da indústria de diversões. Punk é música de pobre, o rock do homem branco oprimido pela sociedade, pelo desemprego, pela depressão. Na Inglaterra é conhecido também como rock da fila dos desempregados.

Muita coisa aconteceu até que a coisa chegasse a esse ponto. Os Beatles foram absorvidos pelo sistema, ao serem admitidos por Sua Majestade na Ordem do Império Britânico. O mesmo aconteceu com Mary Quant, a criadora da minissaia: há dez anos, Mary foi um desafio à moralidade britânica; hoje é apenas o árbitro da elegância da classe média inglesa. Restam os Rolling Stones, mas eles enriqueceram. E não há rebeldes ricos.

Até que um dia, Sid Vicious (Sid Sádico), um inglês de 20 anos de idade, filho mais novo de uma família de classe média, resolveu remendar os trapos de sua calça com nada menos que du-

zentos alfinetes de fralda. Daí surgiu uma moda louca, que utiliza como enfeite os mais estranhos objetos. Ao remendar a tal calça, Sid não estava apenas criando uma nova moda, mas lançando um movimento de contestação, cujas fileiras são constituídas de jovens entre 11 e 20 anos de idade, das classes pobres inglesas, e de marginalizados, que não conseguem emprego ao saírem das escolas secundárias, sendo por isso obrigados a recorrer ao auxílio do governo. Aqui, punk começa a se transformar numa espécie de movimento nas ruas de Londres: o fruto podre da crise.

Os desvarios dos punks se espalharam pela Europa e a notícia chegou aos ouvidos de um esperto homem de negócios, Malcolm MacLaren, dono da boutique londrina Sex. Durante algum tempo, MacLaren decidiu revolucionar o vestuário inglês, lançando uma moda que pretende ser "contra a mentira dos ternos bem passados e das roupas coloridas das boutiques". Pouco depois, MacLaren deu um passo à frente: tornou-se empresário do primeiro grupo de punk-rock do mundo, o Sex Pistols.

O primeiro LP dos Sex Pistols foi proibido. Isso prova que ele era mesmo punk!

Assim, da necessidade de uma grande explosão, e como conseqüência dos problemas econômicos ingleses, surgiu *Never Mind the Bollocks*, o profético LP do Sex Pistols, que já entrou para a história como um dos mais importantes discos desta década. Imediatamente, os dois maiores hits do LP — *God Save the Queen* e *Anarchy in the United Kingdom* — foram proibidos em toda a Inglaterra, por serem considerados um atentado à dignidade da rainha, bem no meio das comemorações do jubileu da Coroa. O boicote foi até bem recebido, pois provou que o disco era realmente punk.

Herdeiros autênticos do MC-5, do Velvet Underground e de Patti Smith, os Pistols lançam seu grito de protesto: "Queremos música rebelde, música de crise, música de rua, música contra os assassinos detrás das mesas das grandes corporações, negociando com a morte, o sofrimento humano, a fome e o desespero das pessoas". A popularidade do grupo chegou a níveis nunca vistos desde os Beatles. Aos poucos, tor-

nava-se cada vez mais constrangedor, para a rainha, admitir Johnny Rotten na Ordem do Império Britânico. Ele é tão sujo, tão nojento, tão escandaloso! A solução mais cômoda foi o boicote: o Sex Pistols foi banido do rádio e da televisão pela própria BBC. Mas, por uma dessas ironias do destino, a popularidade do grupo aumentava na mesma medida em que os rapazes eram censurados.

Sem qualquer hipocrisia, o punk encara de frente os fatos brutais da cultura dominante.

O boicote foi mais longe. Na Europa e nos Estados Unidos, os produtores de discos armaram barricadas contra a falta de estética do punk, queixando-se de que qualquer garoto de blusão de couro, pode dominar esse rock feito nas três cordas da guitarra. É claro que os produtores não estavam fazendo outra coisa senão defender o seu gado. A platéia de rock, hoje, é a platéia que os executivos criaram, mais passiva e cautelosa que a de uma década atrás. Além disso, as estações de rádio e as redes de distribuição de discos estão recheadas de um tipo de fã de rock-de-bom-gosto que se sente ofendido pelo punk. De fato, um músico em início de carreira pode até admirar Johnny Rotten, no entanto tomá-lo como guru é uma atitude que requer, no mínimo, convicção.

Há outras queixas ainda, que pesam não só nas costas do punk, mas do rock em geral. A pior delas chama a atenção para a semelhança entre os concertos de rock e os comícios de Hitler. Concertos de rock podem realmente cair no fascismo, pelo simples fato de gerarem energia de massa. Mas atribuir conotações fascistas a um fenômeno como o punk é uma atitude própria de comodistas que acham que dar nome a uma manifestação de horror é suficiente para mantê-la sob controle.

Punk é realmente uma manifestação de horror. Um rock que se diferencia de suas origens (fundamentalmente negras e rurais), porque assume os fatos brutais da cultura dominante, branca e urbana, em vez de escondê-los atrás de uma casca de hipocrisia. Punk é uma manifestação de horror, de garotos que começam a acordar cada vez mais cedo e olham para o mundo sem saber se vão à guerra ou ao bordel.



Paulo Fridman

Roupas de couro, cabelos coloridos e indisfarçável ar suburbano.

comportamento

O som e a fúria dos punks sobrevivem em São Paulo

Entre gritos e pancadarias, eles lançam um manifesto original

Uma grossa pancadaria que grupos rivais se encarregaram de armar em São Paulo, no I Festival Punk Brasileiro, em 27 e 28 de novembro, evidenciou a sobrevivência, em nosso país — com um saldo de 25 presos e a antecipação do fim do festival —, desse movimento nascido em Londres.

Blusão preto de couro, jeans desbotados, medalhas e correntes pelo corpo, argolas penduradas no nariz e alfinetes enfiados nas bochechas, esses jovens importam da Inglaterra, com muitos anos de atraso, o que naquele país surgiu como reflexo de inquietações de garotos suburbanos e como a negação do rock instrumental e comercial de estúdio. Era também a negação dos valores sociais estabelecidos (daí o culto ao feio, ao agressivo e ao monstruoso), do movimento hippie, das regras do jogo. Sabiam o que não queriam, mas não sabiam bem o que queriam. Na Inglaterra, a inovação deu origem a inúmeras bandas — os Sex Pis-

tols, The Clash, The Jam, Buzzcocks, The Suburban Bolts, The Damned. Espalhou-se pela Europa — dizem que já chegou até à União Soviética — e parece que na Alemanha encontrou sua diva, Nina Hagen, cujos shows estão sempre lotados.

No Brasil, seu ponto de concentração é o conjunto Grandes Galerias, na Avenida São João, em São Paulo, para onde convergem nos fins de semana os punks tupiniquins — também eles vindo de bairros periféricos ou da Grande São Paulo. Viajam de ônibus, quase nunca andam de carro, têm empregos mal remunerados, alguns são casados e têm filhos. Divulgaram um manifesto: “Nós, os punks, estamos movimentando a periferia que foi traída e esquecida pelo estrelismo dos astros da MPB. Nos nossos shows de punk rock todos dançam; dançam a dança de guerra, um hino de revolta da classe menos privilegiada. Nossos astros da MPB estão cada vez mais velhos e cansados. Estamos aqui para revolucionar a música popular brasileira, para dizer a verdade sem disfarces: para pintar de negro a Asa Branca, atrasar o Trem das Onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer.”

A propósito de dança, dançar à punk é socar o ar, dar pontapés a esmo, gritar, suar sob as pesadas e quentes jaquetas pretas. É renegar os Rolling Stones, a new wave, o new romantic, ter horror a Roberto Carlos. Os grupos que os brasileiros formaram têm nomes estranhos como sua aparência: Dose Brutal, Psycoze, Ulster, Juízo Final, Fogo Cruzado, Inocentes, Cólera, M-19, Ratos de Porão, Decadência Social, Olho Seco, Estado de Coma, e outras pérolas.

Para o festival, reuniram-se todos no SESC, do pacato bairro de classe média da Pompéia, causando apreensão em muita gente ante o aspecto feroz das ruidosas tribos. Só que, nas esquinas próximas ao teatro, grupos hostis começaram a rosnar e acabou rebentando a briga pelo direito de ser mais punk.

Brigas à parte, os punks estão pelas ruas paulistanas. Há um livro do dramaturgo e jornalista Antônio Bivar tentando explicar o movimento. Há dois discos independentes e com uma qualidade de som muito ruim, sintetizando os

espetáculos esparsos que acontecem pela cidade: *Lixomania* e *Grito Suburbano*. Publicam uns folhetos mimeografados, divulgando as idéias e as letras de músicas punk. Declaram-se pacifistas, ao mesmo tempo em que afirmam que com paz e amor não se muda nada. Mas é bem provável que a maioria desconheça completamente os ideais do movimento e que não tenha a menor idéia de que o emblema que quase todos ostentam — um grande A fechado num círculo — é o símbolo da anarquia.

Ricardo F. Soares

NITE ZONE

Cecília M. Gonçalves

O que acontece quando um grupo de artistas resolve transformar uma igreja em casa noturna? No mínimo, algo corrosivo, ou alucinante, que pode tomar diversas formas, em suma: *Ácido Plástico*.

Localizado no melhor clima urbano possível – ao lado do metrô e do Presídio do Carandiru – o espaço oferecem um 'algo mais' que falta às demais casas de SP: originalidade visual, desde os garçons vestidos com trajes ecléticos, manequins em vestes de Adão e Eva, até anjinhos de gesso pelas paredes e uma porta giratória com espelhos logo de saída (na entrada).

Lá você pode dançar uma boa seleção de New Music até quando suas pernas suportarem ou ver um bom show, no mesmo estilo enquanto bebe algum dos muitos drinks servidos por lá.

A irmandade que trabalha no *Ácido Plástico*, ao contrário do que se está acostumado, é super educada, desde os donos até a moça do bar. Lá ainda se pode presenciar uma session punk, segundo qualquer figurino. O 'Povo' é livre e as músicas são escolhidas a unha: pelo menos *GBH* até um *Black Flag*, e o que é melhor: pelo menos eu nunca encontrei um farsante sequer na pista.

É ninguém está nem um pouco interessado em rotulações. Os darks podem tomar soda e os cleans têm o direito de pogar, assim como ninguém vai impedir um punk de dançar "Are you trying to be funny" do *Everything but the girl*.

Em suma, se você quer ficar em paz sem ter de fazer gênero, ouvir e dançar boa música, sentir o prazer de não só olhar, mas entrar numa obra de arte e ainda pagar pouco por isto, a solução mora em Santana.

Ou você prefere entrar no Louvre ouvindo walk man?

A não ser o mini LP do *Inocentes*, "Pânico em SP" em mais uma boa iniciativa da WEA. Responsável direto (um deles) pelo surgimento e fortalecimento do movimento *punk* em São Paulo, portanto Brasil, o grupo foi fundado em 81, sendo que da antiga formação, o único remanescente é Clemente, atual guitarrista e vocalista. Os outros não culpados são Ronaldo (baixo) e Tonhão (bateria). Fora os hits "Rotina" e "Não acordem a cidade", a presença de uma música mais antiga, "Expresso Oriente" e uma antológica, "Pânico em SP", cuja primeira gravação tinha os vocais do Mauricinho, mais conhecido no meio skatístico como "Shit" (vide YEAH! nº 2: "Pontos Indeterminados") e o momento era ao vivo, no LP "Gritos Suburbanos". Confira, porque vale a pena.

Sex Pistols – Formado em 1975 com a seguinte escalação: Glenn Matlock (baixo); Steve Jones (vocais), Wally Nightingale (guitarra) e Paul Cook (bateria), o grupo chamava-se originalmente *Swankers*. Seu empresário Malcom McLaren era(?) um sujeito sem escrúpulos e resolveu investir no grupo. No primeiro momento muitas vaia e brigas. O *Pistols* começava a encarnar o espírito da revolta social e política que o cenário inglês exigia: desemprego, greves, armamentos, rainha, futuro, tudo na mira. Depois de "Anarchy in the UK", entra Sid Vicious, ex-baterista do *Siouxsie & the Banshees*, desta vez tocando baixo, instrumento que ele nunca havia tocado na vida. O selo *Virgin* lança os compactos "God Save the Queen" e "Pretty Vacant" e o LP "Never Mind the Bollocks", que agora a *RCA* relança no Brasil. Se você não sabia de nada disto (o que é difícil), ou não comprou o disco a anos atrás, (quase) nunca é tarde para começar. É o disco que melhor traduz o espírito *Punk*; é o clímax do estilo em sua forma original, assinado por seus (praticamente) criadores. O que foi feito de sua dupla central? Sid morreu logo após as filmagens de "The Great Rock'n'roll Swindle" e Johnny, que era Rotten virou Lydon, fundando o *PIL* que, em comum com o *Sex Pistols* só tem mesmo o vocalista.

TRIP: O que você tem feito ultimamente com relação à música?

PEPE: Tenho ouvido basicamente música de preto, que é a única coisa audível. Depois que o punk deu no pós-yuppies, que tudo contra o que havia se revoltado voltou, através da indústria, só que em escala multimilionária e muito mais medíocre, a única coisa que sobra é o início da música negra americana, ritmos africanos, orientais, as raízes do rock'n'roll, soul music, blues, etc. Esta minha última viagem foi para ver o itinerário da música negra americana de 1920 até 1950, quando estourou o rock'n'roll: delta do Mississippi, New Orleans, subindo o rio até Memphis, Tennessee e Chicago, Detroit, as grandes capitais, e depois conseguiu chegar ao mundo inteiro.



John Lydon num pub, seu habitat local da mais recente entrevista concedida ao E.

Não SEJA + UM D D
 Não deixe MPF MORDER
 Show PUNK BANDAS
 Locais
 REPRESENTAÇÃO X
 Podres
 HIPNOSE
 zueira
 POBREZA
 dia, 19 7 85
 NO CIRCO OPERÁRIO

Você que já viveu todo esse tempo, que já passou por diversas aventuras; pare um pouco ~~diante do espelho~~ e olhe dentro e em volta de si mesmo. Você não consegue perceber a cada minuto alguém está por traz de você?! Esta é uma versão nova de uma velha história. Acorde, diga não e não a tudo isso sujo que está a sua volta. Tudo que eles querem é te usar. Não a credite nas estórias e grandes jogadas e soluções que sempre lhe apresentam.

Perceba que você é povo e, ao longo dos anos sempre foi o povo que esteve como vítima de manipulações e chantagens do poder. ~~Não precisa ser um estudioso de Sociologia para se notar que~~ Todas as grandes feridas nascem, crescem e se reproduzem no corpo do povo.

Pare de ser idiota. Berre e faça valer sua opinião, como ser humano que é, como animal racional e tão infeliz que luta a cada dia para a sua própria destruição. Você precisa ouvir isso! Porque você não nasceu para passar fome, viver como um bicho. Sim, sempre lhe a bordam por ser preto ou branco, rico ou pobre, e pouco lhe abordam por seu caráter e personalidade. Você não pode se calar. Diante da marginalização que assola e cresce a cada dia e eles lhe dão bofetadas no xadrex e de pois de algum tempo quer vê-lo re-integrado à sociedade e fazendo com toda essa grande trapaça gere grande manchetes de jornais e aumente o número de desempregados nas ruas e origine empregos para o organismo oficial. Cada dia a cidade está mais cheia de pelegos e milicos que rondam os centros urbanos para "garantir a segurança" da população. Os enormes gastos com armamentos e materiais bélicos e até hoje só na Bahia (pasmem!) 3000 milhões de analfabetos. Mas você não é analfabeto para votar naquilo que nem sabe direito o que realmente é.

Chega! Ninguém suporta mais tudo isso e continua cantando que "a felicidade é uma es-trela e você tem que alcançar". Pense que você não tem sequer uma terra para plantar ou mō-rar; sabendo que toda esta Natureza é sua. Saia desta pasmaceira em que se encontra.

Esta é a sociedade silenciosa, do tudo bem, tudo bom. Esta é, mais do que nunca a era da maioria massificada. E eles se falem de 450 milhões de cruzeiros num estádio de futebol para a alegria de mais de 80 mil pessoas "legítimos" representantes do povo brasileiro que sem ao menos perceber, são vítimas deste sistema opressor. E você ainda fica pregado à frente do Sistema Brasileiro de Televisão para ver se fica rico sendo o felizardo da semana ou; ainda, assistindo com as crianças as intrigantes cenas de cornitude, adultério, as tranzas e caretas do padrão globo de qualidade(?) Você precisa ouvir isso bem alto. Você é um ilustríssimo senhor Zé Ninguém.

Mas, isso não é tudo. Ainda virão muitos carnavais e sempre haverá pão com coca-cola aos domingos nas grandes hamburguerias do Iguatemi. E a rádio Manchete sempre tocará a su-per-parada com a música do Ronnie Von "Cacho de Uva". Pare de sonhar e acorde para este caos organizado que lhe jogam na cara. Saiba que o único a lhe ajudar é você mesmo.

Viva, procure fazer alguma coisa por si próprio. Você já envelheceu bastante para acreditar nas grandes estórias de como subir na vida sem fazer força. Não há futuro, só passado sujo e negro; uma conquista do povo e do governo. E você em casa sonhando com nū-meros para jogar na loto na esperança de ser rico ou viver como um deputado federal. Grite ao menos por sua personalidade, por sua vida, por seu sangue. Por você!!!

FATOS DESUMANOS

ZINE ESPUNK (SALVADOR-BA)

MORTOS DE FOME

(ARMĂCEDOM)

Nós comemos de vez em quando
Não sabemos o que é nutrição
Sentimos o ossos colados na pele
Pioramos de geração para geração.
Qualquer dinheiro para nós está bom
O que o patrão fala sempre está certo
Enxergamos muito mal, escutamos poucos sons
A nossa vida é curta, a morte está por perto.
FAVELAS E BARRACOS, MORTOS DE FOME.
ROUPAS ESFARRAPADAS, MORTOS DE FOME.
NENHUMA EXPRESSAO, MORTOS DE FOME.
VIDAS ENGANADAS, MORTOS DE FOME.
Vivendo como máquinas, máquinas com erros
Procuramos não pensar, passeamos nos enterros
Uns aprendem a roubar, outros aprendem a mendigar
Entramos nessa rotina até aprender a matar.

PUNKS — Nasceu a primeira banda punk cartoca: *Coquetel Molotov*. O 1.º show rolou este mês, num obscuro bar do Méier, mas eles prometem muito mais. Quem viver, verá. Já circulando entre a punkizada do Rio o 2.º n.º do fanzine *Manifesto Punk*. Custa Cr\$ 150 e quem estiver a fim escreva pra Tatu — R. Odilon Araújo, 99/301 — Méier — RJ. Cep. 20.771. Também este mês, no MAM-Rj, exibição do v.t. da Olhar Eletrônica, *Garotos do Subúrbio*, que dá um panorama do movimento paulista. Punks do Rio, não percam. Finalizando com Rj, comunico que, toda 6.ª, no Várzea Country Club, rola a partir das 21h uma noite de rock onde só toca punk, heavy e new wave. Tem pra todos. O clube fica no Engenho de Dentro, ok? Agora, Sampa: Dezembro cheio de agitos nos mais variados locais. No curso *Inter-Graus*, de Pinheiros, acontece um mini-festival com os grupos U.T.I., Inocentes, Lixo-mania, Neuróticos, etc. Informações no local: R. Arruda Alvim, 251. Acontecendo também o lançamento do lp *SUB* que tem no vinil Ratos de Porão, Cólera, Fogo Cruzado e Psycóze. Foi dia 04/12 na P.U.C. Chocou!!!

SHOW DE LANÇAMENTO
DO COMPACTO "MISÉRIA E FOME"/INOCENTES.
A VENDA
A NO LOCAL

AO VIVO NA P. U. C.

INOCENTES

RATOS DE PORÃO

E DOSE BRUTAL

Sábado Dia 04/06/83

às 22:00 Horas

INGRESSO Cr\$ 500,00

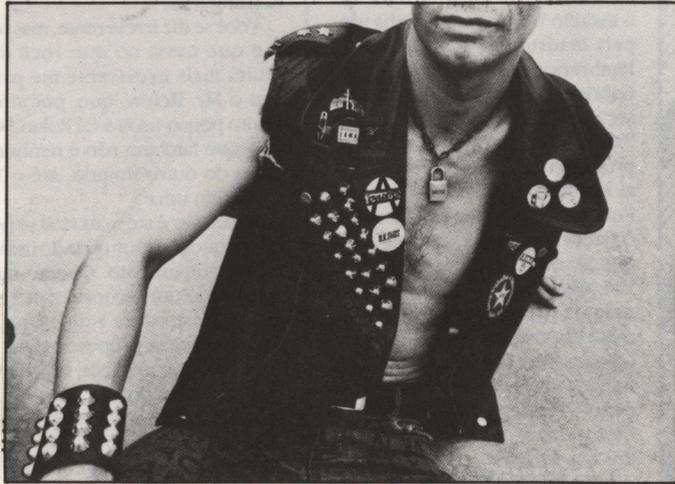
Rua Monte Alegre, 315

NOVO ENDEREÇO DA "PUNK ROCK" DISCOS RUA AUGUSTA, 2299 L-10



**Em São Paulo,
Bivar (no centro)
leva os punks até a
mídia perplexa
(à esquerda, por
exemplo). Pânico
em Pompéia?**

**No Rio, a espantosa
metamorfose de
uma pista de skate
do subúrbio.
Anarquia em
Campo Grande?**



Fagan: "hit parade", depois da visita à rainha

Palácio punk

Quem ainda se lembra de Michael Fagan, que no ano passado atravessou a segurança de Buckingham e sentou-se na cama da rainha Elizabeth para um papo ameno? Pois o intruso do palácio está agora encantando as platéias londrinas como a mais nova estrela da música *punk*, no grupo Bollock Brothers. Na época da invasão, Fagan estava desemprega-

do. Preso e libertado - a Justiça britânica não conseguiu determinar nenhum crime -, aproveitou a notoriedade. Seu *hit parade*, aliás, é *God Save the Queen* - uma paródia do hino nacional, inspirada em seu próprio caso.



Kid Vinil, 28 anos, líder do grupo punk Magazine
Kid tem a mesma dúvida de Pelé: brasileiro sabe votar? "Se não sabe, vai aprender com paulada na cabeça", raciocina. "E eu também quero levar a paulada"



Napalm, em São Paulo: o fim do templo "punk" e "new wave"

O "rock" do adeus

"É a crise", explica Ricardo Lobo, "o pessoal que freqüentava o Napalm não tem dinheiro para gastar". Mas nem por isso o proprietário da casa mais punk de São Paulo ficou deprimido diante da decisão de fechá-la após quatro meses de agitos. No último fim de semana, ele (que investiu 10 milhões de cruzeiros no Napalm) promoveu uma verdadeira maratona new wave, com shows das bandas Plebe Rude e TFP, vídeos gravados de todos os grupos que passaram pelo Napalm (como As Mercenárias, Coke Luxe e Ultraje a Rigor), o documen-

tário *Ofensiva Final* (sobre a revolução sandinista na Nicarágua) e, é claro, muito rock para que os últimos fregueses se despedissem da casa dançando.



O Triunfo da Morte (detalhe), de Bruegel: escalada constante



Inauguração — salão punk

EM Sto. ANDRÉ- R. TAUBATÉ, 913 VILA SÂ- DESCER NA ESTAÇÃO UTINGA

ESTE SALÃO SE DEVE AO ESFORÇO E UNIÃO DOS PUNKS DO ABC
NÓS DEPENDEMOS UNS DOS OUTROS PARA PRESERVAR O QUE É
NOSSO, E LEVAR NOSSO MOVIMENTO CADA VEZ MAIS PARA CIMA

PREÇO- ~~CR\$~~ 300,00
(mina paga meia)

PARTICIPAÇÃO DAS BANDAS -

INFRATORES E
DESEQUILIBRIO SOCIAL

HORÁRIO - DAS 19:00 às 4:00 HORAS



O punk de volta
com força total



Garotos Podres

O punk vai rolar solto na tarde do dia 02 de março, das 15h00 às 23h00 no salão do Sindicato dos Gráficos de São Paulo. É que vão estar se apresentando as bandas: Garotos Podres, Histeria, Círculo Vicioso Leucemia, Excomungados, Auschwitz, Vírus 27, Desequilíbrio Social e Ereção Fatal. A realização é da equipe Aborto Imediato que distribuiu uma carta aberta aos militantes e bandas punk s propondo a abertura de um local "que seria destinado não só aos punk s, como também a todos aqueles que se identificam com o movimento. A carta aberta diz ainda que "o punk é o único movimento de contracultura que pregou a necessidade da destruição da sociedade capitalista e a criação de uma nova ordem social em seu lugar. Porém esse movimento menosprezou uma filosofia tida como a mais avançada dos últimos tempos, para se colocar somente enquanto movimento musical e se desdobrando em um sentido que vai de encontro aquilo que sempre repudiou: "o movimento hippie"; ou seja, negando a sociedade, porém; não a contestando, objetivando transformá-la de fato".

E o movimento punk está indo muito bem, ganhando espaço até mesmo em emissoras de rádio FMs, tipo FM 97, 89 FM e Imprensa FM que diariamente executam várias músicas de banda Garotos Podres, Cólera e outros. (Ver acontecendo).

GAROTOS PODRES

SHOWS - DISCOS -
CAMISETAS

MAIORES INFORMAÇÕES
ROCKER PRODUÇÕES

Rua Afonsina 74 1º Andar Sala 7
Fones 455-4899 - 447-3464 rec.



BLOKEIO MENTAL



O BLOKEIO MENTAL se apresentará no próximo dia 23/07 no estacionamento de teatro da UFMT. Você está convidado a participar dessa apresentação, que será o "Holocausto Final".

OBS: Aproveite p/ conhecer o grupo de SPEED TRASH METAL "SS", e se você já conhece, foda-se!!!!



Cólera. A Batalha continua

CÓLERA - formada em 79 com a proposta de fazer um trabalho sério.

Suas letras falam de liberdade e protestam contra as injustiças do mundo como por exemplo: as guerras, o facismo, os mísseis nucleares, a violência, a fome, etc...

O som é pesado, mais conhecido como **música de garagem**.

A banda já participou de vários festivais como; 1º Festival de Rock de Juiz de Fora em agosto de 83; "O começo do fim do mundo" no Sesc Fábrica da Pompéia (SP) em 82; 2º Festival de Rock de Juiz de Fora em agosto de 85; e ainda realizou vários shows por todo o Brasil em lugares como: Radar Tantã (SP), Circo Voador (RJ), Forte da Barrã (BA), etc...

A banda tem um vídeo-clip com duas músicas editadas (Imagens ao vivo) para exibição em TV e para locação/venda.

DISCOGRAFIA:

- 1 - LP "Grito Suburbano" - 4 músicas participação. Lanç. 82 no Brasil - em 84 na Alemanha.
 - 2 - LP "SUB" - 6 músicas participação. Lanç. 83 Brasil.
 - 3 - LP "O Começo do fim do mundo" - 1 música participação ao vivo.
 - 4 - LP "TENETE MUDAR O AMANHÃ" - LP individual com 20 músicas.
- Lançado em 85 p/ ATAQUE



FRONTAL. Distribuído nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, Portugal, Suécia e Brasil.

5 - LP "Ao vivo" - 6 músicas. Lado a lado com outra banda. 85.

6 - LP "ATAQUE SONORO" - 2 músicas participação. Lanç. 85.

7 - LP "BEATING THE MEAT" - 2 músicas participação. Lanç. em 84, pela Xcentric Noise Records & Tapes na Inglaterra.

8 - LP "EMPTY SKULIS" - 2 músicas participação. Lanç.: 85 nos EUA.

A banda é formada por: PIERRE (Bateria/vocal) - VAL (Baixo/vocal) - REDSON (Guitarra/vocal).

Depois de uma turnê pelo Brasil, o Cólera está batalhando uma turnê por vários países da Europa, o que deve se realizar no verão de 86 (de lá). A base dessa turnê é um compacto com três músicas que está sendo lançado na Bélgica.



ATAQUE SONORO - Vários (Ataque Frontal)

Pela enésima vez, aí estão os punks dando lições de competência empresarial e garra às grandes gravadoras e seus conjuntos de bailarico. Esta é uma coletânea surpreendentemente variada, do *hardcore* ao *Oil*, passando pelo *skate punk* (e provando que é possível distinguir os grupos punk uns dos outros - coisa em que nem eu acreditava muito). Um verdadeiro quem é quem no punk brasileiro que, aliás, é sucesso na Europa e na América - digo, entre os punks de lá.

Bandas de São Paulo, Rio, do ABC paulista e de Santos - Vírus 27, Ratos do Porão, Garotos Podres, Espermogramix, Auschwitz, Desordeiros, Cólera, Grinder's, Armagedom e Lobotomia - aparecem com duas faixas cada, plenas de charme amador, azedume e diatribes contra o sistema.

Com o som e o histórico de cada grupo no encarte, *Ataque Sonoro* é mais que um disco: é uma enciclopédia do gênero. A.A.

RUDE BOY (1978)

Foto LFI



Com The Clash, Sex Pistols, Siouxsie and the Banshees

Documentário em torno de um garoto que trabalha numa loja de objetos pornôis, acaba conhecendo Joe Strummer e vai trabalhar como roadie do Clash. Pano de fundo, Londres e o excelente festival de rock contra o racismo realizado naquela cidade no verão de 77.

Alô moçada do Rocker Jornal. Estou lhe escrevendo para sugerir um apoio ao Rock em termos gerais. Em todos os números que li, só encontrei artigos abordando grupos punk's. Gostaria de saber se vocês redatores têm algum vínculo com este movimento, espero somente que seja o de informar. O Rocker é um veículo de informação alternativo certo?, então deve abrir caminho a todo e qualquer tipo de movimento, a opinião política dos Heavy's é muito boa. Os punk's falam mal e agredem nós porque são tapados.

Isaias de Almeida
- Santo André -

Caro Amigo

Concordamos plenamente com você em duas questões. O Rocker realmente é um veículo de comunicação alternativa, e as brigas dos Punk's com os Heavy's é pura babaquice. Quanto à sua pergunta se somos punk's - respondemos Não. O motivo dos artigos anteriores a respeito deste movimento é que o mesmo está se sobressaindo com mais evidência aqui na região do ABC. Agora se você ler o jornal inteiro vai se surpreender, porque neste mês tem 12 Bandas, além de uma coluna só de Heavy Metal. Por isso divirta-se.



Siouxsie

CARLITU'S

Adega - Diferente

APRESENTA

Show Rock Carlitu's

Bandas: Calibre 38 e Espermogramix

Sex, 10 e Sab, 11

Em Junho Sensacional Festival de Rock e Festa Junina

Praca Mananua 291 - Bento Ribeiro

JESUS É O PODRE VEM AI

Era uma vez um presidente de gravadora brasileiro que recebeu um telefonema transatlântico. Na linha um empresário oferecia uma turnê conjunta que traria ao Brasil, pela primeira vez, o **Public Image Ltd.** de Johnny "ex-Podre" Lydon mais **The Jesus and Mary Chain**. O presidente de gravadora, dono do passe do PIL por essas plagas, não pestanejou e disse sim. Resultado: não é nada improvável que em setembro os cariocas façam uma peregrinação ao Maracanãzinho envergado suas camisas pretas. Só resta torcer para que a turnê não gore. Quem quiser, pode começar a corrente do Tem Que Dark Certo.

Foto LFI



O PIL na fase Flowers of Romance (81)

HEAVY É A MÃE!



Os Ratos de porão (da esquerda) Jaba, João e João - Ta foi o batera Espaguete

Segue aqui o manifesto dos **Ratos de Porão** enviado à nossa redação:

"Nunca entenderemos alguns punks que, com sua alienação e fanatismo, não sabem o que pensam nem por que agem de forma tão estúpida".

"Não estamos nos referindo a ninguém em especial. A carapuça servirá em quem há de servir."

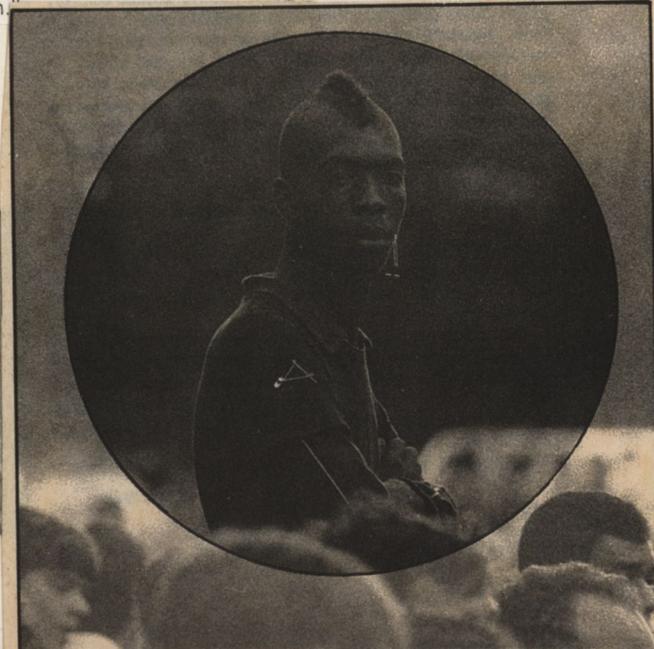
"O grande problema é que estão nos chamando de traidores do movimento e dizendo que viramos heavies, sem saber o que pensamos ou, ao menos, ouvirem nosso som."

"*Primeiro.* Nós odiamos a ideologia heavy, repleta de babaquices satânicas e que, sendo muito mística, mostra que eles não têm coragem de ver a realidade do jeito que é."

"*Segundo.* Estamos fazendo uma derivação do hardcore chamada *trash*, um som mais rápido, sujo e agressivo, não tendo nada a ver com heavy metal."

"*Terceiro.* Visual não é sinal de ideologia. Os Ramones são cabeludos e adorados até hoje. Bandas *oi!* como Cockney Rejects, Infa-Riot e Last Resort têm como banda predileta o Motorhead. Afinal, tudo é rock."

"Para finalizar, somos punks de cabeça e coração, muito mais que certos tipos que se fantasiam à noite para impressionar as meninhas. Não temos compromissos com ninguém, tocamos para qualquer tipo de público que se considere neurótico, psicopata e com o saco cheio da vida. Qualquer dúvida, comprem o disco e ouçam!"



INOCENTES: PUNK PAULISTA, AGORA EM MULTINACIONAL

No Brasil o porão foi transferido para a sala de visita: os **Innocents** levaram seu punk atualizado para uma multinacional, o **Black Future** (trio carioca) se embrenhou no experimentalismo concretista que faz a fama do **Sigue Sigue Sputnik**, e a **Plebe Rude** rachou o concreto das principais capitais brasileiras com um dos melhores discos de estréia de que se tem notícia.

As tentativas de fazer de Londres o centro mundial do rock são reacionárias. A tão propagandeada "vanguarda inglesa" é um engodo, o último suspiro de um movimento que já foi rico em idéias. O que mais me interessava no punk era o seu cinismo — os **Sex Pistols** foram um grupo tão artificial quanto o **Menu-do**. Quem desconhece a importância da trilha intelectual formada por **Malcolm McLaren**, **Vivienne Westwood** e **Jamie Reid** para a concepção visual/musical/política da banda é, no mínimo, desinformado. O punk não foi, nem de longe, um movimento espontâneo de jovens trabalhadores britânicos. Suas caretas rebeldes não deviam ser levadas a sério.

Mas os grupos pós-punk entenderam tudo errado. Eles se levaram a sério. Consideraram-se artistas sensíveis e revolucionários. Transformaram a cena musical inglesa em uma insuportável paródia do rock progressivo. Prefiro o lado mais comercial do rock britânico. A música não importa; a arte, aqui, é a técnica mercadológica.

OS PROJETOS SOLO DOS RAMONES



Os fabulosos "irmãos" Ramone: Johnny, Joey, Dee Dee e Marky; em breve, a sold

Mal foi lançado seu décimo álbum — o feroz *Animal Boy* — os Ramones já estão falando em projetos solo. O baixista Dee Dee Ramone anunciou tomando lições de guitarra e, como resultado, as novas músicas que compôs "têm um som muito parecido com o dos Rolling Stones". Os Stones? "Descobri que é mais fácil soar como Keith Richards do que como Jimi Hendrix, he, he", argumentou Dee Dee. Por que um álbum solo? "Dá mais grana", sentenciou. O vocalista da banda, Joey Ramone, também prepara um disco individual. "Tem uma porção de coisas que eu gostaria de cantar", disse Joey, "mas teria que convencer toda a banda. Então, pensei — f...-se, faço sozinho."



Gerardo Luiz Gomes



RATOS DE PORÃO: HARDCORE A VALER

DEAD KENNEDYS NA MIRA DA JUSTIÇA

A onda de moralismo contra o rock, nos Estados Unidos, continua a todo vapor. As vítimas desta vez são os **Dead Kennedys** e seu selo, **Alternative Tentacles**, que correm o risco de pegar até um ano de cadeia.

Tudo começou com a entrada na Justiça de uma irada mãe californiana, depois de ter surpreendido a filha com o poster encartado em *Frakenchrist*, o último LP da banda. Trata-se de uma obra de **H.R. Giger** (que ficou famoso pelo cenário do filme *Alien*) chamada "Penis Landscape" (Paisagem de Pênis). Por essa, os Kennedys mortos seriam enquadrados na lei que proíbe vender pornografia a menores de idade.

1976. Os **SEX PISTOLS** tomam o rock de assalto produzidos por Malcolm McLaren e sua esposa Vivienne Westwood (hoje estilista de renome). Um casamento do lixo da sociedade de consumo — plástico, alfinetes, correntes — com toques dos anos 50. Na foto, Johnny Rotten exibe um visual de rocker: paletó rockabilly e topetinho gomalinado, enquanto Sid Vicious traça um punk clássico, na combinação pele de onça sintética com sutil colar de cadeiaado



The Clash — This Is Video Clash — estéreo hi-fi, 31 minutos, CBS/Fox — Entre 1978 e 1982 o Clash foi a "única banda de rock que valia a pena". Depois implodiu. Mas antes de desaparecer criou uma série de videoclips bastante adequados a sua música econômica, urgente e feroz. Esta compilação inclui alguns inéditos ao vivo ("Should I Stay or Should I Go" e "Train in Vain").

INCONFIDÊNCIA

MINEIRA 86

O pessoal que agita Belo Horizonte com o **Gass** — um dos melhores fanzines do país, concentrado na loja de discos **Câmbio Negro** — segue a trilha da **Baratos Afins** e lança um novo selo independente para trazer à tona o melhor do *underground* mineiro. Deve sair este mês o primeiro lançamento, um LP do **Último Número**. Na seqüência, virão o **Sexo Explícito** (*Porão* da BIZZ 6) e a **Divergência Socialista**.

Enquanto isso, o mesmo pessoal faz um programa de finíssima sintonia, o **Fahrenheit**, na **Liberdade FM**. Eles pedem fitas *demo* de todos os grupos do país. O material deve ser enviado a Arthur Couto Duarte, r. Guajajaras, 365/904, Centro, Belo Horizonte.



Zeca Rotten

Um punk de verdade faz a primeira (e única) coluna punk do Brasil!

- As falanges punk de New Jersey deram uma festa de arromba no dia 3 deste mês. O embalo celebrou o décimo aniversário da proibição na cidade do LP *Two Virgins* (onde Lennon e Yoko apareciam nus na capa). Em 69, a polícia arrecadou 30 000 cópias do disco, agora transformado em collectors-item dos punks.
- "Eu, se fosse garoto, jamais compraria um disco. As gravadoras pensam que somos trouxas." Assim reagiu o guitarrista Tom Verlaine ao saber que o preço do LP subiu para 9 dólares nos EUA.
- No último dia 5, em Londres, o lendário Electric Cinema foi palco de uma festança sem tamanho. John Paul Jones (do Led Zeppelin) e Syd Barret (ex-líder do Pink Floyd) receberam centenas de rockeiros que consumiram mais de mil litros de scotch. Paul Jones e Syd fizeram 33 anos.
- Os repulsivos integrantes do punkérrimo The Motors foram expulsos da boate Chateau, de São Francisco. Depois de se encherem de álcool, os Motors iniciaram uma baderna quebrando pessoas, garrafas e cadeiras.
- Por apenas 5 dólares você faz uma assinatura anual de SLASH, a mais nova a tenebrosa revisinha punk do planeta. Cartas para P.O. Box 48888, L.A. CA 90048, U.S.A.
- Réveillon Punk acaba em prisão. Isso aconteceu no Abbey Road, um clube de San Diego, onde milhares de loucaços foram curtir o ano-novo ao som repelente dos grupos Zeros, Penetrators, Hitmakers e Exterminators. Centenas de camburões cercaram o local e a punkadaria correu solta.
- Ninguém está entendendo: *Road To Run*, o quarto LP dos Ramones, vendeu mais de 150.000 cópias apenas em Nova Iorque.



Zeca Rotten

John Travolta, será tão famoso quanto Elvis Presley, James Dean ou Marilyn Monroe?

Andy Warhol — o filósofo-pop de Nova Iorque — disse certa vez uma frase que ficou instantaneamente famosa. Era qualquer coisa no gênero: "No futuro, todo mundo será famoso durante 15 minutos". Desde então, a profética frase de Andy é freqüentemente citada quando alguém faz qualquer coisa *chocante* e seu feito é comentado durante algum tempo e depois esquecido. Mas a frase tem, também, um pouco mais de profundidade histórica. A frase de Andy talvez signifique que no futuro remoto não haverá ídolos tão duradouros quanto os ídolos do passado. Vejamos alguns ídolos do passado. Não do passado remoto mas, digamos, dos anos 50. James Dean, Marilyn Monroe, Elvis Presley, por exemplo. Eram ídolos basicamente cinematográficos, mesmo Elvis sendo o rei do rock'n'roll e da vendagem de discos (mas ainda assim ele fez dezenas de filmes que são sempre reprisados na tevê). Dos três, James Dean morreu primeiro e prematuramente, aos 27 anos. Marilyn morreu depois, já nos anos 60, em pleno amadurecimento. Elvis morreu nos 70, ainda um gigante. A fama deles permanece e os três são mitos não só dos anos 50 mas também do século XX. De qualquer forma, eles foram ídolos surgidos nos 50. Mas... e nas décadas seguintes? Ora, os Beatles, os Stones, e muitos outros, nos 60. But... e nos anos 70, esta década que já quase finda? A década do consumo rápido e desenfreado? Até agora, é de se crer, os anos 70 só têm um grande mito (no showbiz). Seu nome, óbvio, é John Travolta. Será ele "famoso durante 15 minutos", ou seja, o *astro* de 78/79? Ou um ídolo forever? É cedo ainda para responder. Só a década dos 80 nos dirá.



Zeca Rotten

Um punk de verdade faz a primeira (e única) coluna punk do Brasil!

Não podia de forma alguma recusar o presente de meu amigo Pete Townshend. Principalmente porque, além de um convite para ir a Londres ver a estréia de seu irmão Simon, o líder do The Who ainda me agradeceu com a passagem de ida e volta. Me mandei pra Londres na segunda semana de janeiro sem me importar com o pestilento inverno inglês. E no segundo dia de minha chegada já me encontrava no pequeno auditório Golden Lion, em plena Fulham Road. Pontualmente às 8 da noite, a Simon Townshend Band adentrou o palco e sapecou seu primeiro número. Ai, comecei a ficar arrepiado de ódio. Eu, um punk por natureza, estava sendo fulminado por um som progressivo dos mais melosos. Não pensem que a banda de Simon é uma porcaria. Pelo contrário. Os meninos até que são bons e era isso que me incomodava. Graeme Tarrant é um vocalista que lembra Ian Hunter; Pat Ahern, um baterista influenciado por Ginger Backer, e, enquanto o baixista Tony Butler e o guitarrista rítmica David Bowles possuem um bom sentido de pulsação, o líder Simon é que me deixou furo da vida. O garoto tem fixação por teclados e sintetizadores e é isso que faz de sua banda um insulto para meus tímpanos punk. Pior: suas pilotagens lembram sempre o Yes e o Genesis, dois grupos que me dão náuseas, e como se isso não bastasse, ainda usam pitadas de som que deixariam o Pink Floyd morto de inveja. Já no quarto número senti que não iria agüentar tamanho atentado e saí correndo sem me despedir de meu anfitrião Pete. Me mandei pra pastilenta Round House onde The Mongoloids me salvaram a vida com seu asqueroso som arrasa-quarteirão. Me senti ressuscitado e só então percebi que o punk is here to stay. Queira ou não a rainha!



Zeca Rotten

As novidades do mundo punk contadas por um punk autêntico

- "Por favor, não me confundam com esses punks nojentos que andam por aí. Sou um músico sério e minhas letras possuem mais verdades que a própria Bíblia". A frase é de Bruce Springsteen e foi dita a um jornalista de Washington. Debbie Harris, a vocalista de Blondie, apenas comentou: "Tomara que Bruce acabe crucificado como Cristo".
- Os membros do punkíssimo The Clash estão revoltados com os críticos americanos. Todos eles acabam de classificar seu último LP, *Give 'Em Enough Rope*, como um dos melhores dessa década. The Clash pensa o contrário: "Esse LP é tão ruim que nós mesmos não temos coragem de ouvi-lo".
- O maluquete Brian Eno acaba de romper relações com todos os músicos do Devo. E também não é pra menos. A turma tomou de assalto a mansão do tecladista/produtor e, de navalha em punho, destruiu toda a coleção milionária de gravuras de Salvador Dali.
- Um novo casal faz furor nas noites londrinas: Amanda Lear e Peter Tosh. A loura Amanda e o crioulo Pete quando não estão aos beijos, estão aos sopapos. E quem tenta separá-los acaba sempre levando bolachas.
- As Runaways acabam de esfacelar o grupo pela quinquagésima vez. "Agora é para sempre", avisa o produtor Kim Fowley. "Não tenho mais saúde para agüentar esse bando de piranhas".
- Depois de fazer amizade com o "dandy" Brian Ferry, o líder do The Cars, Ric Ocasek, só desfila modelitos exclusivos assinados por Zandra Rhodes. Ele agora se considera "o belo Brummel" do punk.
- Grandes petiscos nas muitas faixas do terceiro LP-solo de Ron Wood. Além do produtor ser Roy Thomas Baker (do Queen), há ainda Charlie Watts na bateria e as vozes de Mick Jagger e Keith Richard.



Zeca Rotten

Incrível, chocante: vem aí o abominável Punkstock!

- As hordas punk não deixam por menos: querem também ter o seu Woodstock com todos os baixo-astrais de Altamont. O Punkstock vai acontecer no início de setembro, com a duração prevista de três seculares dias/noites. O local não poderia ser mais ameaçador: é o pantanal de Cherrill Lake, uma pestilenta pocilga que cobre uma área de 200 acres de lama e répteis anfíbios, na Califórnia. Grupos e astros que estarão lá: Elvis Costello, Patti Smith Group, The Clash, The Cars, os Ramones, The Boomtown Rats, The Mongoloids e, talvez, o trio de Johnny Rotten. E o pior: os (dez) organizadores do Punkstock mandam avisar aos possíveis interessados no evento que a área do festival *não* estará equipada com serviços médicos de socorro ou sanitários. Também não haverá qualquer possibilidade de se achar alimentos e refrigerantes no local. Mas, ao comprar os ingressos para o Punkstock, os punkistas terão direito a uma pistola calibre 32.
- Revolta na Inglaterra: Robert Gordon, o cantor e guitarrista ex-líder do Tuff Darts, acaba de editar, em edição mimeografada, um livreco onde diz cobras e lagartos a respeito de velhos rockeiros, como Bob Dylan, Keith Richards, Keith Moon e Jim Morrison. A coisa é tão baixo-nível que nem as hordas punk conseguiram chegar às últimas páginas. Outro detalhe: Gordon é totalmente analfabeto, e o livro é mais incompreensível que o *Ulisses* de James Joyce.
- A Lad Insane Rides Again: em seu novo arrasa-quarteirão, que ganhou o título de *Lodger*, David Bowie volta às raízes mais punk do genial *Alladin Sane*. A faixa *Look Back in Anger* é a mais furiosa retomada de clássicos como *Watch that Man* e *Panic in Detroit*.



Zeca Rotten

A única coluna punk do pedaço está uma loucura. Confira.

- Revoltante: não será editado no Brasil o LP duplo *The Great Rock'n Roll Swindle*, trilha sonora do filme do mesmo nome estrelado pelos geniais Sex Pistols. O LP tem 21 faixas escrachantes, mas a vetusta Polygram acha que o petardo não é comercial. O que vocês acham da Polygram?
- Já está decidido: o LP da ex-senhora Jagger, Bianca, será produzido pelos "Godfathers" da discoteca, Moroder e Bellotte. Esses cavalheiros inventaram a gostosíssima Donna Summer. Lógico que Bianca emplacará, como a nova rainha do som disco.
- *No Breaks* é o título do segundo LP do pulverizante The Cars. A bolacha, como a primeira, foi produzida por Roy Thomas Baker, o feiticeiro de estúdio do Queen.
- O ex-líder do Television, Tom Verlaine, escreveu para Rita Lee. Implora à nossa "cupido rocker" que faça a versão para o inglês de seu instant-hit *Papai Me Empréstou o Carro*. Verlaine quer incluir esse arrasa-quarteirão em seu primeiro LP individual.
- Lembram-se do guitarrista Mick Ronson, o afilhado de David Bowie? Mick voltou aos estúdios e está sendo produzido pelo ex-New York Dolls David Johansen. Preparem os tímpanos que aí vem uma bomba de zilhões de megatons.
- Bomba! Bomba!!! O asqueroso Johnny Rotten está decidido a ressuscitar os temíveis Sex Pistols. O boato surgiu em Londres e Joãozinho Podre, para felicidade geral das hordas punk, não desmentiu essa suposta cascata.
- Outro boato: Contam que o Woody Allen da "New Wave", o pavoroso Elvis Costello, acaba de se internar num hospital londrino para se submeter a uma plástica. Costello quer trocar sua cara pela de John Travolta. Disgusting!!!



O punk *Jubilee* foi lançado em Londres como "uma reflexão sobre os dias de hoje", mais ou menos o que *Sem Destino* representou para os anos 60 e *Laranja Mecânica* para o começo dos 70. *Jubilee* é um dos filmes mais violentos dos últimos tempos.



O punk alucinado e alucinante dos exímios Sex Pistols.

Já tinha ouvido alguma coisa elogiando os reis do punk-rock: os Sex Pistols, um bando de alucinados que estão fazendo músicas da pesada e mexendo nas cabeças dos gatões e gatinhas de todo o mundo. Foi aí que cheguei na loja e de cara vi o disco deles, fiquei chapado ao colocá-lo na vitrola. O barulho, que é a coisa mais importante do rock, aquele disco possuía — e até demais. Dava uma vontade tremenda ao meu corpo de dançar, mas de dançar igual a um rebelde. Parecia que o meu interior estava em alto astral, sendo invadido pelas músicas de Paul Cook, Steve Jones, Sid Vicious e pelo temível Joãozinho Podre. Parecia que o punk estava todo contido naquele disco. Depois, alucinado com tudo isso, peguei a grana e sem mais perguntas paguei e fui embora.



Zeca Rotten

Um punk de verdade faz a primeira (e única) coluna punk do Brasil! Confira.

O mais punk dos punks, o crazy Iggy Pop, se encontra em Los Angeles produzindo seu novo LP, no Paramount Studio. Para surpresa geral, Iggy colocou aviso na porta do estúdio proibindo a entrada de David Bowie e Brian Eno, que produziram seus últimos LPs. O novo vai sair em selo Arista.

● The Blind Pig é o nome da mais nova boate de Santa Mônica exclusivamente dedicada aos grupos punk. O clube foi inaugurado em janeiro com uma série repulsiva de atrações: The Sharks, Rub, Louie Lista, Dave Wolf, Cotton, The Colin Spineter Band e Kathy Segal and Motherlode. Por enquanto a polícia não teve trabalho com as hordas punk que assolam o local.

● Red Noise é o novo grupo inglês liderado pelo massacrante guitarrista Bill Nelson, ex-fundador do extinto Be-Bop De Luxe. Nelson está se preparando para uma longa tour européia que começa em Londres agora em março. O disco de estréia do Red Noise já está pronto mas só será lançado em maio.

● Os Rolling Stones passaram janeiro e fevereiro em Nassau, nas Caraíbas, gravando seu novo LP. Isso apesar de a banda haver gravado material suficiente para três álbuns, que seriam lançados mesmo se Keith Richard estivesse em cama. Mas, como o guitarrista foi absolvido, apenas algumas dessas canções serão aproveitadas no novo LP.

● Ninguém sabe bem o que significa *soft punk*, mas é esse o gênero de música que servirá de estandarte para o novo grupo inglês, Dire Straits.

● Para tristeza geral das falanges punk, Johnny Rotten (o Joãozinho Podre) penteou os cabelos e ficou a cara de David Bowie. Com sua pinta de galã de TV, Rotten aparece na capa de seu LP *Public Image*. Disgusting!



PUNK DE FRONTEIRAS

As correntes, Luís Sacramento urrava frases chocadoras em meio aos mais famosos hinos de punk que emanavam dos instrumentos da furiosa banda. No ponto alto do show, o vocalista lançava palavras cusparadas em direção de seus convidados. Mais, um grupo de músicos que vagava pelo palco. Os convidados, por seu lado, retribuía na mesma moeda. Ao fim da temporada, Luís Sacramento saiu do violento prejuízo com o primeiro show, Luís Sacramento mostrou satisfeito com a recepção destinada ao público. Considerando a atitude positiva a banda de novo a Paulo, em abril ou maio, mostrar um novo show, já em fase de montagem amará *Tortura*.



Sacramento & Cia. o punk no circo dos horrores

VIOLENTOS, MAS SEM VIOLENCIA

Os grandes centros caracterizam pela violência. De repente surge um movimento jovem que assume um comportamento diferente, que agride visualmente mas que é contra a violência: são os Punks, que ontem realizaram seu primeiro festival aqui em Prudente.



"A vida é uma droga. Nós queremos expressar a revolta por um mundo podre, com guerras, fome e sofrimento. Só que sem violência, só através do som e do nosso visual". São os Punks, falou?



S/D - V - 34

BACO CONVIDA:

15 SET 1984

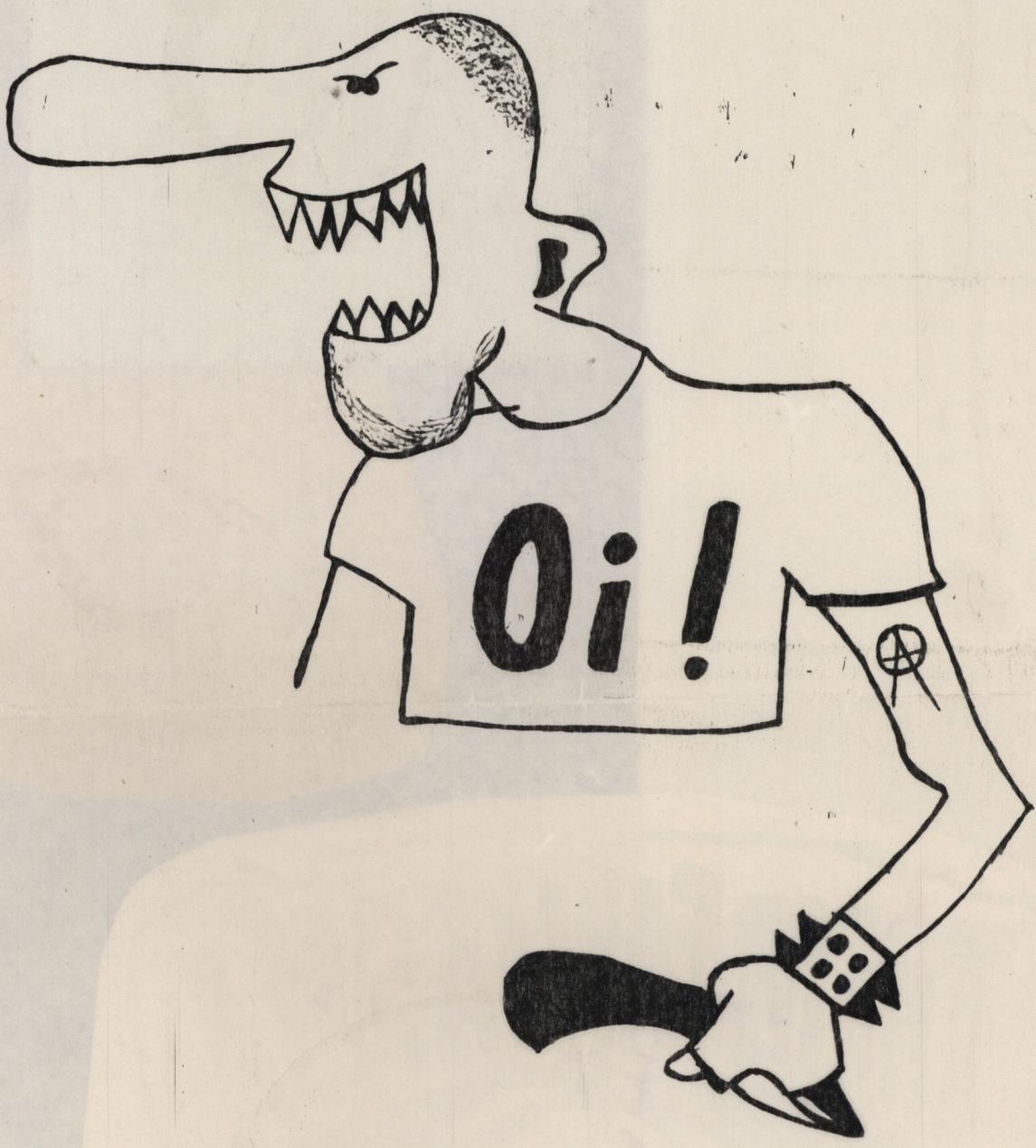
MUITO SOM
+ 1 BARRIL
+ PUNK
AO VIVO

R. OTAVIO T.
MENDES
SOBRINHO
Nº 385 - VILA
SIA

CONVITE

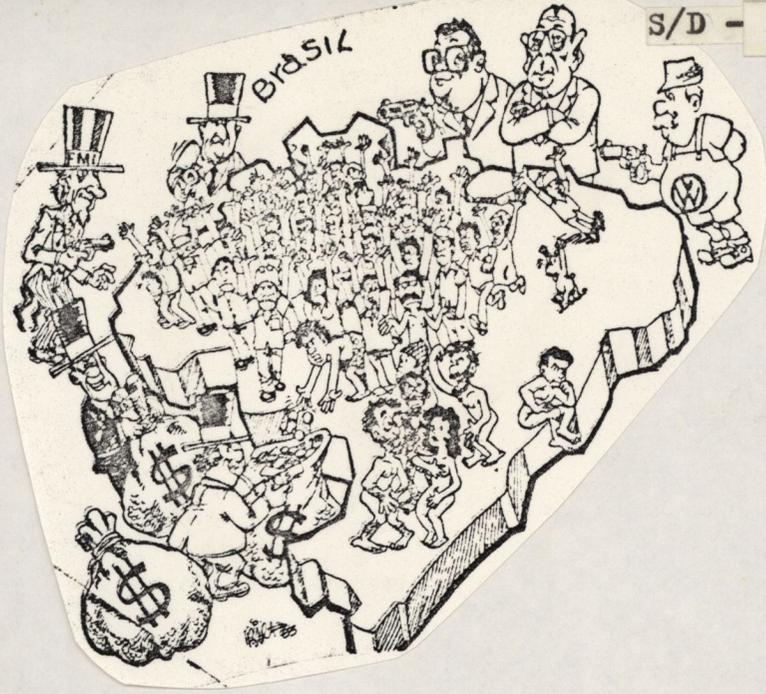


FOTO DE CIMA - IRIS
DA ESQUERDA PRA DIREITA
ALTO - BAIXO
CONSONANTE - VOCAL
CLAVIÃO - GUITARRA
BASSO - BATERIA (LA MONTANA)





O "punk" Ruiz no Congresso



Emoções ainda mais fortes estavam reservadas aos argentinos nessa excitante primeira semana de retorno ao ar puro da democracia. Apropriadamente tratada como um momento de glória pela imprensa, uma ordem judicial determinou a entrega do menino Juan Pablo Moyano à guarda de sua avó. Há seis anos o garoto estava sumido. Ele

tivera o mesmo destino de mais de cem outras crianças, filhas de pessoas desaparecidas pelo regime, que eram entregues clandestinamente a orfanatos ou outras famílias. Com gestos como esse, de alto a baixo a Argentina experimentou a insubstituível sensação de que as coisas mudaram para melhor. O cartunista Andrés Cascioli, diretor da revista *Humor*, reconforta-se com a certeza de que não mais terá o que temer por fustigar as autoridades. O comportamento dos cidadãos se modifica. Não há mais por que aceitar passivamente a arbitrariedade. Agredido gratuitamente por policiais que lhe haviam pedido os documentos na rua, o jovem Andrés Ruiz, 19 anos, cantor de um conjunto *punk* de Buenos Aires, não titubeou em levar a denúncia da agressão ao primeiro lugar que lhe ocorreu - nada menos que o Congresso Nacional. "Eles se esqueceram de que agora vivemos numa democracia", proclamou. Signifi-

cativamente, Andrés foi atendido e acalmado por um gentil e corpulento senhor de 41 anos, Rivero Forcato, que deve seu emprego à reinstauração da democracia. Despedido do quadro de funcionários do Congresso quando a instituição foi fechada pelos militares, em 1976, Forcato há dias foi reconduzido ao cargo. "Agora que temos democracia", raciocina, "nossa obrigação é cuidar dela com todo o carinho". É uma sensação semelhante que faz o jornalista Roberto Guareschi, 38 anos, editor do importante diário *El Clarín*, desabafar: "Agora podemos voltar a ter orgulho de ser argentinos".

SHOW PUNK
LOCAL: J. SONIA MARIA
R. FRANCISCO AGUIAR 63
DIAS: 11 e 12
11 das 14 as 20 H
12 das 15 as 20 H
HOMEM 400
MULHER 200
PUNK'S UNIDOS

No início era o tédio. Depois veio o punk. Uma bomba na letargia dos anos 70, tão devaſtadora quanto a de surrealistas, dadaístas, lúcidos loucos do *flower power* e da revolta estudantil dos anos 60
Por Pepe Escobar

O SOM DA PUNKADARIA

Os ícones do rock anos 50 se auto-imolaram. Eddie Cochrane em um acidente de carro. Elvis **santificado** pelo Exército. Chuck **Berry** na cadeia. Jerry Lee Lewis **aniquilado** por escândalos. Buddy **Holly** morto em desastre aéreo. Little **Richard** evangelizado.

Os ícones do rock anos 60 eram czares **obscenamente** ricos. Parodiavam glórias passadas. Padeciam de pretensão de "artistas". Muita farmacologia. Muito trânsito entre os ricos e os **entendiados**. Pouco rock.

Crise econômica. Veio o **glitter**. Bowie, **Marc Bolan**, Gary **Glitter**, Roxy **Music**. Uma estética temporariamente **agradável**. Depois, o peso renovado da crise. Desemprego, subúrbios **desolados**, estudantes revoltados.

Na Inglaterra cinzenta, pré-apocalíptica, **surgiu** uma nova geração. Músicos, **cantores**, fãs, arruaceiros, parasitas. **Todo** mundo querendo uma **anarquia**. Não acontecia absolutamente **nada**.

Anticristo

Era uma **garotada** proletária. Cabelo curto, **roupa** seca e em cima.

Pouco a fazer, a não ser olhar feio. Uma massa de energia bruta reprimida. Só faltava um anticristo messiânico para mudar este poder latente em um rock destruidor.

No meio da década, já se espalhavam as raízes das bandas punk. A London SS, com Mick Jones (depois Clash), Brian James (depois Damned) e Tony James (depois Generation X). Joe Strummer, o Lula do punk, com os 101'ers. Dave Vanian (depois Damned) era coeiro. Hugh Cronwell (depois Stranglers) dava ácido para seus alunos na Suécia. Três morcegos suburbanos adoravam o Who, tocavam músicas dos anos 60 e se autodenominavam The Jam. Na terra desolada da adolescência, vagavam a **colored** Poly Styrene (depois X-Ray Spex), Billy Idol (depois Generation X e superídolo), Howard Devoto (depois Magazine). Seriam os líderes das bandas punk/rock da **primeira onda**, pós-Sex Pistols.

Já corria solta a **renascença** do rock. Fontes principais: Iggy Pop, o apocalíptico psicótico; MC5, os hippies radicais; David Bowie, o camaleão enigmático; a tradição Mod do Who e Small Faces em começo de carreira. E os New York Dolls: uma bomba de arrogância e tendências autodestrutivas. A primeira banda dos anos

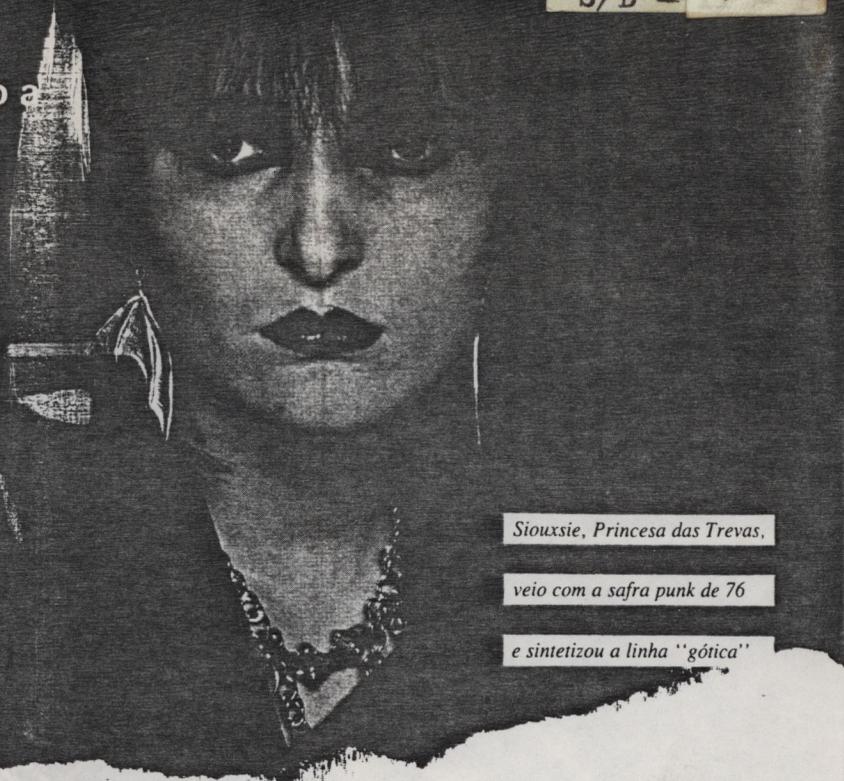
70 a sugerir que uma nova geração estava começando a transformar estilo em revolta. Acabaram como James Dean: um final trágico, inevitável e perfeito.

Malcolm McLaren estava por trás de tudo. Um dos maiores sismógrafos da cultura jovem em todos os tempos. Como ele inventou os Sex Pistols todo mundo sabe. Johnny Rotten/ Lydon era o que faltava: a personificação definitiva da atitude punk, envolta em hostilidade cínica. Desde seu primeiro show, em novembro de 75 — um escândalo —, os Sex Pistols cristalizaram uma frustração reprimida generalizada. Sozinhos, instigaram um movimento, dando-lhe forma, estilo e direção. Rotten, com sua cabeça de morte, era o ícone.

Tolos e Violentos

Estava provado. Qualquer um podia tocar rock'n'roll puro e frenético. Bastava arrumar algum equipamento e aprender alguns acordes. E veio o nome: **punk**. A partir das **garage bands** americanas dos anos 60, produtoras de sons caseiros, rápidos, tolos e violentos.

Estourou a subcultura: imprensa alternativa, moda, alusões indiscriminadas a sadomasoquismo, fascismo e transexualismo. Tudo muito bem calculado pelo contingente da moda: os primeiros discípulos dos



Siouxsie, Princesa das Trevas.

veio com a safra punk de 76

e sintetizou a linha "gótica"



Malcolm MacLaren (esquerda)

encontrou em John Lydon

a pose e a voz "perfeitas"

Fotos LFI

Pistols. Entre eles, Siouxsie, ex-Susan Janet, futura Dama Negra, Sid Vicious, futuro Pistols e autodesignado mártir de uma era.

O rock sempre flertou com a violência como metáfora. Rotten destruiu a pose e a substituiu pela realidade. A raiva era a mais importante arma dos Pistols. Seu som era propositadamente demencial, destrutivo e depressivo. Contra o monolito da indústria da música e o horror deste sórdido planeta. Tocaram para *socialites* entupidos de tédio e pó, e para armadas de garotos barras-pesadas em clubes precários. Já no final de 76, bombardeavam com napalm a psique européia.

As principais bandas logo definiram suas imagens individuais. Os Pistols como depravados mendigos anarquistas. O Damned como palhaços do horror pastelão. O Clash como guerrilheiros urbanos e poetas políticos infiltrados na mídia. O Jam como herdeiro do Who. Os Stranglers como intelectuais cínicos (e odiados pelos punks por sua "herança hippie"). Os Vibrators como personagens de história em quadrinhos.

Chegou a hora de passar para o vinil. Começaram a estourar os pequenos selos independentes. Mas as multis estavam de olho. O punk era viável comercialmente. Logo foi absorvido pela estrutura corporativa capitalista. Em novembro de 76 os Pistols saem à rua com "Anarchy

in the U.K.". O enraivecido tema da juventude do mundo moderno, cru, clássico, exalando um niilismo furioso, empurrando a perene possessão demoníaca do rock para extremos impensáveis.

Depois, a queda, lenta, inexorável. Escândalos, pancadarias, navalhadas. Tumulto generalizado. Onde quer que os Buzzcocks (com o romântico desiludido Pete Shelley na guitarra), Clash, X-Ray Spex ou os Heartbreakers do ex-Doll Johnny Thunders tocavam, era o caos. O Roxy Club, em Londres, meca punk, pegava fogo (até os donos do clube acabaram com o negócio em abril de 77). As multis começaram a atacar pesado. A CBS pegou o Clash e os Vibrators. A United Artists, os Stranglers e os Buzzcocks. A Polydor, o Jam. O Damned continuou na Stiff, pequeno selo independente que logo lançou duas bombas: Elvis Costello e Ian Dury e seus afunkalhadíssimos Blockheads.

A Stiff tinha um contrato com a Island, que lhe garantia farta distribuição na Europa.

Bomba após Bomba

77, ano mágico e caótico, foi o estouro generalizado. Este que vos fala esteve na Inglaterra boa parte do ano e acompanhou a voragem do processo. Uma bomba atrás da outra. Em janeiro, saiu o *Low*, de

Bowie, ditando os caminhos para a futura cópula música/eletrônica. Patti Smith, a papisa punk/symbolista americana, quebra uma vértebra em um show. Em março, Iggy e Bowie tocam juntos ao vivo. Sid Vicious entra arrasando nos Pistols, no lugar de Glen Matlock (esse foi tocar depois com Iggy). O Clash lança seu antológico compacto "White Riot". Em abril, o Damned faz o primeiro show punk inglês nos EUA. Os Stranglers lançam seu primeiro LP, logo convertido em hino da moçada cavernosa. Em maio, os Sex Pistols assinam com a Virgin, depois do pau com a EMI. Em junho, o Jam briga com o Clash. Os Pistols tocam em um barco no meio do rio Tâmsa, sai o maior cacete e Malcolm McLaren é um dos presos. Em quase todo show punk, ou na rua, sai briga. Todos os músicos, incluindo Bob Geldof nos primeiros flertes do Boomtown Rats com a pop music, e Gaye Advert, a bela morena baixista dos Adverts, levam porrada ou navalhada. Em agosto, morre Elvis, aos 42. Em setembro, Marc Bolan, um deus na Inglaterra, aos 29. O Clash solta *Complete Control*, co-produzido pelo bruxo do reggae Lee Perry: O pau come solto e está acabando uma era.

Os selos gigantes, as grandes salas de show, a espetacularização através da mídia — especialmente da TV — e toda a máquina da indústria da música absorveram e trituraram o punk. Virou moda. Passa-

Iggy Pop, primeiro pré-punk

da História, lançou a linha

"autoflagelação" que

consagrou Sid Vicious (direita)

Foto LFI

Foto Nini

geira. Sem mais possibilidade de bombardear o sistema. É a mesma história de sempre. A indústria da música manteve a ilusão de rebeldia no punk por algum tempo. Usou as mesmas e velhas cenouras: dinheiro, sexo, drogas e fama. Extraiu os dentes podres do punk e o converteu em mais um meio de produção de grana. "Anarquia", pediam os Pistols. "Rebelião", pediam os Clash. Os Stranglers, no seu segundo LP, cínicos e sabendo a época em que viviam, limitaram-se a constatar: "Chega de heróis".

Serra Elétrica

Mas persistiram — e ainda persistem — grandes sons. As melhores bandas continuaram fazendo bons discos — alguns até mesmo excepcionais. Quem não os conhece, hoje, deve escutá-los correndo. Quem conhece deve refazer a viagem. Entram aí todas as podres pérolas da primeira fase: Pistols (com a devastação de "Holydays in the Sun" ou "No Feelings"), os dois primeiros LPs do Damned, o primeiro do Clash, o Jam em sua fase ultra-Who, os dois primeiros Stranglers. E os formidáveis Buzzcocks. Seu segundo LP, já de 78 (*Another Music in a Different Kitchen*), é an-

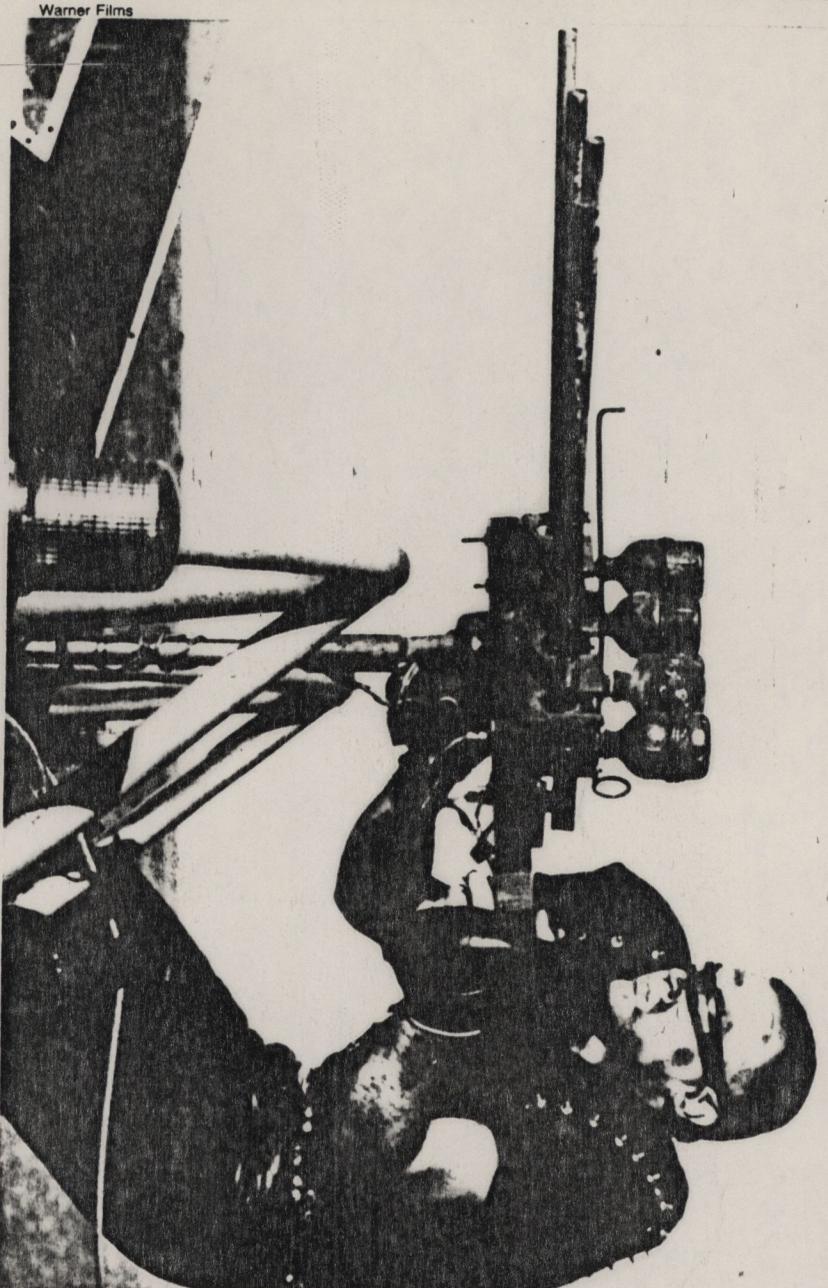
tológico. Eles pegam um som *light metal*, de guitarra distorcida, e o usam com extrema habilidade para construir canções pop, secas observações sobre a vida e o amor. "Fiction Romance", a primeira do lado A, vai na veia: um riff pesado e discordante por trás do qual articula-se o drama do romântico desiludido tentando enfrentar a dura realidade.

Dos destroços punk, em 78, surgiram históricas resplandecências. Como *A Tonic for the Troops*, o segundo LP dos Boomtown Rats, onde empregam várias formas de rock, reggae e Bob Geldof manda pau nas letras. *Real Life*, do Magazine de Howard Devoto (que antes fazia dupla infernal com Shelley nos Buzzcocks), é uma hóstia sagrada. Dá vários passos além do conglomerado dos três acordes com som de serra elétrica. E traz a memorável "Shot by Both Sides" ("estou chocado pelo que corre no coração da malta"), com seu *chorus* no limite do desespero elétrico.

E com as melhores bandas da segunda fase, muitas depois batizadas de *new wave* pela mídia internacional, temos a herança platinada do punk: os Adverts com um LPzinho interessante, *Crossing the Red Seas*; os esgares alucinados do Chelsea; as aberrações de Slaughter and the Dogs; a *no music* das Slits; as pop songs suburbanas do X-Ray

Spex; as sofisticações do Wire e do Sham 69; a ácida crítica ao establishment pelo Alternative TV (com Mark Smith, a alma do Fall); a garra do Generation X (Billy Idol dando um show na sua linha "durão te-sudo" em "The Untouchables"); o Fall da primeira fase, onde Mark Smith fica falando pelos cotovelos enquanto a banda vai levando, monócórdia; o quase-heavy metal do 999; e as extremas sofisticações do XTC e do Squeeze. Toda esta torrente sonora é prima contemporânea da linha decadente estetizada americana, com Patti Smith, os inacreditáveis Tubes, os herdeiros de *garage bands* Ramones, os neo-simbolistas Richard Hell e Tom Verlaine (a imprescindível cabeça do Television), Mink de Ville, e os Heartbreakers de Johnny Thunders. Em tudo isso, a ser ouvido e reouvido com extremo prazer, está esparso o sêmen punk, tanto na raiz quanto em espírito.

Como toda vanguarda suicida, o punk foi uma bomba de efeito limitado. Um séquito de milionários do rock ganhou a companhia de outro (Johnny Rotten, hoje, é um dândi; o Clash foi deserdado pela audiência mais radical). Mas mexeu com a energia e a psique da garotada a nível planetário. Claro que política e socialmente não conseguiu mudar muita coisa. Não há brechas no Grande Ovo Corporativo Multinacional. Tudo entra na dança do vil metal. Não tem nada não. Foi um movimento do cacete. Os sons continuam aí para provar.



cinema

Uma explosão de violência no futuro

Depois da bomba atômica, o que antes era uma hipótese hoje é certeza. A qualquer momento, seja por loucura ou acidente, os donos do poder vão explodir o mundo. Para os roteiristas de *Mad Max 2*, Terry Hayes, Brian Hannant e George Miller, este também a cargo da direção, a explosão que destruiu a sociedade urbana ocorreu no Oriente Médio e teve como causa o petróleo. Embora ambientada no futuro, a narrativa de *Mad Max 2* não recorre aos elementos

tradicionais das aventuras de ficção científica, optando por uma antevisão calcada na falência dos padrões sociais que separa o homem da fera. Como no filme anterior, George Miller, um médico australiano que trocou o consultório pela câmara, enfoca, através de múltiplos atos de violência, a besta humana dando vazão aos instintos primitivos, no império da desordem. Max (Mel Gibson), um ex-policia que teve a mulher e o filho mortos na fita anterior, res-

surge para fazer frente à brutalidade reinante na Terra árida, desértica, assolada por desordenados animais. Aqui, uma pequena comunidade, que detém um poço de petróleo e gasolina refinada, representa a opção entre a ordem social e o caos. Mas para Max, já contaminado pela lei do cão, não haverá lugar na civilização renascente e, por isso, permanece na estrada, sozinho, à espera dos bárbaros motorizados. **Valério de Andrade**

**NÃO PERCA AS
BANDAS PUNKS**

OLHO SÊCO - 365 - CÓLERA

COQUETEL MOLOTOV

FESTIVAL DE ROCK

13 DE AGOSTO DE 1983

Campo do Sport Club J. F.

PUNK - DESTRUA O FACISMO



Ataque Sonoro é o título do elepê a ser lançado neste sábado, 26, 21h00, no Radar Tantã (rua Solon, 1509/1069), e que reúne dez bandas de rock de São Paulo e Rio de Janeiro, a saber: Cólera, Ratos de Porão, Garotos Pobres, Lobotomia, Grinder's, Armagedom, Vírus 27, Espermogramix, Desordeiros e Auschwitz.

No show de quase cinco horas, as bandas mostram sua temática que é prever o holocausto, protestar contra as armas nucleares, a crucificação pelo sistema, o dia a dia do trabalhador e até questionar a existência do racismo, das drogas e da violência.

Os ingressos antecipados custam Cr\$ 23.000 e já estão à venda nos seguintes endereços: Radar

Tantã, Rock Maniac (Av. dos Imarés, 78, Moema), Yesterday (R. 24 de Maio, 116, loja 17, Centro), Wop Bop (R. Barão de Itapetininga, 255, loja 25), Baratos Afins (R. 24 de Maio, 62, loja 263), Studio 13 (Shopping Center Norte, loja 201) e Vaticano Discos (Centro Comercial do Carmo, Santo André).

No dia 26 de outubro, a partir das 21h00, o ingresso custará Cr\$ 30.000.

Uma boa notícia para o pessoal do PUNK; está sendo lançada nesta semana a 2ª edição do LP dos Garotos Podres - A banda que é do ABC está se levantando a todo vapor para o mundo da música. A 1ª edição do disco está totalmente esgotada e a ROCKER Produções que patrocina o grupo e não para receber cartas e telefonemas dos fãs que solicitam os "Mais Podres do que Nun-"



Ao Vivo, gravação do show que aconteceu em março de 85 no Teatro Lira Paulistana, em São Paulo. Os dois grupos são as maiores expressões do punk paulista. Gravação independente. Ação Direta Distribuidora: Caixa Postal 54.217. CEP: 01296. São Paulo (SP).

- Vários, *Sub*, reunindo grupos punk de São Paulo: Fogo Cruzado, Ratos de Porão, Psykoze e Cólera. Gravação independente. Ataque Frontal Produções: Caixa Postal 54.217. CEP: 01296. São Paulo (SP).

Cabeças e cabecinhas

Tina Turner, em novo auge de carreira como uma Superpantera Negra, é uma Rainha do Mal em *Mad Max 3*, com um look *heavy metal* (sem soltar o gogó) e um corpão saudabilíssimo. Já Madonna — louvado seja o Espírito Santo — também não canta em *Desperately Seeking Susan* (*Procura-se Susan Desesperadamente*), o que contribui para o sucesso desta deliciosa comédia, em que o verdadeiro *hit* é a

como um rock star em *Smithereens*, de Susan Seidelman, a mesma diretora do *Susan de Madonna*. Cada vez mais, as estrelas vão continuar se mudando para a tela. A maior parte, por uma questão de compromisso industrial. Outras, por marketing, como Prince, que fez um filme à la videoclip para promover a mitologia em torno de *Purple Rain*. Algumas, por ego. E pouquíssimas, para destruir mesmo. Qual foi a maior performance de uma estrela de rock no cinema? Provavelmente a de Sid Vicious em *The Great Rock'n'Roll Swindle*, de Julien Temple. Ele bota seu smoking, canta aquela versão coquetel-molotov de "My Way" e termina fuzilando a platéia. Depois disso, só virando herói póstumo. O melhor rock no cinema é isso: uma bomba de efeito imediato. E retardado.



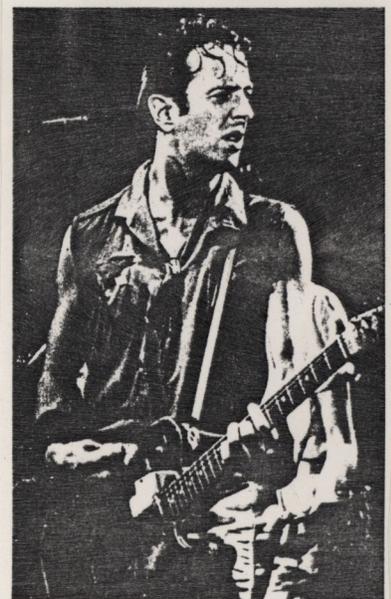
CUT THE CRAP — The Clash/ THIS IS BIG AUDIO DYNAMITE — Big Audio Dynamite (CBS)

No auge de sua carreira, lá pelo final da década passada, o Clash — os compositores/cantores/guitarristas Mick Jones e Joe Strummer — os baixista Paul Simonon e o baterista Topper Headon — foi coroado "a última banda que valia a pena" pela crítica. Também, pudera! Implodidos os Sex Pistols, estendido o tapete vermelho da indústria fonográfica a todo e qualquer cidadão de cabelos espetados, alfinetes e roupas prafrentex, o Clash era o sonho de todo crítico (e era realidade): um grupo aparentemente incorruptível pelos prazeres fáceis da indústria do rock e decidido a manter sua guerra de guerrilha ideológico/musical a qualquer preço. Casando ao punk-rock diferentes formas terceiro-mundistas de música, da Jamaica ao Caribe, do México à África, o Clash daquele tempo era bom, muito bom mesmo.

Mas, como tudo que é bom, aquele Clash acabou. Topper Headon saiu, apaixonou-se pela exclusivista Sra. Heroína e só reapareceu há pouco, com um bom disco solo. Mick Jones foi "saído" e formou o Big Audio Dynamite. No B.A.D. Jones deu maior sofisticação ao casamento rock/Terceiro Mundo, e a sonoridade do álbum de estréia do grupo não deixa nada a dever às maiores aventuras sônicas de Arthur Baker. A síntese clashiana é lapidada aqui com esmero. Mas a nova versão do Clash — Strummer, Simonon, dois guitarristas e um baterista — massacra o coração de qualquer velho fã da banda. Sem uma sombra sequer de nova identidade, amarrado a velhos cacoetes, o novo Clash é uma nau à deriva. É cheia de bons ensaios de idéias, que acabam não dando certo numa mixagem caótica e, por fim, submergem sob a velha obsessão por slogans. Pelo menos nesse estágio — que, aliás, já foi encerrado com a saída (demissão?) dos três novos (antigos?) integrantes — o Clash não vale mais a pena. E está perto de se tornar "a banda que se recusa a morrer"

José Emílio Rondeau

ONOVO CLASH ACABOU



Joe Strummer: o novo Clash não deu certo

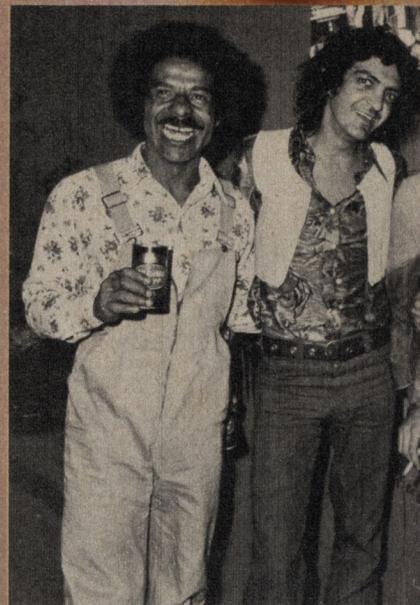
A vida da mais recente encarnação do Clash foi tão curta, mas tão curta que os fundadores Joe Strummer e Paul Simonon viram-se, mais uma vez, sem baterista e guitarrista assim que o novo álbum da banda, *Cut the Crap*, chegou às lojas. A saída de Pete Howard (bateria), Nick Sheppard e Vince White (guitarras) foi, aparentemente, a gota d'água numa duradoura tempestade que há muito vem açoitando o front clashiano: Os dois mentores da banda — o empresário Bernard Rhodes e o relações-públicas Kosmo Vinyl — vinham se desentendendo seriamente com Joe Strummer, que se recusava terminantemente a excursionar para promover o novo álbum. Ao mesmo tempo fervilhavam na Europa rumores insistentes que davam conta de uma ressurreição do Clash original (com o baterista Topper Headon e o guitarrista e cantor Mick Jones), o que em nada deve ter agradado os companheiros de Strummer. Novamente uma dupla, o Clash não tem planos para o futuro imediato. Simonon e Strummer já gravaram uma nova música, "Shouting Street", mas é incerta a possibilidade de que eles mantenham as colaborações de Vinyl e Rhodes. Como será o próximo capítulo desta novela?



O NOVO 365

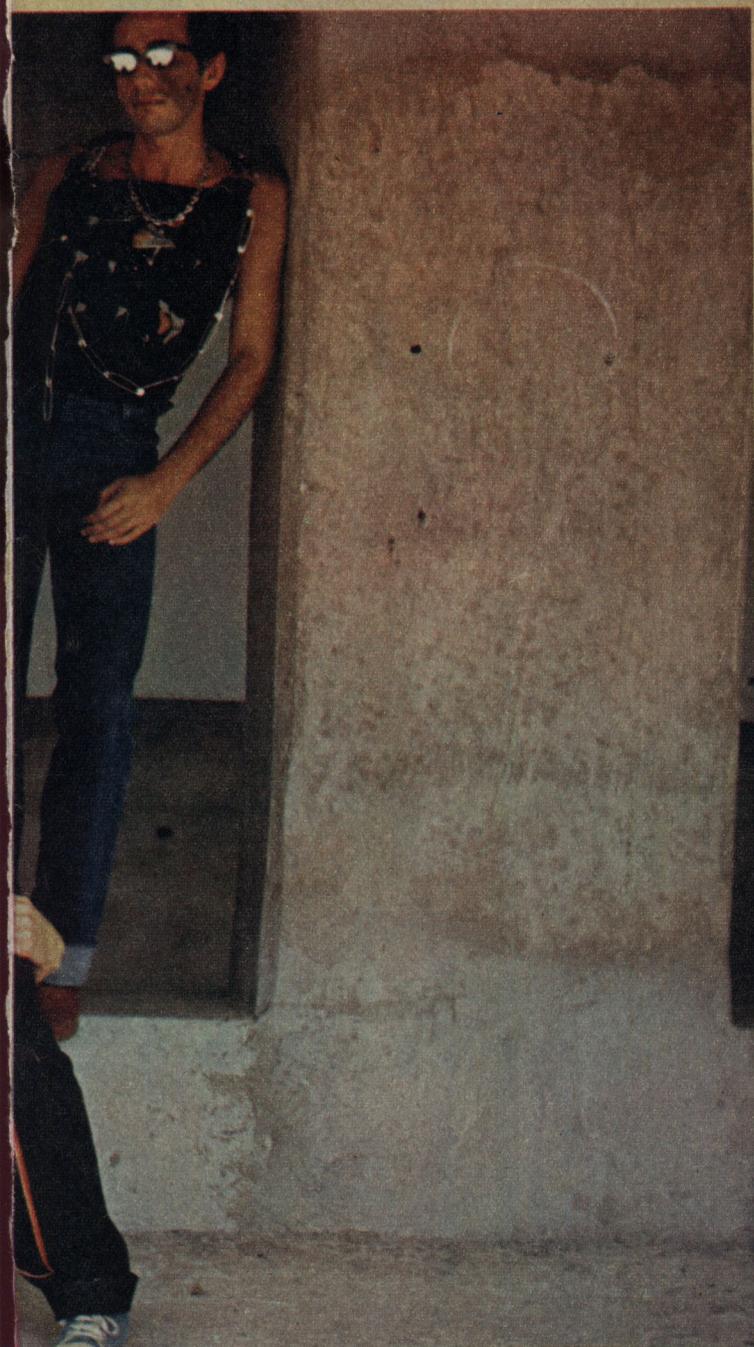
Depois de ficar um ano parado, o grupo 365 voltou à ativa neste ano. Só que com nova formação.

Além do baterista Miro, presente desde os tempos da Lixomania — banda que gravou um dos compactos mais importantes da safra punk brasileira de 81/82 —, o novo 365 vem com vários ex-Reprise: o vocalista Mi (também ex-Guerrilha Urbana), o baixista Mingau (ex-Ratos de Porão e Inocentes) e o guitarrista Ari (ex-Fator Zero e Fogo Cruzado).



Presenças: nas duas fotos à esq., Harumi e Percy, o vocalista do Made. Acima, uma groupie e Alice Cooper em seu novo disfarce. À dir., em cima, flagrante de um bate papo entre Charles e Paulinho Boca de Cantor (Novos Baianos), Simbas (Casa das Máquinas), Percy e Oswaldo (Made in Brazil). No meio, Pepeu e Baby Consuelo. Em baixo, Annie Bowie e Vera Dreamer. Mais à dir., em cima, Carlinhos Dean e sua noiva Princesa. Em baixo, Nelson Ellus & mulher. No canto dir., Sergio Hinds e Tony Osanah.

E O PUNK ROCK CHEGOU



Muito louca e descontrada, cheia de remendos e acessórios estranhos, a moda punk é um verdadeiro vale-tudo, onde o mais importante é a imaginação de cada um. Além de substituir os botões por alfinetes de segurança, você pode ainda criar as suas próprias estampas nas roupas, com a ajuda de tinta e pincel. Em tempo: os elementos de violência são só de brincadeira para assustar os menos avisados . . .

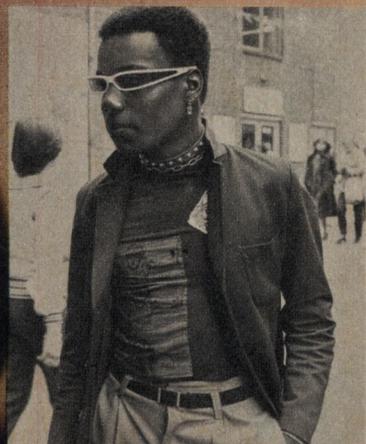


O Made In Brazil - nosso melhor grupo de punk rock - adorou quando soube que a Ellus confecções está lançando a moda punk no Brasil. Aqui, mostramos a garotada no Made - e amigos - com as roupas. Nas páginas seguintes, você verá a tremenda festa de lançamento da coleção.

Wanderley "Ramone" Taffo, o novo cara do Made (abaixo), fez a menina da cerveja (a seu lado) dançar até cair. Mas quem causou mais furor foi o carinha da corrente pendurada no nariz. Dizem que a cicatriz no rosto de sua namorada é resultado de um beijo muito . . . punk! Abaixo, a jornalista Harumi, assessora de imprensa de Ellus confecções.

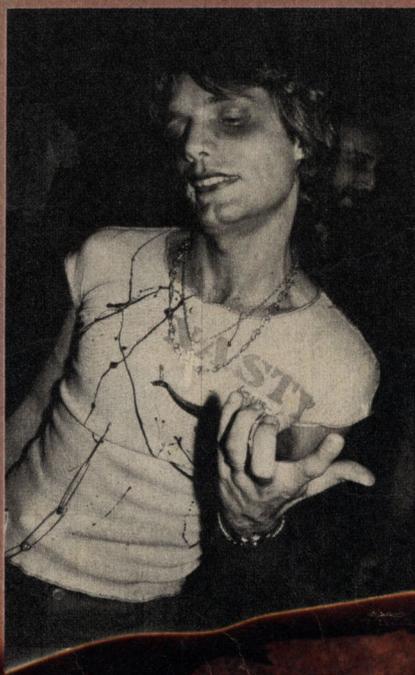
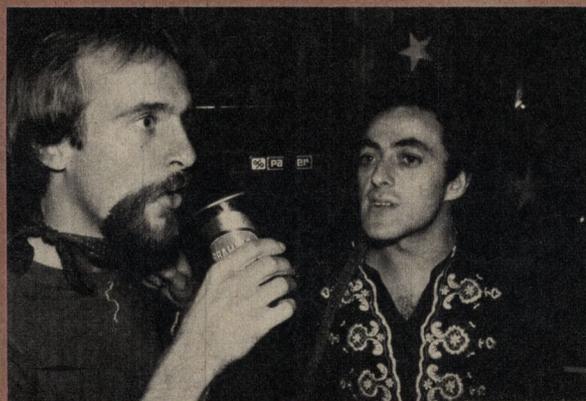
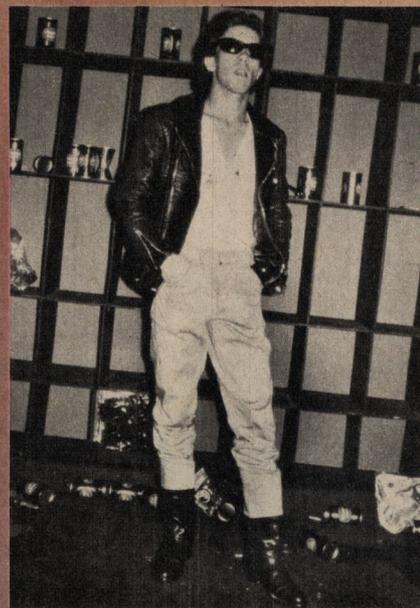


EM LONDRES, O MOVIMENTO É CADA DIA MAIS FORTE...

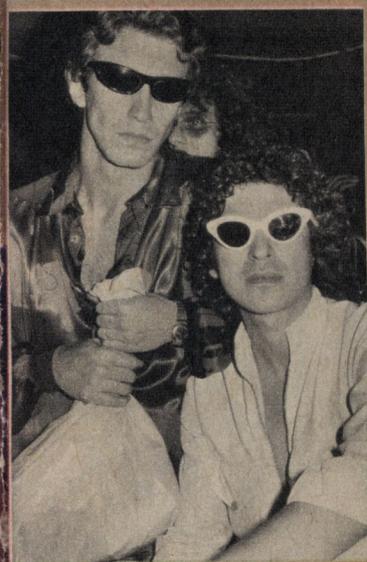
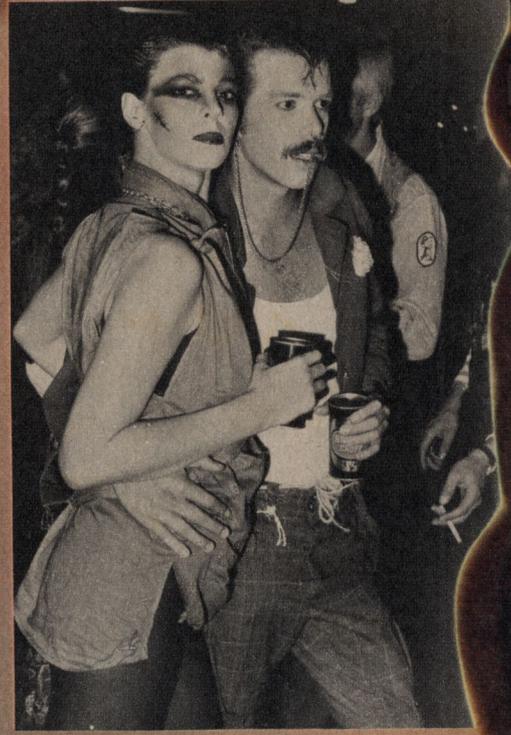




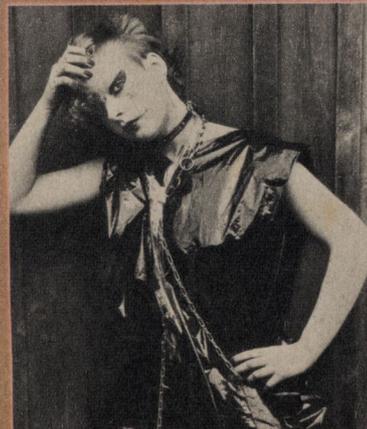
A primeira festa punk do Brasil aconteceu há poucas semanas, em São Paulo, quando POP, o Made In Brazil e a Ellus confecções decidiram juntar forças e lançar o movimento punk em nosso país. O rebu aconteceu numa sexta-feira à noite, e contou com a presença de alguns dos maiores superstars do rock brasileiro, além de várias personalidades do mundo do teatro e outras figuras punk que surgiram Deus sabe de onde! No meio da festa, a garotada do Made subiu no palco e fez um show relâmpago, às músicas de seu próximo LP. Em poucos segundos, gatinhos e gatinhas estavam na maior folia, botando os ya-yás pra fora ao som do mais roqueiro dos nossos grupos. Saldo da festa: muita gente exausta de dançar, mil latas de cerveja vazias e uma certeza: o punk chegou!



COM FESTA E TUDO!



Aquele cara, à esquerda, com o cigarro na mão, não é Lou Reed? Ninguém sabe. Mas embaixo estão o dr. Luis "Pistol" Toledo e Zé Marcio Penido, jornalista e crítico musical. Ao lado deles, oferecendo um beijo muito aloprado aos leitores, a punk-cantora Marcinha, presença atordoante da festa. Acima, mais uma vez, o casal alucinado: Mr. Correntinha e Mrs. Cicatriz.



Enquanto isso, em Londres... a barra da chamada "new wave" punk está cada vez mais pesada. Saque as fotos e curta os detalhes do visual. O crioulo usa uma coleira no pescoço, como gargantilha. A gang, a seu lado, veste tudo o que pintar na cabeça. E tem a mina de malha branca, com seu cabelo alucinado. Enfim: o negócio é soltar a imaginação e curtir!

Os embalos punks da Inquisição

A participação do escritor transformou o debate Literatura e Inquisição num oásis

O clima de inquisição que tomou conta do campus da USP, durante o I Congresso Internacional sobre o assunto, terá hoje, às 19h, uma intervenção insólita. Excomungados, grupo punk hard-core, integrado por Falcão (vocal); Marcos (guitarra); Lagonegro (guitarra) e Minério (baixo) todos ex-moradores do Crusp, de onde foram banidos por causa do som pesado — farão uma intervenção performática-musical. Para este “ato de fé” estão convidados

todos os aficionados da Inquisição, que receberão “hóstias”.

Defendendo a transgressão musical e a institucional (não foram convidados a participar do encerramento do Congresso), eles são os autores do primeiro rock-punk-country, Vida de Operário, gravado pelo Patife Band. Estudantes de História esta noite estarão em busca do seu Inquisidor-mor, o reitor. “Existe outro clima mais perfeito?”, rebatem bem-humorados.

Criado em 82, no auge da agitação dos Gigs (festivais punks), o grupo Excomungados pretende gravar, em breve, um LP. Público é o que não falta, garantem, especialmente nos redutos tradicionais do gênero, como o Madame Satã, Ácido Plástico e muitos palcos no Interior. As letras, bastante ácidas, falam sobre as estratégias do sistema, a derrota da humanidade diante das armas nucleares e as inverdades nos meios de comunicação. “Além de hóstias, ainda serão distribuídos muitos milagres, bem ao gosto brasileiro”, prometem.



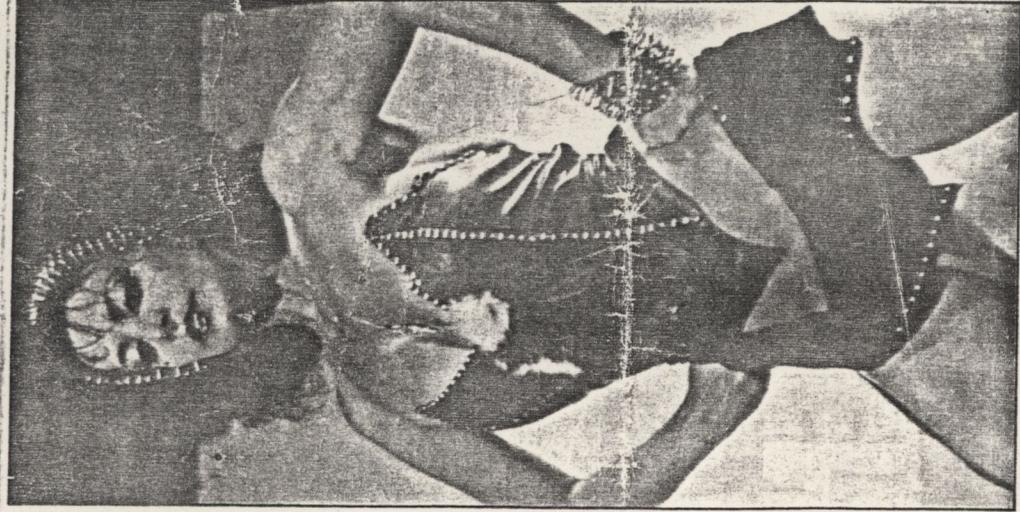
Cinema

PUNK À BRASILEIRA

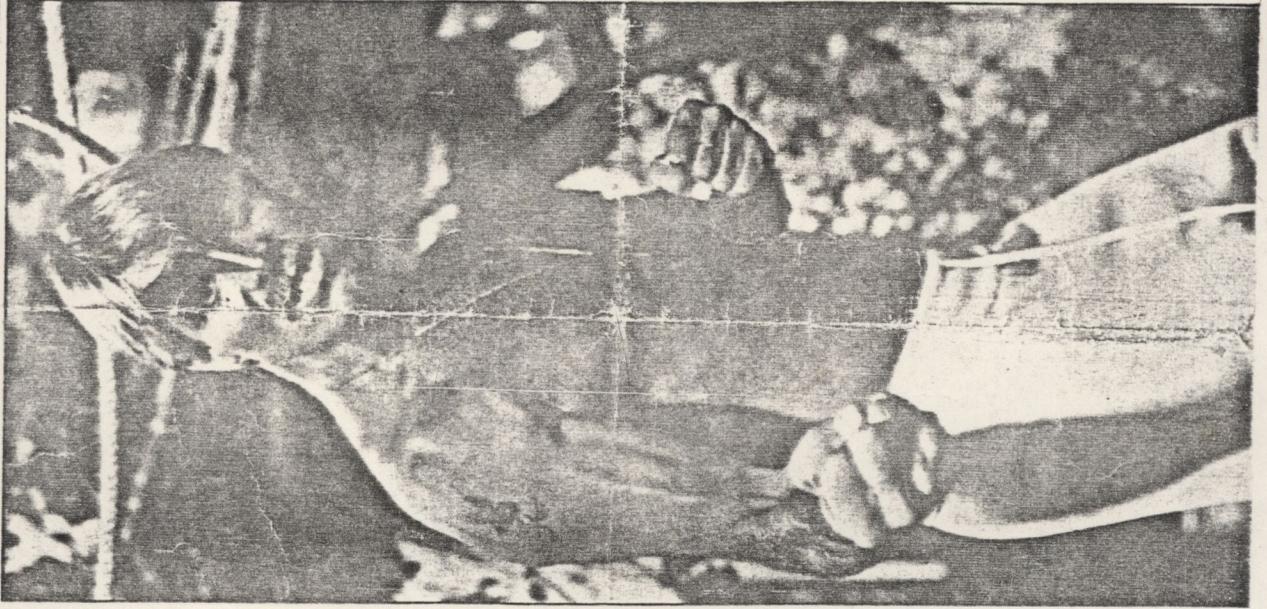
DEPOIS do surgimento de grupos punks em São Paulo, produto dos bairros da periferia da metrópole, onde a violência passou a fazer parte do dia-a-dia da população, a onda agora invade o cinema brasileiro com o filme *Filhos da Noite*. O tema gira em torno de um paradoxo: a busca da felicidade através da violência.

No elenco, Lady Francisco, Danton Jardim e Lia Farrel. O filme se desenrola numa era futura, quando todos andarão vestidos, pintados e estarão vivendo de forma agressiva, como a Rainha Punk (Lady), que apregoa a perversidade e o egoísmo, ou ainda Lia Farrel, uma mãe punk bêbada e prostituta. O único que se salva é Gatão (Danton), que, apesar de ostentar as mesmas características dos demais, contesta tudo e todos em busca de uma vida melhor. Do seu encontro com a Rainha Punk nascerá uma forte paixão, que os convencerá de que ali não há lugar para o amor. Os dois partem em busca da felicidade, procurando um lugar menos violento.

Este é o quinto filme de Levi Salgado. A produção é de Jacy Couto e a fotografia de Afonso Vianna. A estréia será em julho em São Paulo e em agosto no Rio, com uma Noite Punk, onde será exigido traje característico para os convidados. (Mítico Yoshijima)



Danton Jardim (Gatão) se apaixonou perdidamente pela Rainha Punk (Lady Francisco), perversa e egoísta, líder do grupo Lady's. Em busca da felicidade, os dois abandonam a gang.





A mãe punk, bêbada e prostituta (Lia Farrell), e seu filho (Joel Grijó) são os produtos da violência no filme *Filhos da Noite*.



"Garotos do Subúrbio Punk", amanhã no Masp

Produção independente de TV mostra o seu trabalho

A televisão brasileira poucas vezes se utiliza dos programas elaborados por empresas independentes. Quando muito, apenas se vale da prestação de serviços dessas produtoras. As perspectivas para os próximos anos, no entanto, apontam uma mudança e uma dessas empresas, a "Olhar Eletrônico", já se prepara para os novos tempos que ela acredita já estarem próximos, vendendo às emissoras comerciais os programas que produziu, por sua conta e risco.

De amanhã até sábado próximo, sempre às 22h30, a "Olhar Eletrônico" mostrará dois filmes que espera ver nos vídeos de milhões de casas. "Eletrôntes", com 15 minutos, discute o processo de geração da eletricidade através do caso da construção da hidrelétrica de Itaipu e o conseqüente desaparecimento de Sete Quedas. Uma visão emocional da natureza e das criaturas que nela atuam. O outro filme programado é "Garotos do Subúrbio Punk", um programa de 45 minutos, montado para televisão — cinco blocos com intervalos para comerciais —, onde se mostra a expectativa de uma geração

que se considera o "produto de uma sociedade que não deu certo".

Para se conseguir uma reflexão mais profunda nos documentários, Fernando Meirelles e Marcelo Machado, integrantes da equipe de oito jovens que compõem a "Olhar Eletrônico", explicam o processo de elaboração de cada trabalho: "No filme sobre o movimento punk, fizemos amizade com os conjuntos musicais até chegarmos aos grupos mais radicais que vivem em bandos, sem ligação com os músicos. A qualidade conseguida se deve a essa forma de trabalho que a televisão comercial dificilmente poderia fazer", lembra Machado.

Tentar atingir a perfeição técnica é uma das condições que os membros da equipe impõem a si mesmos. Meirelles passou horas procurando a entonação de voz que melhor se adequasse ao filme. "Quando uma televisão comercial poderia dispor de tanto tempo discutindo com um locutor?", pergunta. Sem pressa, os componentes da "Olhar Eletrônico" pretendem levar adiante uma série, "Juventude", em que "Garotos do Subúrbio Punk", seria uma das cinco partes.



A-30 — ILUSTRADA — Segunda-feira, 16 de novembro de 1987

JOYCE PASCOWITCH



Homero Sérgio

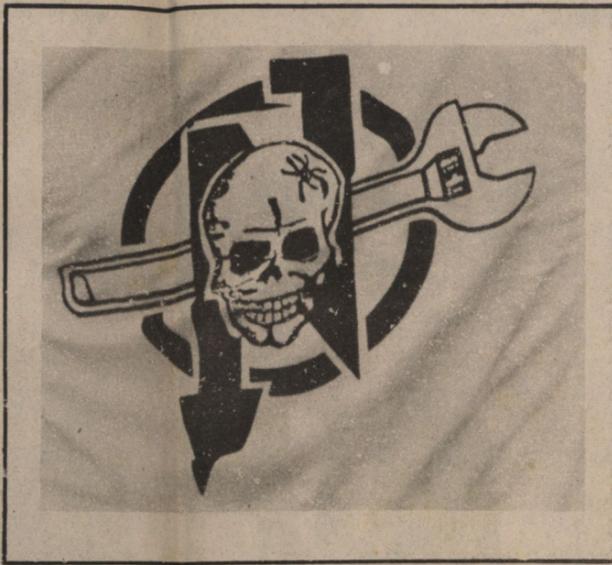


SOL DA MEIA-NOITE

Aos 23 anos, o finlandês Timo Eno (foto) não é mais punk, porém não abdica da estética do movimento. Ex-componente da banda punk-rock Lama, em sua Finlândia natal, Timo passa um séjourn paulista antes de embarcar em viagem de reconheci-

mento por todo o país. Pretende perocrer os caminhos entre o Oiapoque e o Chuí de ônibus mesmo. O idioma não será problema. Timo aprendeu a falar português fluentemente durante longa temporada que passou em Portugal.

REVOLTADOS CAS DO SUBÚRBIO



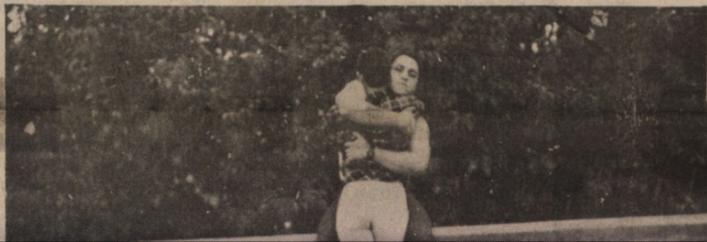
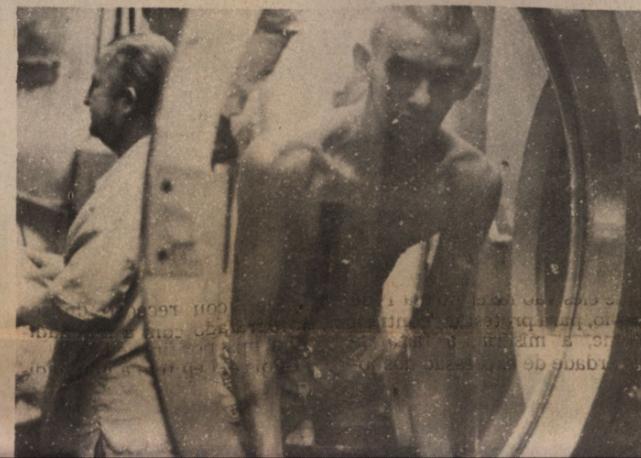
As "minas" também usam cabelo, se não raspado, curto



Moicano (de pé à esquerda) e os amigos, no trem



As "minas". À esquerda, Márcia, aquela que não é um bicho de pelúcia...



FANZINE



NÚMERO ÚNICO
DE 26 DE FEVEREIRO A 4 DE MARÇO

Reportagem de LIDICE SEVERIANO DA SILVA
Fotos de MARISA UCHIYAMA

— Vocês deram sorte de conseguir esta matéria — fala, Gordão, careca antigo no movimento. — A gente decidiu que não ia mais dar entrevista, nós não queremos publicidade, se não vai acabar com o movimento, essa futricação. Só estamos dando porque O NACIONAL é um jornal independente, que a gente não conhecia e gostamos da cara dele, pelo menos não é um jornal burguês, como o Estadão. Tão querendo fazer uma reportagem com a gente, mas a mina vai ver o não que ela vai ter na cara.

Gordão tem 22 anos e está no movimento há quase 7. Trabalha de mecânico numa oficina da região da avenida Paulista e ganha 2.000 cruzados por mês. Mora em Aracaré, região entre São Paulo e Mogi das Cruzes, onde vive a maioria dos carecas de subúrbio, à 50 minutos de trem da estação Roosevelt, no Centro.

ATÉ METRALHADORA A POLÍCIA USOU

Conversar com eles não é mesmo muito fácil.

— Tem saído umas reportagens aí, com umas idéias erradas sobre a gente, não estamos gostando desse negócio — explica Coquinho, que é um dos organizadores da passeata que eles vão fazer no dia 1º de maio, para protestar “contra a fome, a miséria, a falta de liberdade de expressão dos jovens, as usinas nucleares e principalmente o serviço militar obrigatório”, entre outras coisas.

Eles foram notícia há um mês, quando ameaçaram “quebrar tudo” por não poderem pagar para ver um show do conjunto Ramones. Já devem ser uns 200, espalhados pela Zona Leste e ABC, São Paulo. São os carecas do subúrbio, que raspam a cabeça em protesto contra “o sistema”. Muitos andam armados (arma branca). Mas se alguém os acusa da violência, respondem como a careca Márcia, 22 anos, operária de uma confecção: o fruto da violência suburbana “não vai ser nunca um bichinho de pelúcia”

— A única droga são as minas — brinca Coquinho. Não usam drogas, mas usam armas — “só quando vai rolar alguma treta”, garante Coveiro. Usam armas brancas, como facas, estiletes, canivetes, machadinhas.

Quem tem uma machadinha é o Léo, que não é o seu nome, é o “apelido do apelido”, Leopardo. Está com 21 anos e quer se garantir. Bem, acreditem que Léo se garante, pois, além de andar com a machadinha, pratica à noite, depois do trabalho, kung-fu, caratê e boxe. Tem um filho pequeno, que até saiu na revista Yeah — conta o pai orgulhoso. Quem o vê na estação Tatuapé do Metrô, com todos os amigos, não imagina jamais que Léo seja casado e pai de um menino de três anos.

Ele é um dos poucos que te dá um sorriso gostoso, é moreno e baixinho, usa um bonzinho em cima da careca, simpático mesmo.

— Os caras da city dizem que nós estamos aqui para atrasar o trem das onze e pintar asa branca de preto, mas nós estamos aqui para proclamar a independência do Brasil!

Ele ficou receoso de ser fotografado com a machadinha, mas por fim cedeu.

Pois é, Léo tem a machadinha e o Gordão tem as machadadas. Mostra as costas cheias de cicatrizes.

pensórios, andando no visual deles, de operário trabalhador.

— Tem que chegar intimando, se não nosso visual vai virar moda — Coveiro continua explicando — e muitas vezes um cara anda no visual e sai por aí fazendo merda, depois vão confundir um carequinha qualquer aí, com os carecas do subúrbio, e sobra pra gente.

Os outros grandes inimigos estão na capa de um fanzine feito por eles mesmos, o “Revolta Suburbana”, de outubro de 86. (A palavra fanzine vem das palavras inglesas funny mais magazine, quer dizer, “revistinha engraçada”, que mete o pau satiricamente.) A capa daquela tem um homem de braços abertos para a liberdade, representada pelo Sol. Este homem está de coturno pisando em cima de várias caveiras: clero, burguesia, polícia, aristocracia, metalheiros, capitalismo e até os darks (jovens que vivem à noite, andam de preto, esperando o Apocalipse movidos a álcool e drogas em geral). Embaixo, os dizeres:

“Com a destruição de seus inimigos, o ser humano conquista a liberdade.”

UM CHEIRO DE PODRIDÃO NO AR

Destruição, agressão, violência de onde vem tudo is-

dá de cara com um matagalzinho, pode seguir a trilha de terra que mais pra frente tem mais casas. E tem mesmo. E lá que Fernando mora, um careca de 20 anos, atualmente desempregado. A mãe dele diz:

— É um ótimo garoto, em casa, nunca tenho problema com ele.

Fernando mora com a mãe e o pai adotivo. D. Elza pinta panos de prato e vende cada um por 20 cruzados.

— Dá prá ganhar algum — comenta ela sorrindo e fazendo o jantar.

Seu Irineu é escriturário aposentado.

— O Fernando está de acordo com a geração dele. Na minha época era o estilo Elvis Presley que se usava, eu conheço essas coisas de juventude, é passageiro...

A casa é um ambiente acolhedor. Apesar de não haver luxo algum, já foi assaltada três vezes e Fernando nem está estudando porque o colégio é muito longe, e D. Elza tem medo que ele vá, mas não volte.

— Esse lugar aqui é violento demais.

Fernando pratica halteres, como muitos carecas. É um jovem saudável, forte. Em casa, com os pais, é muito diferente daquele Fernando do subúrbio, com os carecas. É

OS REVOLTADOS CARECAS DO SU

Essas bandas fazem um som duro em resposta agressiva a um sistema que quer punir os que tentam fugir de suas garras, conforme explica o fanzine “A Plebe Punk”. É chamado um som oi a essa palavrinha quer dizer “grito de guerra”, como se dissessemos “atacar”!

Simone e Márcia estão começando a preparar um fanzine que futuramente será um jornal onde comentarão sobre todas as facções políticas como o anarquismo, o nazismo e o neo-nazismo, o capitalismo, o socialismo e por aí fora. Mas terá também a colaboração de todas

as outras minas, que “querem mostrar pros carecas que elas não são só um enfeite ao lado deles”, como a China, que vai escrever no nº 1 sobre o socialismo. China tem 17 anos e é recepcionista de um jornalzinho de bairro chamado O Cidadão”, onde trabalha das 8h às 18h, em Taboão da Serra. China só se deixou fotografar de costas. Uma pena, porque é muito bonita. É engraçado como quase todos não gostam de serem fotografados: não chegou ninguém na frente da câmera, espontaneamente, mostrando a cara, a careca. Mas não deixam de ter suas ambições.

Na reunião que fizeram em Jundiapéba, 45 minutos de trem do Centro de São Paulo, para discutir sobre a passeata do 1º de Maio, falaram até em entrar para a História do Brasil, não para serem heróis, mas por terem uma organização, por não se misturarem com a burguesia e não perderem a essência da luta suburbana.



As “minas” também usam cabelo, se não raspado, curto



mos gostando desse negócio — explica Coquinho, que é um dos organizadores da passeata que eles vão fazer no dia 1º de maio, para protestar “contra a fome, a miséria, a falta de liberdade de expressão dos jovens, as usinas nucleares e principalmente o serviço militar obrigatório”, entre outras coisas.

Essas reportagens a que Coquinho se refere saíram nos jornais *Folha de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, e nas revistas *Yeah* (de skate) e *Crics* (revista jovem). Segundo Coquinho, estão “pichando os carecas injustamente pelo abuso de violência”. Mas também, por que eles aprontaram no show do conjunto punk americano Ramones, em São Paulo, no último dia 31 de janeiro? Até rajada de metralhadora a polícia deu, para conter três dezenas de carecas, com seus estiletes e machadinhas, que queriam quebrar tudo. Quem rebate a acusação é o Coveiro, que tem 22 anos e é dos mais ativos e antigos do movimento. Não quis ser fotografado. Nem dar o nome. Tem medo que, se algum dia vier a acontecer algo que comprometa os carecas, ele seja envolvido. Trabalha como agente de segurança em uma ferrovia que também não quer identificar, porque “pode causar problemas”.

— Sabe como é, né? Qualquer coisa que sai nos jornais sobre carecas, eles ficam de olho. O esquema lá dentro é como um regime militar, tem um monte de regras impostas.

Coveiro explica o caso do Ramones:

— O Ramones é uma banda punk que eu já conheço há anos e que veio para o Brasil numa época em que punk é moda. Então qualquer boyzinho pode pagar essa grana (300 cruzados) por um show, só que esse show não é pra boy, tinha que ser pros punks, foi uma sacanagem o que eles fizeram! Então deu aquela revolta e a gente foi lá pra quebrar tudo, mesmo. Tinha também uma treta particular com os punks da city...

Os carecas do subúrbio são realmente agressivos quando se trata de roqueiros cabeludos “que estão afé até hoje no ‘paz e amor’, sem nenhum ideal político”.

— Fica uma imagem ruim prá nossa juventude, esses jovens drogados, comodistas, eles tinham que se interessar mais pela vida, pelo próprio corpo, pelos problemas do país — continua Coveiro.

UM TEM A MACHADINHA; O OUTRO, A MACHADADA

De cada dez carecas entrevistados, dez não usam droga nenhuma.

...mas nós estamos aqui para proclamar a independência do Brasil!

Ele ficou receoso de ser fotografado com a machadinha, mas por fim cedeu.

Pois é, Léo tem a machadinha e o Gordão tem as machadadas. Mostra as costas cheias de cicatrizes.

— Isso aí foi agora, no “dezebro negro”. Todo ano tem uma festa onde se reúnem todas as facções do movimento punk. Então, desde 1983 que sempre sai quebrapau.

Nesse último ano foi no Clube Nacional de São Vicente, litoral paulista. Gordão nem viu quem foi que deu machadada, mas sabe que foram uns punks.

— Na hora do tumulto você nem vê nada, levei mas também dei.

A imprensa chegou a divulgar a quantidade de carros que eles deprederam, a socos e pontapés. Só não divulgou a cena de alguns policiais exigindo que duas carecas cacarejassem diante deles.

— Eu não conheço essa pena, só se sair agora, na nova Constituição — comenta Coveiro.

Aliás, na nova Constituição bem poderia sair alguma lei que aumentasse o salário de quem faz horas extras. O moicano, por exemplo, seria o primeiro careca a sentir uma imensa felicidade, porque trabalha das 7 horas da manhã até 5 da tarde, para ganhar 1.800 cruzados. Com as horas extras, acaba trabalhando até 10 da noite, ou seja, 13 horas diárias, para ganhar 1.000 cruzados a mais por mês. Este rapaz tem 25 anos e o trabalho dele é alvejar sacos de pano, numa sacaria perto da estação Roosevelt. Então ele fica lá o dia todo, tirando sacos dos sacos e colocando-os nas máquinas de lavar, pendurando para secar, mexendo com o cloro que faz chorar, de tanto que arde nos olhos.

— Os sacos têm é que ficar branquinhos, fala o patrão. Que sacal!

“ME TIROU, EU SOQUEI MESMO”

Apesar de não se dizerem violentos, os carecas gostam de uma ceninha, são mesmo teatrais. Tipo “este território é meu, não invada se não quiser confusão”, referindo-se tanto às minas, das quais têm muito ciúme, quanto às imitações que podem surgir deles. Por exemplo, quando estão andando na rua, não suportam sequer uma olhada mais demorada, já acham que as pessoas estão “tiranando”, isto é, provocando.

— Me tirou, soquei mesmo. Ou então, alguém desconhecido que esteja na rua, um careca de coturno e sus-

...dizeres:

“Com a destruição de seus inimigos, o ser humano conquista a liberdade.”

UM CHEIRO DE PODRIDÃO NO AR

Destruição, agressão, violência, de onde vem tudo isso, é fácil descobrir. More alguém no subúrbio e verá. Eles têm como principal meio de condução os trens do subúrbio, que acabam de matar 36 e ferir 66 pessoas.

— Esses trens são feitos para transporte de gado, são sujos e lotados, o fruto disso aí não vai ser nunca um bichinho de pelúcia — comenta a careca Márcia. — Nesse País só não vê a miséria quem já se acostumou a ela. Mas a gente não se acostuma, não!

Márcia, 22 anos, operária em indústria de confecções, faz esta análise do movimento:

— Já houve várias formas de protesto; o movimento punk, por exemplo, que enriqueceu vários comerciantes e virou moda. Mas nós, carecas, começamos com poucos idealistas e estamos aí para desenvolver nossa própria mentalidade de protesto, sabendo que toda luta é cansativa. A partir do momento que você tem um ideal, o próximo passo é raspar a cabeça, que é o nosso símbolo de protesto, e quanto mais aumentar a fome e o desemprego, mais aumentará o número de carecas, até que um dia até o presidente da República saberá da nossa existência. Ainda não fizemos algo que atingisse os poderosos, mas esse dia chegará, porque continuamos nos organizando. Se há um lado brilhante no movimento é que todos passam por situações difíceis, conhecem a pobreza, a injustiça, sabem como é porque vivem a vida de subúrbio.

Realmente a paisagem suburbana não é das melhores. Estamos em Aracaré. A única diferença boa parece ser o ar, que aparenta não ser tão poluído. Mas as ruas não são asfaltadas, os esgotos não são canalizados. Há um cheiro forte de podridão. Tem criacinhas que ficam brincando ali, arriscadas a pegar doencinhas. Mas parece até que o organismo se acostuma. As casas são todas minúsculas e nelas moram famílias com até dez pessoas ou mais. O lugar à noite é muito mal-iluminado. Quando cai um temporal, alaga tudo, e costuma morrer gente, sobretudo criança afogada.

Quando você desce do trem, tem a impressão de que só existem aquelas casas ali seguindo os trilhos. Mas quando pega uma ruazinha, vira em outra, depois outra e

...tem medo que ele vá, mas não volte.

— Esse lugar aqui é violento demais.

Fernando pratica halteres, como muitos carecas. É um jovem saudável, forte. Em casa, com os pais, é muito diferente daquele Fernando do subúrbio, com os carecas. É calmo e compreensivo dentro de casa. Está agora procurando emprego de segurança, já que é tão forte, mas a mãe não vê mesmo a hora de que ele case logo, se acomode:

— A gente quer ver os filhos da gente tudo feliz.

SEGUNDA-FEIRA TRISTE

Será que é feliz um careca como o Biritiba, que sai de casa todo dia às 5 da manhã para voltar só às 11 da noite? Sendo ou não sendo, não tem outra opção. Biritiba é fechadão, não fala nem o necessário, a não ser que lhe perguntem, e parece estar sempre desconfiado de alguma coisa. Não abre a boca, mas a gente sente que atrás daquela cara trancada existe um bom coração, apenas sofrido. Tem que cumprir seu horário, se quiser garantir o emprego como terraplenador. Tem 22 anos. Acha que as pessoas não devem estranhar a violência deles:

— Nossa realidade começa na segunda-feira e ela é triste.

Para alegrar os fins-de-semana, uma das carecas, Rosana, está batalhando o aluguel de um salão que será pago com a contribuição de todo o mundo. Pode estar nascendo um clube aí. As minas carecas são poucas, mas estão sempre se agitando. Têm presença marcante, tomam atitude de valente e talvez por isso eles são tão ciumentos e possessivos.

Simone tem 19 anos e trabalha em uma revendedora de peças de automóveis:

— Acho que deveria haver mais garotas interessadas em nossas idéias. Porque, quando um careca quer namorar, namora com uma rouqueira, e a mina não pode ser zoada. A gente tem que andar com ela e não pode fazer nada.

OI, O GRITO DE GUERRA

Simone dá um toque de algumas bandas nacionais que eles curtem, como *Garotos Podres*, *Virus 27*, *Histeria*, *Carecas do Subúrbio*; e algumas gringas, como *Escorbuto* (Espanha), *Nabat* (França), *Four Skins* (Londres), *Oi*, *Polly* (Alemanha), *Cockney Rejects* (Londres).

...Paulo, para discutir sobre a passeata do 1º de Maio, falaram até em entrar para a História do Brasil, não para serem heróis, mas por terem uma organização, por não se misturarem com a burguesia e não perderem a essência da luta suburbana.

— Queremos que as pessoas sintam orgulho ao dizer “eles são carecas, eles lutam por nós, pelo povo” — discursou Coquinho durante a reunião. — ser careca é uma opção de vida, o jovem drogado cai na sarjeta e a sociedade vai rir dele. É isso o que eles querem, essa falta de interesse, essa falta de cultura, essa alienação toda, gente burra prá ser dominada como marionetes. A gente tem que procurar o que queremos nos jornais, na televisão, onde houver informação. Nossa violência não pode ser gratuita, senão as pessoas nunca darão ponto prá gente.

“ISTO AQUI NÃO É MAIS UMA GANG”

No fundo, no fundo, formam um grupo muito unido, dá pra sentir o afeto que existe entre eles, só pela maneira com que se cumprimentam, aquele aperto forte de mão, um empurrãozinho, um sorriso na cara. Brincam de brigar, um sempre tocando o outro. Se alguém está com problemas ou se mete em encrenca, todos ajudam sem piscar o olho. Há um sentimento de solidariedade muito grande.

Toninho, 27 anos, ajudante-geral em um jornal que ele prefere não identificar, foi quem, junto com o Coveiro, começou a organizar o movimento, quando ele ainda não tinha nenhuma base. Fala como se dissesse tudo de mais importante que há para ser dito:

— Isso aqui não é mais uma gang, isso foi nos tempos de moleque, agora o negócio é sério, não estamos brincando, não, e temos que fazer a cabeça dos mais novos que entram e que geralmente gostam de arrumar confusão. Veja esse aqui, aquele ali, aquela outra — diz —, apontando para qualquer lado — eles são como irmãos para mim, se fico muito tempo sem encontrá-los fico doente, esta é a minha família, ela está aqui, ó — e aponta para todos.

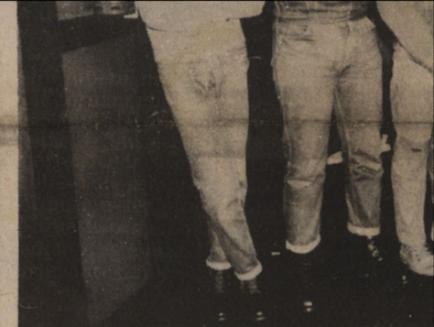
P.S. — Onde se lê Gordão, não é Gordão, mas o personagem prefere não dar nome nem apelido, dizendo que “é melhor para todos nós”. A reportagem estava escrita, quando chegou a notícia de que os carecas do subúrbio finalmente concordaram em falar ao Estadão.



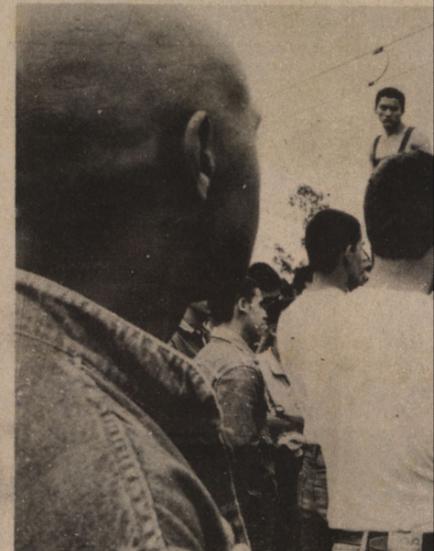
Fernando e a namorada. Há uma queixa: faltam “minas”



A suástica, sempre: agressão? confusão?



No metrô Tatuapé, a ma



O muro é o palanque para

Jovens desafiam Go

Estes são os jovens do movimento punk, um movimento de protesto de jovens pobres, um movimento de rua, de olhos abertos para a sujeira e a miséria do mundo. Um mundo onde os garotos e as garotas de rua têm poucas oportunidades. Um mundo onde toda hora pessoas inocentes são espancadas por gorilas fardados a serviço de um sistema castrador.

O som que nós gostamos é um som precário, pobre como nós, porque a nossa vida é precária. Nosso som é um som duro porque a vida é dura nas ruas do subúrbio. É a resposta agressiva e direta a um sistema que pune violentamente todos que tentam fugir de suas garras sangrentas.

Nosso som não fala de falsos paraísos, de romances regados a dinheiro; nosso som transmite o pensamento e o sentimento da vida no subúrbio, nosso dia-a-dia, as notícias que nos chegam como

facadas, a falta de oportunidades, a falta de dinheiro, nossa esperança de que um dia esse sistema injusto seja destruído.

Nosso visual é um visual im-pobre, como nós, somos pobres, não usamos moda. Não compramos calças rasgadas, mais caras que calças novas, em butik de grã-finos. Não saímos por aí, perguntando como se vestir para parecer um “punk”. Nosso visual não é uma fantasia para ser usada em fins-de-semana em salões carnavalescos. É uma maneira de dizer não ao consumismo de uma fantasia que jogamos fora o que faz falta para a maioria da população.

Nossa crítica ao sistema é uma crítica direta porque sentimos na pele o que é a exploração e a opressão. Nas ruas do subúrbio as crianças continuam existindo em meio à marginalidade delinquente e a miséria comum. Milhares de famílias soterradas em barracos precários, em ônibus caindo aos pedaços,

os, pessoas decentes diariamente exterminadas pelos donos do poder.

Nosso desejo é acordar as pessoas para que lutem contra a exploração e contra os parasitas sociais. Acordar a juventude, para que saia da estagnação e do modismo de fim-de-semana e combata o sistema de cabeça erguida e olhos abertos. Para que a juventude aprenda a viver e pensar sozinha, sem necessidade de líderes ou autoridades.

“Sem liberdade” as pessoas se tornam idiotas, cadáveres ambulantes, cópias malfeitas de um passado que já morreu. Por isso a luta pela liberdade sempre foi tão importante e ser punk foi o meio que escolhemos de levar adiante esta luta. Participa do levante punk.

Editorial do fanzine “A Plebe Punk” janeiro de 1987.



Fernando e a namorada. Há uma queixa: faltam "minas".



No metrô Tatuapé, a machada na mão de Léo: arma-se para "se garantir"



A agressividade presente nas tatuagens.



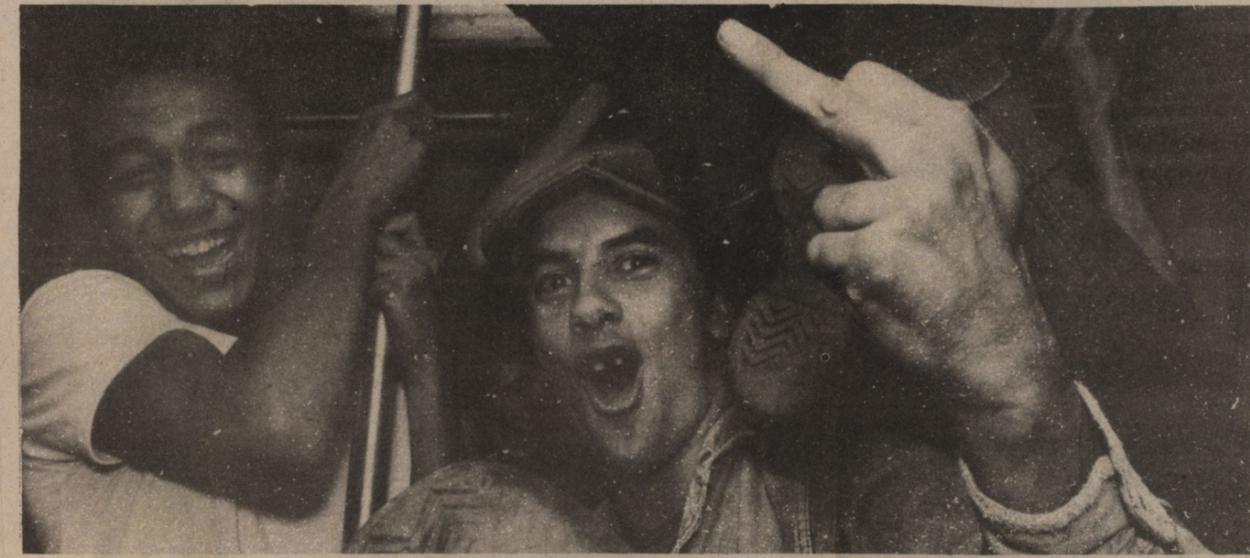
Moicano dá duro na sacaria: 2.800 por mês



A suástica, sempre: agressão? confusão?



O muro é o palanque para Coquinho preparar uma passeata em 1º de maio



Eles chamam o gesto, em inglês, de fuck-you – símbolo de seu não-conformismo

Jovens desafiam Governo

Estes são os jovens do movimento punk, um movimento de protesto de jovens pobres, um movimento de rua, de olhos abertos para a sujeira e a miséria do mundo. Um mundo onde os garotos e as garotas de rua têm poucas oportunidades. Um mundo onde toda hora pessoas inocentes são espancadas por gorilas fardados a serviço de um sistema castrador.

O som que nós gostamos é um som precário, pobre como nós, porque a nossa vida é precária. Nosso som é um som duro porque a vida é dura nas ruas do subúrbio. É a resposta agressiva e direta a um sistema que pune violentamente todos que tentam fugir de suas garras sangrentas.

Nosso som não fala de falsos paraísos, de romances regados a dinheiro; nosso som transmite o pensamento e o sentimento da vida no subúrbio, nosso dia-a-dia, as notícias que nos chegam como

facadas, a falta de oportunidades, a falta de dinheiro, nossa esperança de que um dia esse sistema injusto seja destruído.

Nosso visual é um visual pobre, como nós, somos pobres. Não usamos moda. Não compramos calças rasgadas, mais caras que calças novas, em butik de grã-finos. Não saímos por aí, perguntando e saímos por aí, perguntando como se vestir para parecer "punk". Nosso visual não é uma fantasia para ser usada em fins-de-semana em salões carnavalescos. É uma maneira de dizer não ao consumismo de um sistema que joga a maioria da população.

Nossa crítica ao sistema é uma crítica direta porque sentimos na pele o que é a exploração e a opressão. Nas ruas do subúrbio as crianças continuam existindo em meio à marginalidade delinqüente e a miséria comum. Milhares de famílias soterradas em barracos precários, e em ônibus caindo aos pedaços,

os, pessoas decentes diariamente exterminadas pelos donos do poder.

Nosso desejo é acordar as pessoas para que lutem contra a exploração e contra os parasitas sociais. Acordar a juventude, para que saia da estagnação e do modismo de fim-de-semana e combata o sistema de cabeça erguida e olhos abertos. Para que a juventude aprenda a viver e pensar sozinha, sem necessidade de líderes ou autoridades.

"Sem liberdade" as pessoas se tornam idiotas, cadáveres ambulantes, cópias malfeitas de um passado que já morreu. Por isso a luta pela liberdade sempre foi tão importante e ser punk foi o meio que escolhemos de levar adiante esta luta. Participe do levante punk.

Editorial do fanzine "A Plebe Punk" janeiro de 1987.



Com a destruição de seus inimigos o ser humano conquista a LIBERDADE.

Capa do fanzine "Revolta Suburbana"

Mais podres que nunca

Mais Podres do que Nunca é o único disco do conjunto paulista "Garotos Podres" (Rocker Produções, 1985), um dos grupos nacionais mais cotados nos meios carecas. São quatro os "garotos podres", todos do chamado ABC, região da grande São Paulo de forte concentração operária: Mau, que toca gaita; no baixo, o Sukata; Português toca bateria; e Mauro, guitarra. Todos fazem o vocal, com uma voz dura, gritada.

É chocante a capa, com um bebê saudável só de fraldas e uma mamadeira cheia de leite na mão, em contraste com a contracapa, com uma criança etíope subnutridíssima, envolvida em trapos e com expressão de dor. Fome. Mas o disco tem outras surpresas. Vejam a letra de uma das músicas, recomendada por uma careca com a sua preferida:

MISERÁVEIS OVELHAS (Garotos Podres)
Miseráveis ovelhas
De um imensoi rebanhó
Onde os pastores
São os próprios chacais
Se vossas mortes
Lhes trouxer algum lucro
Eles os matarão como animais
Para eles trabalham
E lhes dão a vida
Em troca eles lhes dão
A fome, a miséria e a escravidão
E quem são eles?
São os donos do sistema
Donos de suas vidas
E de sua maldição



Na capa, criança do subúrbio do mundo

25 mil comparecem ao comício por eleições antecipadas na praça da Sé

Da Reportagem Local

Jorge Araújo

Vinte e cinco mil pessoas participaram durante a tarde de ontem do comício pela antecipação das eleições presidenciais para 1988 na praça da Sé (centro paulistano), segundo levantamento feito pelo DataFolha. O PT, que organizou o comício, estimou em sessenta mil as pessoas presentes à praça. Segundo o comandante do policiamento, major PM Nogueira, havia de oito a dez mil pessoas. "Se hoje só havia 25 mil pessoas, alguém estava mentindo em 25 de janeiro de 1984, quando disseram que havia trezentas mil pessoas no primeiro comício das diretas", disse às 18h30 o presidente nacional do PT, deputado federal Luis Inacio Lula de Silva, o último e o mais aplaudido orador da tarde.

O ex-governador fluminense Leonel Brizola, presidente do PDT, não compareceu ao comício. Segundo o deputado federal José Genoíno (PT-SP), Brizola e o líder pedetista na Câmara, Brandão Monteiro (RJ), não compareceram pois participavam do 1.º Congresso do Socialismo Democrático, promovido pelo PDT em Brasília e encerrado ontem. Ao público, no entanto, nenhuma explicação sobre as ausências foi dada. O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Jair Menequelli, também muito aplaudido ao discursar, afirmou que o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, para ouvir as pessoas que incentivam saques em São Paulo não precisa sair de Brasília: "É só ele interrogar o presidente Sarney e o ministro Bresser", afirmou.

O comício começou às 14h10, e embora os apresentadores o anunciassem como organizado pelo PT e pelos partidos "progressistas" —os citados foram o PC do B, o PH, o PSB e o PDT— os principais oradores eram petistas. O senador Affonso Camargo (PMDB-PR) também era esperado mas não compareceu. O deputado federal Luis Gushiken (PT-SP) disse que o comício levava a um desafio: "Saber se os partidos e entidades serão ajuda ou obstáculo à continuação do movimento por eleições para presidente". Se depender do deputado federal Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP), o PTB ajudará.

O deputado federal Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) comparou o comício ao movimento das "diretas-já" de 84 e disse que "nesse tempo em que a gente não esteve na rua só houve retrocesso no país". Falaram ainda a deputada estadual Luiza Erundina, o presidente do PT-SP, Djalma Bom, o prefeito de Diadema, Gilson Menezes, e o cientista político José Álvaro Moisés.

Incidente

Embora só tenha havido uma ocorrência policial —a prisão de uma mulher acusada de furtar carteiras—, a presença em meio ao público de um grupo de cerca de dez pessoas, formado por "punks" e "carecas", provocou certa tensão. Pouco antes das 16h, quando se encerraram as apresentações dos grupos musicais, um dos "carecas" subiu ao palanque para iniciar um improvisado discurso, logo interrompido pelos organizadores. Impedido de falar, o grupo postou-se em frente ao palanque e ateou fogo a uma bandeira do PT.



Lula entre os representantes das duas alas do PT, os deputados federais José Genoíno (à esq.) e Plínio de Arruda Sampaio



Punks agitam bandeira com o símbolo do movimento anarquista; proibidos de discursar, queimaram uma bandeira do PT

Segundo o advogado Luís Eduardo Greenhalg, dois dos "carecas" estavam armados. "Odeio o PT, mas ninguém aqui tem estilete e nem quer tumultuar nada", disse Coimbra, um dos membros do grupo "Carecas do Subúrbio". Ele afirmou ter vindo ao comício por estar "revoltado com o Sarney". A praça da Sé estava sendo policiada por 450 PMs e mais quatrocentos de prontidão nos quartéis.

O ator Ney Piacentini, 26, agitou o público ao manejar um boneco de Sarney, enquanto imitava a voz do presidente. O único a superar as vaias recebidas pelo boneco foi o deputado estadual do PDS Abdo Hadade.



Vidal Cavalcante

Metodologia da pesquisa DataFolha

Da Redação da Folha

O comício de ontem reuniu, segundo levantamento e cálculo realizado pelo DataFolha, cerca de 25 mil pessoas na praça da Sé, entre as 17h30 e 18h00, quando discursavam os principais oradores. Entre as 16h e 16h30, o número de pessoas girava em torno de 22 mil.

A área ocupada pelo comício atingiu 5.650 metros quadrados. Desta área, 2.700 metros quadrados conti-

nam em média 6 pessoas por metro quadrado (área de grande concentração). Outros 1.480 metros quadrados eram ocupados por uma média de 4 pessoas por metro quadrado (média concentração). O restante da área do comício, 1.470 metros quadrados, abrigava em média 2 pessoas por metro quadrado. A soma do público em cada uma dessas áreas (16.200, 5.920, 2.940 pessoas, respectivamente), naquele horário, totalizou cerca de 25 mil pessoas.

DOMINGO 9 DE NOVEMBRO DE 1986

A N T I E S T R E L A S

Eles se orgulham de ser os fora da Lei

Sarney

Eles estão por aí a mil, dispostos a mostrar as garras sempre que necessário

Leonora Amarante

Anarquistas, independentes, marginalizados, rebeldes, vanguardistas? Eles, lobos, fazem parte de uma matilha que não se submete ao jogo do sistema e, portanto, são renegados pelas grandes empresas que costumam apoiar as estrelas do mercado. São artistas que continuarão à margem, mesmo com a Lei Sarney, que concede benefícios fiscais para quem investir em atividades artísticas e culturais. Os "fora-da-lei" estão por aí, atuando a mil, e dispostos a mostrar as garras sempre que tentarem enquadrá-los.

Plínio Marcos, escritor e dramaturgo, anarquista confesso, diz que aceitar a lei é o mesmo que permitir ser inspecionado, espionado, avaliado, censurado e mandado por homens que não têm o direito, conhecimento e nem valor para isso. "Essa lei beneficia as pessoas que já são beneficiadas, porque são produzidas, portanto, essa lei não tem nada a ver comigo." Mais conhecido na periferia do que nos grandes teatros, César Vieira, produtor, diretor e dramaturgo não morre de amores pela Lei, mas se dispôs a discuti-la em todo o País, em várias mesas-redondas, mesmo sabendo que talvez não participe do bolo de Cz\$ 3,8 milhões destinados à nova lei. "Na minha opinião é uma lei confusa, contraditória e cheia de lacunas. Não conceitua o que é atividade cultural e obriga os beneficiários a se constituírem em pessoas jurídicas."

Um dos nomes mais respeitados da vanguarda nacional, Regina Silveira, artista plástica, não tem ilusões: "Toda arte experimental e séria está fora do mercado. O investimento sempre é feito no artista digestivo. Não espero nada e nunca esperei. Há anos optei por um trabalho paralelo ao de artista plástica, que me permite manter uma certa independência. Com a lei, os controladores continuarão a existir e os beneficiados serão

as galerias e instituições que já têm seus apoios. E quem não ficar amarrado a elas estará frito".

Vivendo à margem do mercado editorial, Roberto Piva garante que poeta é antes de tudo um animal nômade, dionísico e orgástico que tem sua mais bela expressão nos valores da África negra. "Por isso não acredito que eles eliminem o cordão sanitário que colocaram em torno de mim, do Zé Celso, João Silvério, Trevisan, Bicelli e Glauco Mattoso. Estão tentando explicar para a juventude que nós somos tabus. Essa grana do projeto do Sarney irá, com certeza, para os poetas pasteurizados, casados, burocratas e professores universitários".

Quase nunca as grandes empresas querem vincular seus nomes a eventos ou manifestações tidas como marginais. Alex Vallauri, mais de 20 anos de arte e dez de grafitos em ruas, no ano passado, durante a Bienal de São Paulo, onde tinha uma instalação, *A Rainha do Frango Assado*, procurou o Banco Francês Brasileiro para apoiá-lo financeiramente. Ele queria produzir adesivos para distribuí-los durante a mostra. "Acabei não conseguindo, o banco não achou legal ligar sua imagem a um processo marginal, como o grafito."

Vieira tem certeza que surgirão os agenciadores que vão "cafetinar" a lei. "E isso não tem como se evitar. Além disso, o Estado passa a particulares o dever constitucional de amparar e defender a cultura. Com isso as empresas passam a ter o poder de censura sobre a obra, além de só apoiar aquelas que lhes trouxerem retorno garantido."

Renato, empresário do grupo *Cólera*, de punk rock, concorda com Vieira e vai mais longe. "No ano passado batemos na porta de 16 firmas, a maioria multinacional, para conseguir grana para trazer ao Brasil o *Dead Kennedy*, da Califórnia, que, apesar de não ter nenhum disco lançado no Brasil, é o grupo que mantém o maior fã clube do gênero. O não foi unânime. O mesmo acontece com as bandas nacionais. Temos uma produtora, a Ataque Frontal, através dela tentamos nos inscrever nesta Lei Sarney e não conseguimos. Decididamente não há incentivo para o rock, só lojas de disco ou de material de surf nos apoiavam."

Enquanto os artistas "rebeldes" desanimados com a lei, vislumbram o futuro com um mercado movido pelas mesmices de sempre, algumas empresas multinacionais se manifestam. Marcus Barbosa, responsável pelo

programa e de patrocínios da IBM Brasil, garante que a empresa defende dois pontos básicos. O primeiro é apoiar a cultura nacional e, segundo, projetos que tenham cunho didático ou de preservação. Não daremos apoio a trabalhos que dividam a opinião pública, por exemplo, os de caráter político ou religioso. Estaremos abertos à vanguarda caso ela tenha contexto compatível com a imagem da empresa. Punks, por exemplo, seria interessante se fôssemos uma empresa de jeans ou de discos.

Já a Rhodia do Brasil, através de Walter Nori, quem decide os apoios culturais, avisa que vai dar continuidade ao seu projeto sobre arte popular. "Estamos preocupados num tipo de arte em extinção no País, e é nisso que vamos investir."



Plínio Marcos não gosta e não quer saber da lei. "Essa lei beneficia as pessoas que já são beneficiadas". Enquanto isso, Plínio vai preferindo o choro do povo



O grupo *Cólera* bateu na porta de 16 firmas multinacionais. E recebeu uma resposta: Não! A artista plástica Regina Silveira não espera nada da lei



O movimento punk de rua está acabando, mas as bandas prometem muito som este ano. Alguns grupos vendem discos como nunca e aprimoram a técnica, um deles se apresentará no Exterior

1986, um ano para a afirmação da música punk?

LEONOR AMARANTE

Os ouvidos conservadores que se preparem. O ano de 86 vai começar sob o signo do rock, não do dançável rock and roll, mas da música punk, que colocará em rádio, TV, praças públicas, clubes, danceterias todos seus segmentos, desde o oi, mais lento, passando ao hardcore e ao loud-fatt, mais rápidos. E a promessa não fica só aí. O grupo Cólera, um dos mais antigos de São Paulo e um dos que mais vendem disco, já se prepara para encontrar seus fãs europeus, numa excursão que deverá acontecer em meados do ano abrangendo dez países, entre eles, obviamente, a Inglaterra, onde tudo começou em 1976 com o Sex Pistols.

Redson, além de integrante do Cólera, é também produtor e acaba de lançar importante coletânea "Ataque Sonoro" (primeira foto, abaixo), pelo seu selo Ataque Frontal, criado em 1984. "A idéia do disco era reunir os vários segmentos do rock-punk para mostrar ao público que não costuma frequentar nossos shows o que realmente se passa em termos musicais. Afinal o que as bandas querem mostrar é que não somos um bando de analfabetos musicais tentando fazer som", como definem alguns críticos, dizem uníssonos.

Se no Brasil eles enfrentam ainda uma resistência, lá fora já foram capa da revista *Maximum Rock and Roll*, da Califórnia, que lhes dedicou quatro páginas. No disco *Welcome 85*, reunindo as melhores bandas punks do mundo está a paulista Olho Seco, com a música "Nada", de Fábio Rodrigues, integrante da banda do produtor da *New Face*, responsável pelo lançamento de vários grupos nacionais e agora do inglês *Exploited*, dos finlandeses *Terzeet* e *Rattus* e, para o dia 20, promete mais dois ingleses *Varukers* e *English Dogs*.

Mas a grande surpresa do ano será sem dúvida a vinda do *Dead Kennedy*, o grupo norte-americano mais importante, que nos dias 7 e 8 de março estará no Palmeiras em São Paulo e 14 e 15, no clube da Lagoa, no Rio. Seu líder Gello Biafra, o guru da maioria das bandas brasileiras, em 82 foi candidato à Prefeitura de Los Angeles. Redson comenta: "Sem fazer um único comércio conseguiu ficar em terceiro lugar. Dá para sentir o que ele representa para a juventude norte-americana. Ídolo dos mais politizados, Biafra reduz a nada Ronald Reagan e suas pretensões atômicas".

A atitude punk enquanto movimento acabou no Brasil. A polícia

nunca deixou os garotos em paz. Bastava se vestir de preto, ter cabelos cortados a estilo moicano, usar brinços, alfinetes, pulseiras de arrebitos para serem enquadrados. Mas como sempre acontece, o sistema depois de neutralizar ou dizimar o que lhe incomoda suga, explora, transforma, pasteuriza, massifica e se apropria de tudo o que pode lhe interessar. Assim, travestir-se de punk virou moda. Dos jardins aos mais sofisticados shoppings, as vitrines oferecem, a preços de ouro, tudo o que os garotos da Sete de Abril usavam para sair do anonimato de simples arrimos de famílias. Hoje o movimento se reduz ao som das bandas e, mais do que nunca se prolifera por todo o Brasil.

Mas nem todo mundo consegue sobreviver só tocando em grupo punk. Carlão, da Juízo Final, divide sua vida musical entre a Juízo e a *Ness*, que acaba de lançar o LP "Não São Paulo". José Augusto Lemos, também integrante da *Ness* e crítico da revista *Bizz*, especializada em rock, acha o movimento punk musical forte. "Nada colonizado, continua suburbano, movido por uma fúria autêntica e decidido a crescer. Os *Inocentes*, um dos pioneiros, tem solos de guitarras, escalas melódicas

com achados orientais, meio árabes", analisa o crítico.

Essa depuração de som que os puristas criticam, mas que a maioria dos músicos julga necessária, foi um dos passaportes para o punk chegar à TV Globo. Amanhã, o Cólera agitará a praia do Pepino no Rio, quando entrar no palco do programa "Mixto Quente", que acontece todos os domingos. Pierre, seu baterista, acha essa veiculação importante, afinal eles até agora se apresentavam para um público reduzido de aficionados. Tonhão, da *Inocentes*, concorda com Pierre e defende a melhora do som. "Certas bandas continuam com o som rude inicial. Nós descobrimos que se tivermos um bom som passaremos as mensagens contidas nas letras. O texto, sempre carregado de denúncias e reivindicações, chega melhor ao público se acompanhado de uma música mais trabalhada. Clemente, da mesma banda, considera um dos bons músicos do gênero, está satisfeito com a acolhida do rock/punk no Interior, onde tem se apresentado. "Agora também temos as rádios alternativas 89 e 97."

Sem local certo para os encontros musicais e bate-papos, os punks paulistas estão dispersados. Há alguns anos, para encontrá-los, bastava

ir a galeria da 24 de Maio, no final da tarde e aos sábados, ou enfrentar o abafado porão da rua João Caetano, onde acontecia o melhor do rock/punk (nada de punk boutique), ou então caminhar pela estação São Bento e papear com eles nas escadarias do metrô. Os mais íntimos eram recebidos num de seus redutos mais agradáveis, uma velha fábrica em ruínas na Moóca. Os tempos mudaram e eles também, menos o olhar implacável da polícia que não os deixava em paz, nem no Centro e nem mesmo quando se transferiram para a rua Augusta, na ex-Rock-Punk.

Muitos afirmam que, somada à repressão, houve também gangs desordeiras que se infiltraram no movimento para atrapalhar, depredando teatros, danceterias e até mesmo o Sesc-Pompéia que abriu suas portas para um show memorável que resultou no disco "O Começo do Fim do Mundo". A foto de capa, mostrando uma multidão punk, impressionou até mesmo os ingleses. Não porque tenha saído no *Sunday Times*, mas porque as bandas punks do mundo inteiro são unidas, se correspondem, editam fanzines (jornais especializados, escritos à máquina ou mesmo à mão).

Houve épocas em que

do ABC não tocavam em São Paulo e vice-versa. Esses quatro anos de movimento alterou o comportamento dos músicos e agora já existe um entrosamento. A *Rocker* de São Caetano, produtora artística, gravadora e responsável por um tablôide, lançou o grupo "Garotos Podres", que em apenas dez dias conseguiu vender mil discos. "Um hiper-sucesso", defende Mauro Losch, um dos integrantes da *Rocker*. "Em São Caetano o movimento está crescendo, mesmo o de rua. O bar Casa Grande é o ponto de encontro dos grupos que, aos poucos vão encontrando espaço." Na *Wop Bop* e na *Baratos e Afins*, duas lojas especializadas em rock, seus responsáveis garantem que a venda de discos punks aumenta a cada dia, muito mais do que no auge do movimento. Com nível escolar médio, os punks entraram para a Universidade, através da tese de mestrado de Janice Caiafa, "A Invasão dos Bandos Sub: Movimento Punk na Cidade". "Punk também é cultura", satirizou Clemente (*Inocentes*) que, com sua veia satírica e política já prepara sua própria música. "Será dedicada ao Jânio, nosso Mussolini, a letra ainda não tenho, mas vai-se chamar *Duce*, como era conhecido o fascista".

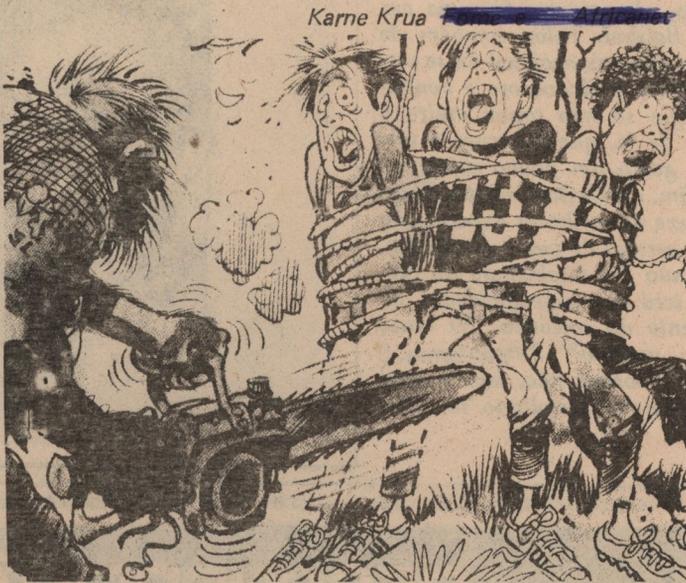
MANIFESTO PUNK-ANARQUISTA

Ai CARLOS SOBRE O TAL GORJE LINS QUE SACANEOU C/ ABENTE.

Cada Circo tem o

palhaço que merece

Pobre Aracaju, você precisa crescer. Você precisa afugentar essas pessoas que conservam as mesmices que lhe impedem de fortalecer a sua personalidade. Você precisa se livrar dos homens(?) sem palavra que bloqueiam seus caminhos em direção ao progresso cultural mental, humano, à liberdade de pensamentos e de ação, pois enquanto eles continuarem liderando, você continua afundando na lama provinciana. Enquanto esses idiotas que não conseguem captar a dor de uma "Fome" e que não valorizam a sua própria "Karne Krua", continuaremos monopolizando o seu sistema cultural, suas gerações jamais se levantarão para protestar, contra a miséria, contra a fome, contra a sujeira dos monopolizadores, contra a falta de criatividade, contra a falta de humanidade e contra a falta de espírito que os jorgelinistas tentam esconder embaixo de uma roupa nova, dentro de um copo de winisk ou sob o assento de seus bugres que estão sempre prontos para atropelar aqueles que prezam pela liberdade da palavra e não abaixam para eles suas cabeças. Mas nós estamos alertas e faremos com que engulam o próprio fel que vomitam contra nós. Nós, que lá do underground, tentamos melhorar o presente, porque o futuro é um amontoado de cinzas radioativas, resultados das ogivas nucleares detonadas contra nós, pelos jorgelins que dominam o



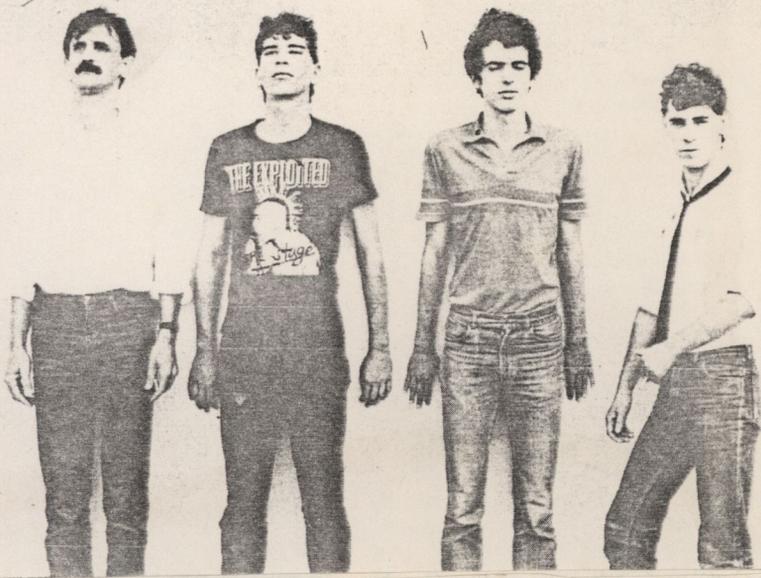
Karne Krua

oriente e o ocidente. Eles não nos entendem porque são mentalmente muito velhos para entender coisas novas (?). Eles são muito presos às "tradições", às caretices, ao passado, às banalidades, às mesmices e a tudo que é ultrapassado. Eles não aceitam o anarquismo, porque nada fazem sem o cabresto do sistema, pois sempre precisam dele quando querem aparecer, seja gravando idiotices, promovendo noite da minissala, ou algo que o valha, porque isso pra eles é cultura (agh..). Volta e meia estão bajulando os meios de comunicação para mostrarem um trabalho obsoleto, que é o seu próprio retrato. Um trabalho que se repete há uns cinquenta anos e que não conseguiu revolucionar nada, porque

a fórmula que eles usam é sempre a mesma: bajulação ao sistema, músicos formados em conservatório, partituras, etc... Eles nos reprimem porque nós dizemos "NAO" a tudo isso: à burguesia. (estado de espírito) à bajulação, à exploração (principalmente mental), ao modismo ao caretismo, ao protecionismo, ao babaquismo, ao jorgelinismo, ao idiotismo, ao caraoquismo, enfim, a todos os "ismos" que deixam os jovens incautos completamente babacas. Nós somos fortes, porque fazemos parte de um movimento que está agindo em todas as partes do mundo e tem fortes raízes enquanto eles não representam nada, apenas fabricam o tédio. "Cada circo tem o palhaço que merece....."

melhor banda
outros, quando fôr
ra guitarra
al mente sem
Paz
Revato

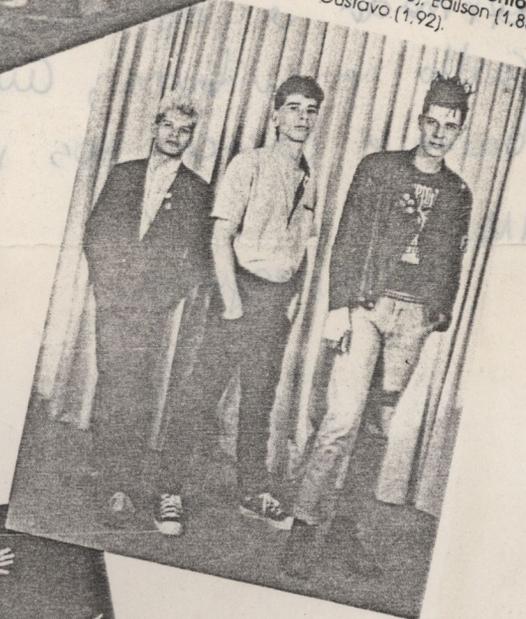
OSS
 Antonio Thadeu Wojciechowski, Edison Del Grossi, Roberto Prado, Marcos Prado.
 Foto: Anibal Marques



GRUPO Bello à Força
 Marcos Prado, Osvaldo Baby Junior, Luiz Antônio Ferreira,
 Rodrigo Barros Homem del Rei.
 Foto: Muara



GRUPO Maus Elementos
 Gallo (1,60), Edilson (1,85),
 Gustavo (1,92).



**BANDAS
 QUE CANTAM
 TEXTOS OSS.**



GRUPO Ídolos do Matinée
 Renato Incesto, Mola Jones, Marco Le Mans, Debbie Lloyd.
 Fernando Amaral Tupan.
 Foto: Peter Lorenzo



FANZINES PAULISTANOS

Fanzine — junção das palavras *fan* (de fã) e *magazine* (revista, em inglês): uma revista do fã, feita pelo fã e para o fã. Fanzine. A essência do fanzine: "é um barato e você também vai gostar". Nos anos cinquenta eram chamadas fanzines aquelas revistas de entrevistas e focos cinematográficas tipo *Modern Screen*, *Photoplay* e outras no gênero, que cobriam o quente da época: Hollywood. Aqui no Brasil era a *Cinelândia*. O termo voltou a ser usado no final dos sessentas, quando Andy Warhol lançou a sua *Interview* — que começou como fanzine. Desde então praticamente todas as revistinhas *underground* passaram a ser tratadas por fanzine. Com o advento do Punk, o termo ficou ligado às publicações de pequena tiragem, geralmente um xerox ou off-set, quase sempre feitas por uma só pessoa, escrevendo e diagramando da primeira à última página. O primeiro fanzine punk inglês data do fim de 1976 e tinha o nome de *Sniffin' Glue* ("Cheirando Cola", alusão a uma das faixas do primeiro LP do grupo *Ramones*). 200 cópias, nada de fantástico mas muito interessante. Com a explosão punk, o fanzine cresceu tanto que tornou-se o porta-voz do movimento. No número quatro a tiragem passou para 1000 cópias e seu editor, Mark Perry, largou o emprego de bancário para dedicar-se totalmente ao fanzine. No número 10 o *Sniffin' Glue* já tornava-se internacional, com 8000 cópias, impresso por off-set. Depois de alguns números escritos só por ele, Mark Perry confessou-se entediado e passou o fanzine à quem quisesse escrever. Muitos o fizeram. Do *Sniffin' Glue* saíram alguns dos melhores jornalistas e criadores de TV atuando hoje, seis anos depois, na Inglaterra. Mesmo com muitos erros ortográficos, os artigos desse fanzine eram escritos com tanta garra, revolta, má-criação e sinceridade, que a grande imprensa ficou impressionada e Mark Perry, Danny Baker, Steve Mick e outros acabaram tornando-se celebridades do momento. Em um número do *Sniffin' Glue*, Steve Mick escrevia: "Os punks estão dizendo que esta é a melhor revista do momento. Claro que é, porque estamos duros, desempregados, vi-

vendo em casas pobres e, sendo assim, nós sabemos o que está acontecendo". No número cinco, Mark Perry aconselhava aos leitores: "Todos vocês garotos que leem o SG, não se satisfaçam com o que nós escrevemos. Saíam e comecem seus próprios fanzines, ou mandem suas críticas para a imprensa do Sistema, vamos pegá-los pelos nervos e inundar o mercado com a escrita punk!". Desde então as seções de cartas dos jornais estavam sempre com a correspondência revoltada dos punks. E outros fanzines surgiram de toda a Inglaterra.

Com o movimento Punk espalhando-se pelo planeta (até na Rússia tem), os fanzines também se alastraram pelo mundo. Em São Paulo, os primeiros fanzines assumidamente punk começaram a surgir em 1982, com a explosão do movimento por aqui. Pelo menos quatro estão circulando. Os primeiros exemplares estão com suas edições esgotadas. As tiragens vão de 100 a 500 exemplares. Alguns fazem uma segunda edição, a pedidos. Os nomes dos fanzines paulistas são: **Factor Zero** — o primeiro deles, editado por Strongus, ex-guitarrista do grupo *Anarcoólatras*; o segundo é o **Vix Punk** — feito por Redson,

vocalista do *Cólera* — e o terceiro é o **SP Punk**, por Callegari, da banda *Inocentes*. O quarto deles é feito por um casal de namorados, Maurício e Dirce, e tem no nome as iniciais da dupla, **MD**, que alguns punks radicais, não levando muito a sério, chamam-no pejorativamente de **MD: Modas e Diversões**.

São bastante interessantes esses fanzines, todos eles. A linguagem é crassa, espontânea, agressiva, revoltada, proletária, direta. Manifestos, poesias, cobertura do movimento em São Paulo e no mundo, troca de correspondência com punks do mundo inteiro: da Finlândia à Califórnia, ao Canadá, à Polônia, à Itália, com a sofreguidão típica da energia da idade média da garotada do movimento: 18, 20 anos. A única universitária é Dirce (estuda na PUC); os outros, a maioria nem terminou o colegial, são pobres, trabalham o dia inteiro, geralmente são comerciários e não têm meios para pagar estudos. Mas são talentosos e inspirados. Interessados naquilo que diz respeito à realidade deles. Em São Paulo os punks estão com o PT

Antonio Bivar
Bivar acaba de escrever *O que é punk* para a coleção *Primeiros Passos*



Factor Zero é o primeiro fanzine punk de São Paulo. Menos manifestos e mais material sobre as bandas punks do mundo inteiro (com alguma concessão à New Wave). Na falta de publicações de música no Brasil, o **Factor Zero** de certa forma preenche a lacuna. É realmente um fanzine no estilo clássico do termo: uma revista do fã, feita pelo fã e para o fã. É um barato e não há como não gostar. Pena que Strongus, o editor, só lance a revistinha quando sente vontade.

Dos fanzines paulistas, o **SP Punk** é o mais inflamado. Callegari — o editor — e seus colaboradores, não deixam passar nada. Desde que a grande imprensa passou a se interessar e a cobrir o movimento, o **SP Punk** vem fazendo comentários ferozes a respeito do que tem saído. No editorial do número dois saiu: "No decorrer da leitura você encontrará erros de português, como: acentuação, pontuação e até mesmo de impressão, mas mesmo assim, pela qualidade das matérias de real interesse para os punks, são mais verdadeiras do que as que foram publicadas em jornais e revistas da chamada grande imprensa, que apesar de seus recursos (fotos coloridas, boa impressão, repórteres profissionais, redatores etc...), não conseguiram até hoje expressar as ideias propostas pelo nosso movimento em alguns casos até as distorceram, e que só serviu para nós punks limparmos o cu."

Como todos os fanzines, no **SP Punk** ninguém assina matéria. O número 2 traz al-

guns excertos do livro *O que é anarquia*, da coleção *Primeiros Passos*, um dos mais lidos entre os punks; mais um artigo sobre o movimento *Oi* inglês (que junta punks e skinheads); uma poesia de Garry Johnson, considerado o mais expressivo poeta do "Oi".

Vix Punk está no número três. Redson, o editor, diz que cada número sai por Cr\$ 210,00 mas é vendido por Cr\$ 200,00. Redson ri e diz que em cada exemplar ele perde dez cruzeiros, bem perdidos pela causa do movimento.

MD, ou Maurício e Dirce, ou "Modas e Diversões". Neste fanzine há uma seção de orientação de leitura chamada "Vale a Pena Ler". Alguns livros indicados: *Ronald Biggs — a minha verdade: A revolução dos bichos e 1984*, de George Orwell; *O estrangeiro*, de Albert Camus; *Memórias de um sobrevivente*, de Doris Lessing. Nos dois primeiros números do **MD** o interessado encontrará também resenha de discos e bandas punks e new wave, do Brasil e do mundo, entrevistas, focos etc...

Os fanzines são encontráveis na loja *Punk Rock* — Grandes Galerias, Avenida São João 439, 1º andar, loja 240, São Paulo. Os preços variam entre 100 e 200 cruzeiros.

O primeiro festival punk de São Paulo vai acontecer nos dias 27 e 28 de novembro, no teatro do Sesc — Pompéia. Nome do festival: "O Começo do Fim do Mundo"...



TERRA DE ESPERANÇA E GLÓRIA

(poema de Garry Johnson)

Esta pode ser a história de
qualquer um,
a história de sua irmã, de seu filho,
de pé contra o muro, de pé contra
a lei,
cujo único crime é ser pobre,
deles é a batalha, dia e noite,
cada vez mais difícil, seja branco
ou negro.
Diretos da escola para as filas do
desemprego,
pouca esperança para eu e você,
mas podemos lutar, podemos roubar,
o preço de um prato de comida,
mas por que ser sempre assim,
a luta pela sobrevivência para você
e para mim?
Onde ficou a terra de esperança e
glória?

Será que foi apenas um
conto-de-fadas?
É a terra feita para heróis que estou
procurando,
como Oliver Twist, nós queremos mais.
Então, o que há de novo? Sei que
não há nada de novo,
outra criança nasceu para perder.

INIMIZADE

(letra da banda Fogo Cruzado)

Inimizade eu tenho por aqueles
que querem comandar
que querem obter o poder
às custas de enganar e roubar

Inimizade eu tenho também
aos que se deixam enganar
que fecham os olhos pra não ver
os grandes roubarem - quem é que
sabe?

Eu não sei
Quem é que sabe?
Inimizade - Inimizade

Inimizade é pra você
que está aí sentado e acomodado
e não faz nada pra deter os ladrões
de terno da cidade - quem é que
sabe?

Eu não sei
Quem é que sabe?
Inimizade - Inimizade

GAROTOS DO SUBÚRBIO

(letra da banda Os Inocentes)

Vagando pelas ruas
tentam esquecer
tudo que os oprimem
e os impedem de viver

Será que esquecer
Seria a solução
Pra dissolver o ódio
que eles têm no coração?

Vontade de gritar
Sufocada no ar
Medo causado
pela repressão
Tudo isso tenta impedir
Os garotos do subúrbio de existir

Garotos do Subúrbio
Garotos do Subúrbio
Você Você Você
Não pode desistir de viver

CORRUPÇÃO

(letra da banda Ratos de Porão)

A corrupção está acabando com a
nação
E todo mundo está fingindo ser irmão
A sociedade pensa que somos
vagabundos
e que só eles vão conquistar o mundo

Não não não vai dá não!
Não não não vai dá não!

O índice de desemprego está
crescendo
e eles fingem não estar vendo
**Por que eles estão com os olhos tapados
por alguns trocados!**

Não não não vai dá não!
Não não não vai dá não!

PENSANDO...

Tem uma coisa que eu sempre quis
falar, a suástica, a suásticas é símbolo de
uma das mais odientas coisas que
ocorreram na história da humanidade o
nazismo, que pregava a superioridade
de uma raça, a raça ariana, pregar
superioridade não tem problema
nenhum mas querer provaresta falsa
superioridade através da extinção de
outros seres é realmente uma atitude de
débeis mentais. Mas pior atitude ainda é
quem não faz parte deste bando de
loucos e cultua o símbolo deles apenas
por acharem-no bonito ou por achar
que Punk tem algo a ver com isso, e se
tivesse?

Sinceramente se Punk pregasse
nazismo eu nunca seria Punk pois não
faço parte daquela "racinha pura e mais
inteligente que as outras".

Outra coisa que eu tenho notado é
que tem gente confundindo Anarquia
com Paz e Amor, Anarquia não é guerra
e nem destruição e política, ao
contrário disso Anarquia é contra toda
e qualquer forma de autoridade, e, é
para pessoas inteligentes e conscientes,
e uma pessoa inteligente que é a favor
de guerras e destruição precisa
urgentemente ser internada ou assistir
filmes da 2ª guerra mundial, mas isso
não quer absolutamente dizer que
Anarquia seja a ideologia hippie em
outras palavras, isso quer dizer que
qualquer ser humano tem capacidade
de pensar e agir por si próprio sem ter
que receber bens e seguir regras. Aí
você se pergunta: mas anarquia não é
regra? Eu respondo: não. É apenas um
rótulo, um nome e uma definição, mas
se você é anarquista não é obrigado a
seguir o que ela prega assim como acha
que não existem leis que possa impedi-
lo de fazer o que você acha que deve
fazer.

E o que isto tem haver com Punk?

Muita coisa. Pois o que os Punks
pretendem é exatamente o que a
Anarquia diz. Punk Rock é música e
não política e Anarquia é ideologia e
não política, pra ser Punk não precisa
ser a favor da Anarquia nem de porra
nenhuma mas se alguém acha que Punk
é só fazer barulho com as guitarras está
enganado, porque aí seria como a
música Discotheque, apenas teria
outros ritmos.

Pensem e decidam-se por vocês
mesmos ou façam do Punk uma
ideologia de vida ou sejam como esses
burgueses que ficam escutando música
pra seguir a moda. A minha decisão é
pela Anarquia para o Punk e pra mim
mesmo.

Os punks faziam a sua festa. Aí chegou a polícia.

Tudo corria normalmente no festival dos rapazes de cabelo arrepiado, ontem, no Sesc—Pompéia. Até que chegou a polícia, prendeu 25 e acabou com a festa.



A família punk



As brincadeiras punks



A música punk

A meninada que neste fim de semana esteve participando do I Festival Punk do Sesc — Fábrica da Pompéia não precisou lançar mão de muito fixador para ficar com os cabelos em pé. A polícia se incumbiu de dar o motivo. Ontem, por volta das 5 horas da tarde, quando o Sesc estava cheio de punks e de público, a polícia entrou armada de cassetetes, escudos e com uma tropa de choque para dar um fim no que o Tenente Zácara da PM definiu como "bagunça". Nessa investida, cassetetes vibrando, os policiais foram prendendo todos os punks que encontravam pela frente, até aqueles que estavam sentados no Centro de Convivência assistindo os filmes de vídeo-teipe. Resultado: muito susto, revolta e 25 detidos, na maioria adolescentes entre 16 e 19 anos, empregados em funções como ajudante de cozinha, office-boy, bancário.

Ninguém sabia informar ao certo quem chamou a polícia. Alguns levantaram a hipótese de ter sido alguém da vizinhança do Sesc na rua Clélia, que não deve ter gostado de uma discussão entre punks que estava acontecendo na rua e onde, segundo algumas testemunhas, alguém puxou uma faca. O que ninguém lá dentro do Sesc aceitava era a invasão, a violência indiscriminada e a atitude de alguns policiais que foram arrancando filmes das mãos dos que tentavam fotografar ou filmar o acontecimento.

O diretor do Sesc — Estanislau Sales — que garantiu que todos os detidos seriam libertados — e Antonio Bivar, um dos organizadores do evento (dramaturgo, editor da revista Gallery Around e autor do livro "o que é Punk" que estava sendo lançado pela Editora Brasiliense durante o Festival), chegaram a acompanhar os detidos até o 7º Distrito Policial. No final da tarde, quase às 19 horas, a PM já havia desimpedido a rua, recolhido seus componentes e cedido lugar a duas peruas da Garra. No auge da confusão, foi necessária a mediação de um funcionário do Sesc, que garantiu aos policiais que os punks todos entrariam dentro do Sesc para de lá depois saírem ordenadamente.

O I Festival Punk do Sesc — Fábrica da Pompéia tinha como um dos seus objetivos divulgar o movimento punk para todo o Brasil, já que ele se concentra somente em São Paulo. As suas lideranças — que não gostam de ser chamadas assim — faziam questão de frisar que, apesar do visual agressivo, os punks não são violentos. Havia, ao lado da mostra de fotografia, vários artigos escritos por eles próprios, onde se explicava que "o punk quer é protestar, escandalizar e violentar o sistema, mostrando para ele a sua parte nojenta" e alertas como: "Se você quer roubar, matar, andar armado, você está no movimento errado. Ladrões e malandros não de-

vem ser confundidos com os punks". Ou ainda "drogas são usadas por pessoas que não querem enfrentar a verdade".

Alvaro Roberto Barbosa, o "Alemão Nazista", 22 anos, punk desde 1972, era um dos que não aceitavam certos comportamentos que alguns mostravam durante o Festival, como arrotar, fazer xixi nas paredes, destruir as coisas (arrancaram uma pia do banheiro, e quebraram alguns bancos).

— Se eu ataco esse sistema que está aí não posso agir igual a ele, filosofava o Alemão. Mas tem muita gente que não entende isso. Esse festival mesmo, devia ser usado pelos punks para uma análise; ver se a música está evoluindo, analisar o que está sendo mostrado nos vts. É preciso que o pessoal se informe sobre o movimento.

Informados ou não, o certo é que transitarão neste fim de semana pelo Sesc uma infinidade de jovens (a maioria proveniente dos bairros pobres da cidade) devidamente caracterizados como punk: roupas de preferência pretas, adereços de couro e tachinhas, cabelos em pé no estilo moicano e detalhes mais chocantes como por exemplo o alfinete de pressão literalmente espetado na bochecha, prendendo um dos cantos da boca. Durante toda a tarde do sábado e do domingo eles puderam ver passar pelo palco armado ao ar livre os seus conjuntos musicais, batizados com nomes como Doze Brutal, Pyscose, Ulster, Cólera, Neuróticos, M-19, Inocentes, Julho Final, Fogo Cruzado, Desertores, Suburbanos, Passeatas, Decadência Social, Olho Seco, Extermínio, Ratos do Porão, Hino Mortal, Estado de Coma, Lixomania, Negligentes. A música que eles mostravam não era muito diferente do visual assumido: agressiva, como muitos gritos, batida monocórdica, repetição constante de uma mesma frase. A cada grupo que se apresentava coube a divulgação de uma ou outra pílula da filosofia punk, como por exemplo:

— O punk é sub. Sub tudo — subnutrição, submundo, ou ainda nós temos ódio de vocês (do sistema), ou ainda, por que será que o homem só usa sua inteligência para construir armas?

Fora algumas garrafas quebradas e os incidentes com a pia e com as cadeiras, os funcionários do Sesc não detectaram mais nenhum estrago até bem pouco antes da ação policial. De qualquer forma, eles foram orientados no sentido de evitar atritos com a meninada.

— Aconteceram algumas briguinhas entre eles, explicou uma funcionária. Mas a gente percebia que, na maior parte das vezes, era mais encenação. Como a gente estava orientado para não proibir nada, acho que eles ficaram um pouco desconcertados.

Festival no parque. E até mesmo um pouco de música.

Colocar setenta mil pessoas num parque como o do Ibirapuera, em plena manhã de domingo, não é missão difícil. Especialmente se houver a promessa de um grande show de música popular, que reúne inúmeros roqueiros e outros nomes já consagrados pelo público. Difícil mesmo é manter o público numa convivência pacífica com o parque. Este foi um aspecto dominante no show Rumo ao Sol, promovido ontem na praça da Paz do Parque do Ibirapuera, onde cerca de 70 mil pessoas foram ouvir nomes como Lauro Corona, Gonzaguinha, Luiz Ayrão, e os conjuntos 14 Bis, Herva Doce e o Blitz.

Enquanto os nomes iam desfilar no pequeno palco providenciado para o espetáculo — uma promoção direta da gravaadora Odeon e da Rede Bandeirantes — um outro incrível festival ia-se desenrolando pela platéia esparramada no gramado, até quase a beirada do grande lago. Um festival feito de violência sensualidade, humor e até mesmo ocultismo.

A violência ficou por conta de todos aqueles que, para tentar uma melhor visão do espetáculo, subiam nos montes nos galhos das árvores espalhadas pela praça da Paz. Os resultados destas brincadeiras eram, invariavelmente, catastróficos. Uma viçosa seringueira teve seu galho maior e talvez sua vida de vários anos golpeados pelo peso de dez pessoas. E cada galho tombado significava uma estranha festa para a platéia, constituída em sua maioria por jovens, de diferenciação das classes sociais. Além das agressões ecológicas, houve também brincadeiras pouco atraíveis como guerra de lama e lançamento de corpos das pessoas pelo ar por pe-



Um público pouco comportado...



...ontem no Ibirapuera.

quenas multidões que se compraziam em gritar olé.

Felizmente, o lado violento não foi o predominante neste animado festival da platéia do Ibirapuera, que, em vários instantes, era muito superior ao espetáculo mostrado no palco. Indiferentes ao que lá acontecia, diversas pessoas passeavam com cachorros — desde o impertinente chluauá até o volumoso São Bernardo, — faziam ginástica, vendiam bijuterias, beijavam-se, ninavam crianças, faziam crochê, batucavam sambas-enredos, circulavam, como verdadeiros mágicos, de bicicleta pela multidão e muito mais. Esta dispersão verificada na platéia — especialmente do meio para o seu final — era indiscutivelmente motivada pelo som do espetáculo, potente o suficiente para animar cinco mil pessoas e nuncá setenta mil, espalhadas ao ar livre. Os que estavam no final do gramado ouviam tudo como a um rádio com pouquíssimo volume. E ainda mais: as caixas reproduziam com

maior intensidade a parafernália instrumental, ocultando desta forma a voz dos cantores.

Levando estes aspectos em consideração, pode-se dizer mesmo que o público foi complacente. A cada mudança dos artistas, tinha-se que esperar vários minutos pela próxima atração, isto porque havia sempre a troca dos músicos acompanhantes. Esses momentos de completa desativação do espetáculo eram preenchidos, numa missão penosa, pela apresentadora Helô Pinheiro, que, entre outras banalidades, incentivou o público a rugir como leões.

Palco e Bastidores

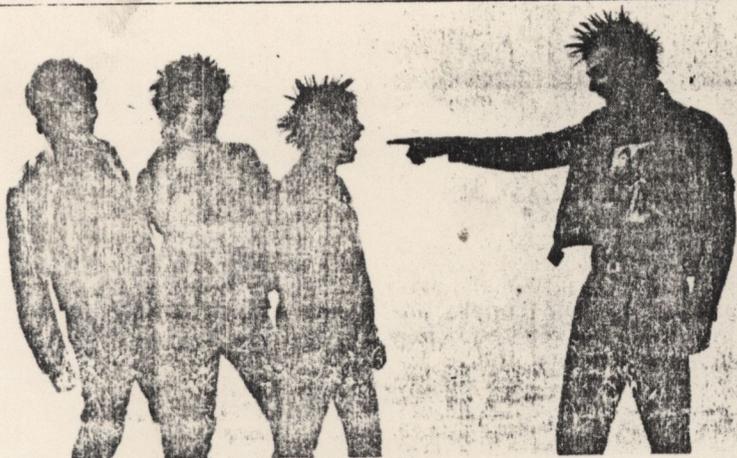
O show começou por volta das 11 horas da manhã com a apresentação do grupo 14 Bis, um dos contratados dos selos EMI e Odeon convocados para a apresentação ao ar livre de ontem. Em seguida, e sempre prejudicados pelo péssimo som, entraram os componentes do grupo Herva Doce e no palco fica-

ram até a aparição de Lauro Corona.

Com seus cabelos à James Dean, Lauro conseguiu um dos primeiros momentos de euforia do espetáculo que ainda contou com a presença de Gonzaguinha, Dalto, Luiz Ayrão e o grupo Blitz, a atração mais esperada do dia.

Os bastidores eram estreitos e confusos. Atrás do palco, foi reservado um espaço para os artistas, delimitado apenas por lonas. Dentro dele, algumas corbeilles, latas de refrigerantes e várias garrafas de Bell's, utilizados pelos artistas em confraternização. Gonzaguinha chegou com os filhos — Fernanda, de quatro anos e sempre agarrada à cintura do pai, e Daniel, de sete anos — e disse achar interessante shows populares como aquele de que estava participando. "por colocar à prova a capacidade do artista manter uma relação direta com o público", mas pediu que antecipassem a sua entrada no palco. Ele, que era o penúltimo a se apresentar, cantou em seguida a Lauro Corona.

Agitação na chegada do Blitz, que veio para o Ibirapuera diretamente do Aeroporto de Congonhas. A simpatia e descontração, ingredientes básicos na imagem do grupo, eram muito mais naturais em Márcia, uma jovem de 19 anos, uma das cantoras do conjunto, que lançava gritos de "chocante" a qualquer momento: "Sabe por que fazemos sucesso? Porque levamos um jeito carioca ao som da garotada. Chega de rock mineiro e, nessa, o Blitz salu ganhando com a moçada". E assim, pulando diante da bossa carioca, o público se despediu do show Rumo ao Sol, concluindo com quase três horas de duração.



Um grupo de punks numa foto de Ugo Romiti,...



...autor também desta foto.



Bivar: "Eles contestam tudo"

A FESTA DOS PUNKS

E o I Festival Punk do Sesc-Fábrica Pompéia, que acontece amanhã e domingo.

Adolescentes, pobres e magros os punks paulistas têm, invariavelmente, um aspecto maltratado que costuma chocar ou mesmo apavorar boa parte da população. Andam em grupos, fazem parte de gangues, vestem-se de preto, usam cabelos eriçados, raspados ou longos mas não agredem ninguém gratuitamente. Trabalham (ganham salário mínimo), moram em regiões proletárias, vivem com as famílias e contestam tudo. O sistema, a saúde pública, o consumismo. Mesmo assim, acreditam em alguma coisa. Mais especificamente em si mesmos e no movimento punk. Consequentemente, na música de sons e letras fortes que produzem; na dança-catarate brutal onde descarregam toda sua tensão; na poesia nem sempre rica inspirada numa realidade pouco agradável e sem perspectivas.

Definir o movimento punk paulista apenas dessa maneira é pouco. Mas é assim que Antônio Bivar resume as características gerais desse movimento que vem ganhando força em São Paulo desde 1977 e que é tema de seu livro *O que é Punk*, da coleção "Primeiros Passos", editado pela Brasiliense. Antônio Bivar estará lançando o livro durante os dois dias reservados para o "I Festival Punk do Sesc-Fábrica Pompéia", amanhã e domingo, organizado por ele mesmo e por Callegari guitarrista da banda punk "Inocentes".

Altas e baixas

Para falar do festival, do movimento punk e do livro, Antônio Bivar conta que passou o ano anterior inteiro na Inglaterra ("sempre que posso fujo para lá") observando os diversos movimentos jovens:

— O que mais me atraiu nos punks é que eles surgiram em 76 com toda a força, tiveram uma baixa em 78 e ressurgiram revitaliza-

dos em 80, tanto na Inglaterra como na Polônia, União Soviética, Finlândia, Itália e Líbano. E, curiosamente, quando cheguei a São Paulo, descobri que o movimento também estava fortíssimo aqui.

Para Bivar, uma das características mais peculiares do movimento punk é a coerência. Ele se explica melhor dizendo que esta ala adolescente e rebelde das classes menos privilegiadas encontrou um estilo muito pessoal — apesar de adotar um comportamento grupal — para manifestar a consciência que tem de ser explorada, de ser injustiçada socialmente. "Machucados e apagados, de que maneira chamaríamos a atenção dos outros se não agredissem visualmente as pessoas com suas roupas negras e seus cabelos estranhos?". Mesmo assim Bivar garante que os punks são alegres, bem-humorados e adoram uma foca quando se encontram na hora do almoço, no fim da tarde ou nos fins de semana, sempre em algum lugar público do centro da cidade.

O livro

— Afinal eu estou convivendo com eles desde que voltei da Inglaterra e só assim foi possível escrever algumas partes do livro mostrando o que pensam, onde moram, o que fazem ou acreditam.

No livro (um dos poucos da coleção que tem 120 páginas — todos os outros são mais reduzidos), Bivar aborda uma série de movimentos de contestação desde o existencialismo pós-guerra na década de 40, passando pelos anos 50 e 60 com os beatniks e os hippies, até o advento do punk, primeiro no Exterior e finalmente no Brasil, em São Paulo.

— Eles contestam tudo. A música popular, o consumismo, o sistema. Ao mesmo tempo, ingenuamente, eles se excitam com as le-

tras que vão elaborando para as músicas que criam, falando sobre injustiça social e outros temas que eu garanto não serem agradáveis. Sabendo-se escória e rebotalho humano, os punks querem apenas mostrar, através do visual, que têm força e consciência de sua condição marginal.

Antônio Bivar não perde um dia de encontro com os grupos, e quando está com os adolescentes diz que se sente um deles. "Eu fui office-boy e garoto de entregas na minha adolescência em cidade de Interior. Só que era solitário. Não tinha grupos como eles. Então percebo como é maravilhoso eles poderem juntar-se como num clube ou em qualquer outro círculo social das outras classes. O lado social dos punks nos encontros é muito intenso. E tem mais: eles falam, e falam bem; são politizados e exercem uma série de atividades além do trabalho que encaram diariamente. Já gravaram um LP — *Grito Suburbano* — e um disco compacto; muitos tocam instrumentos, alguns editam revistas e jornalinhos. Entusiasmados com a produção, eles acreditam mesmo é no movimento e, como poucos, têm uma nítida consciência de fim de século, quer dizer, de que cada vez mais as coisas tendem a piorar.

O festival

A idéia do festival é divulgar o universo dos punks. Nesse sentido é que a programação prevê acontecimentos paralelos (exposição de fotografia, de vídeos com trabalhos sobre os grupos punks, venda de publicações e a apresentação de vinte bandas punk (dez por dia). Assim, no Centro de Convivência será realizada uma exposição de fotografias sobre punks — coordenada e produzida por Bivar, patrocinada pela Fotóptica — com fotos de profissionais e amadores, com

destaque para o trabalho de Ugo Romiti, instantâneos e poses realizadas por Nenê, Toninho Prada, Carla Reichmann, Raimundo, José Fuentes, e o próprio Bivar, além dos desenhos de Meire Martins. A barraca da "Punk Rock Discos" venderá camisetas, discos, "bottons", "armbands", fanzines e minir revista em xerox produzida e editada por punks.

A programação do "Festival Punk do Sesc-Fábrica da Pompéia" (rua Clélia, 93) é a seguinte: amanhã e domingo, das 14 às 18h no Centro de Convivência haverá projeção dos vídeos: *Garotos do subúrbio*, produção do "Olhar Eletrônico"; *Punk São Paulo 82*, de Gringo e Marshmellow, com produção do punk Álvaro Roberto Barbosa; *Punk na TV*, a realização dos alunos Elvira Rocha, Toninho Prada, Margarida Chiarastelli e Elvira Macedo, do último ano de Jornalismo do Instituto Metodista; *Punk no Palavra de Mulher* — produção da tevê Cultura; *Punk na Bandeirantes*, produção e realização de Azar de Oliveira e edição de Neuz Pereira, de "O repórter", da tevê Bandeirantes; *Punk Rock Movie*, transposto de um super-8 de 1977 já considerado clássico no gênero, mostrando apresentações de vários grupos punks, entre eles Sex Pistols, The Clash e Siouxsie.

Amanhã, das 14 às 18, no hall do Teatro, dez bandas estarão se apresentando: Doze Brutal, Psycho, Ulster, Cólera, Neurótica, M-19, Inocentes, Juízo Final, Foo Cruzado e Desertores.

No domingo (mesmo local e horário) as dez bandas são: Suburbanos, Passeatas, Decadência Social, Seco, Exterminio, Ratos e Porão, Hino Mortal, Estado de Oma, Lixomania e Negligentes. (Apresentação de cada banda dur em média 20 minutos e os ingressos são gratuitos.)

O I Festival Punk na "Fábrica da Pompéia"

"O Começo do Fim do Mundo", organizado por Antonio Bivar e Callegari (guitarrista da banda punk "inocentes") é o I Festival Punk que o Centro de Lazer SESC "Fábrica da Pompéia" (rua Clélia, 93) promove nos dias 27 (sábados) e 28 (domingo), das 14h00 às 18h00.

Para Bivar, esse Festival é uma forma de divulgar os punks a todo o Brasil (eles se concentram somente em São Paulo) pois espera-se um público não apenas punk mas sim "que curta o punk" e queira conhecer esse tão comentado universo. E mostrar o punk para os não punks.

O programa do I Festival Punk inclui a apresentação de 20 bandas punks (10 por dia) e a exibição de vídeos sobre o movimento em São Paulo, complementada por uma exposição de fotografias sobre punks, coordenada e produzida por Bivar e patrocinada pela Fotoptica.

Desta mostra constam fotos de profissionais e amadores, com destaque para o trabalho de

Ugo Romiti e uma homenagem especial à Vania Toledo, a única fotógrafa brasileira que registrou a passagem de Steve Jones e Paul Cook (da Banda "Sex Pistol"), pelo Rio de Janeiro, em 1978.

Completando o evento, haverá uma barraca de "Punk Rock Discos", com venda de camisetas, discos, "bottons", "arm-bands", fanzines (mini-revistas em xerox, produzidas e editada por punks). Na oportunidade, Antonio Bivar estará lançando seu livro "O que é Punk".

Programação

Os grupos que se exibirão no I Festival Punk são: Doze Brutal, Psycose, Ulster, Cólera, Neuróticos, M-19, Inocentes, Juízo Final, Fogo Cruzado, Desertores (dia 27), Suburbanos, Pass-seatas, Decadência Social, Olho Seco, Extermínio, Ratos do Porão, Hino Mortal, Estado de Coma, Lixomania e Negligentes (dia 28). A apresentação de cada banda durará 20 minutos.



Garotos Podres: "A bomba mata rapidamente. A fome, lentamente, e dói muito mais".

S H O W

Um grito podre dentro da noite

Eles cantam o subúrbio e são sucesso na Alemanha. A partir de hoje, estão no Sesc-Pompéia.

Aída Bárbara

Os Garotos Podres estão mais podres do que nunca. Quem resolver se arriscar neste mar de podridão, é bom se preparar. Durante pouco mais de uma hora — de hoje a domingo, às 21 horas, no Sesc Pompéia, na rua Clélia, 93 —, Português, Sukata, Mauro e Mau, com toda a fúria e o impacto de seu trabalho, apresentarão um som que sofreu grande influência das raízes do movimento punk.

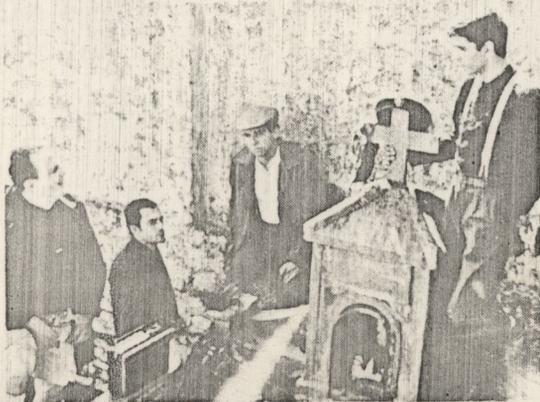
Ninguém espere, no entanto, encontrá-los vestidos como os tradicionais grupos punks que invadem o Madame Satã. "Aquele pessoal demora pelo menos duas ou três horas para se produzir, colocar braceletes, tran-

sar cabelo, pintar o rosto", compara Sukata. No palco da antiga fábrica, os Garotos Podres também estarão produzidos, mas como o fazem diariamente, quando saem para o trabalho. Permitem-se apenas o uso de botas de exército ou tênis, já gastos pelo uso. "Temos de trabalhar, como qualquer outra pessoa. Senão, não comemos e não temos dinheiro para continuar nosso som." A propósito, Mauro e Português são autênticos funcionários públicos.

Porém, se falta dinheiro, pelo menos sobra inspiração. Suas músicas e letras, que estão no primeiro LP independente, *Mais Podres do que Nunca*, trazem mensagens políticas e econômicas tiradas do dia-a-dia vivido no subúrbio pobre e, porque não, podre, da cidade grande.

O trabalho dos rapazes não procura dourar a pílula. Com a proposição de uma banda-punk, eles também têm preocupações sociais. Não falam em suas músicas — *Anarquia Oi*, *Papai Noel Velho Batuta* (o original seria f...) ou *Em Não Sei o que, Quero* — de guerras nucleares ou problemas raciais, como as bandas européias, mas da fome, da violência, da grande piada de mau gosto em que se vive. "A bomba mata rapidamente. A fome, lentamente, e dói muito mais."

O início de carreira do grupo, em 1984, foi difícil, sem instrumentos, local para ensaiar. A situação não mudou muito dois anos depois. Apesar de já terem vendido quatro mil cópias de seu disco, o dinheiro não foi parar nas mãos e, muito menos, nos bolsos deles. Apesar de punks, a esperança existe nos Garotos Podres. Esperança até de fazer sucesso em seu próprio país, porque na Europa já estouraram. Na Alemanha Ocidental, por exemplo, onde a revista *Vinyl Boogie* vende disco por reembolso postal, eles figuram nas listas dos mais vendidos.



O grupo se inspirou nas raízes do punk

A BANDA RERESSÃO E OUTRAS NO COPERÁRIO

DIA: 26.07.85.



Ñ SEJA +1 D.P.D

Ñ DEIXE M.P.F MORRER

AV. José DASTOS

INCRÁ

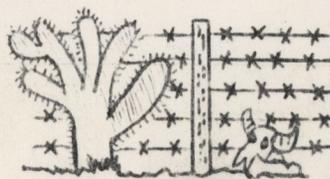
E TOME PUNK

Show
promoção
ca

filosofia
A Poio
pró-r. de
extensão

i Gozarte
na
em

NO PÁTIO INTER
NO DO CH.



A PARTIR DAS 18 HS.
ATÉ ÀS 22 HS.

Sexta-feira,
13 de 12 de 1985
Uece
Ação Bandas
repressão X
Podres
hipnose

Punk rock de verdade



"Mais Podres do que nunca", o LP do quarteto paulista

Fel e violência.

Chega de meio termo! já está nas bocas o LP **Mais Podres do que Nunca**, do quarteto paulista Garotos Podres. Só a capa já valeria o disco. Mas ainda tem a violência das letras, a fúria de um punk rock de verdade, desses que nunca vai tocar no rádio nem aparecer na tevê. Nem ficar nas vitrines das lojas

dos shoppings. Por isso, quem quiser os Garotos Podres tem de fazer um contato direto com eles - rua Tupiniquim, 52, Bairro Santa Paula, São Caetano do Sul, CEP 09500 - SP. Ou então ligue para a produção Rocker (455-4899). Os Garotos Podres não douaram a pílula. É fel puro.

Ao Jorge e a todos os interessados em adquirir o LP dos **GAROTOS PODRES** que acaba de sair a 2ª edição do mesmo, portanto já podemos atender a todos os pedidos, inclusive o seu. E, aí de você se não pagar!



GAROTOS PODRES

10/11 BULLY R. Londres, 742 UTINGA
ao ar livre - 14hrs - GRATIS

15/11 BUSO PALACE - 19hrs
Av. Goiás, 3363 - SÃO CAETANO

30/11 HOUSE DANCE CLUB - 22hrs
R. Oratório, 1996 - SANTO ANDRÉ

INFORMAÇÕES 455 4899

SNEG'S JEANS
Apresenta



GAROTOS PODRES



APOIO

FM 97

SABADO
DIA 30 DE NOVEMBRO
ÀS 22 HORAS



HOUSE
DANCE CLUB



PATROCÍNIO



RUA ORATÓRIO, 1996
TEL.: 415-7299
SANTO ANDRÉ - SP

CONVITES À VENDA

NAS LOJAS
SNEG'S JEANS



LOJA 1: RUA ELIZA FLAQUER, 286 - FONE: 440-0109
LOJA 2: RUA CAMPOS SALES, 127 - FONE: 444-2350
CENTRO - SANTO ANDRÉ - SÃO PAULO

GAROTOS PODRES:

SHOW DEMOLIDOR

No dia 17 de agosto, o folclórico bairro paulistano do Bixiga foi sacudido pela invasão de mais de 150 punks da periferia. Isso porque o Carbono 14, lá sediado, resolveu abrir seu espaço para as rajadas das bandas **Virus 27** e **Garotos Podres**. Esta última, representante no Brasil do som *skinhead* — aqueles carequinhos tão engraçados quanto a explosão de um carro-bomba —, estava lançando seu LP, *Mais Podres do que Nunca*.

Debaixo da forte atuação do grupo, que não dispensou nem uma gaita — complemento do vocalista dos Garotos —, o público *skin* aterrisava suas cabeças calvas contra os vitrais e paredes do Incubus et Succubus, o bar dançante do Carbono. Depois da auto-flagelação, com o sangue escorrendo pelas têmporas, voltavam para a frente do palco e para a sua dança *pogo*. Os anjinhos de gesso que decoravam o bar viraram giz em suas mãos, para registrar nas paredes os famosos A de "anarquismo".

Um dos sócios da casa demolida, Theo Castilho, até achou graça: "Ninguém dava espaço pra eles".

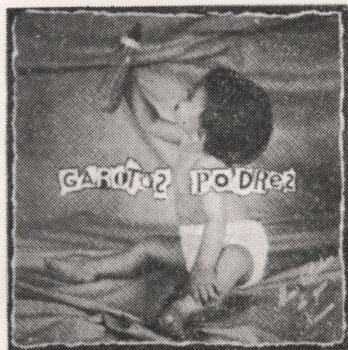


Mau, vocalista dos Garotos Podres

GAROTOS PODRES

UM INCRÍVEL SOM - UM ALUCINANTE VISUAL

DIA 15 DE NOVEMBRO - ÀS 19:00 HORAS



BAILE SHOW

no BUSO PALACE

AV. GOIÁS, 3.363 - S. CAETANO DO SUL - TEL. 442-3733

ao Som da MIRAGE

14 ANOS

APOIO FM 97

ROCKER PROMOÇÕES APRESENTA

GAROTOS PODRES

"OI MUSIC"

BIBLIOTECA MUNICIPAL MAUÁ

16 MARÇO - 21 HS

APOIO: SECR. ED. CULT. ESP. - ADM. LEONEL DAMO-MANOEL MOREIRA



ATENÇÃO

Já temos a
2ª Edição do LP
"Mais Podres
do Que Nunca"

Inf. 455-4899

RATOS DE PORÃO

DA VILA PIAUÍ
PARA O MUNDO



Foto Rui Mendes

Do subúrbio paulistano, uma das mais conceituadas bandas hardcore do globo

1981, Vila Piauí, periferia de São Paulo — uma bateria a mil quilômetros por hora, uma guitarra suja e um baixo podre quase punham abaixo um barracão de fundo de quintal. A vizinhança não entendia. Nem Jabá entendia muito bem aquele som que o DJ de seu clube preferido colocava para rolar em 77 na Vila Leopoldina. “No começo eu detestava o punk. Achava que ia acabar com meu clubinho de rock”, explica ele.

Mas Jabá acabou gostando e levou discos e mais discos para a “vila”. Jão, que tinha aprendido violão através daquelas revistinhas toque-toque, topou montar um grupo. E aí eles mudaram para a zona sul, fizeram sucesso pelo Brasil inteiro e hoje vou entrevistá-los no luxuoso escritório de seu empresário... Epa! Nada disso. Jão não sai da Vila Piauí por nada desse mundo, a não ser para tocar em algum palco. Os Ratos de Porão *nunca* ganharam um níquel pelos shows ou gravações independentes. As pilhas para manter o pedal da guitarra em funcionamento são roubadas em supermercados. Os instrumentos não melhoraram muito e a amplificação idem. O local de ensaio passou a ser o quarto do Jão, o guitarrista.

João (vocal/letras) entrou para a

banda em 83. “Eu ia encher o saco nos ensaios e cantava enquanto o Jão descansava. O Betinho saiu e ele e Jabá (baixo) me convidaram para entrar na banda. Aceitei porque era fã dos Ratos.” E se tornou um membro ativíssimo. No meio do ano passado a banda estava por um fio. Por quê? “Não tem grana, instrumentos, local de ensaio, amplificadores... Como continuar?” Mas continuaram. Decidido, João procurou o Luiz Calanca, do selo Baratos Afins, e sugeriu um I.P. Ele topou imediatamente. Reerguido, o grupo lança este mês *Descanse em Paz*.

Do curto e grosso hardcore, os Ratos de Porão alongaram suas faixas e horizontes no que João denomina estilo “Trashababa”, ou, simplesmente, “Xababa”. O que é isso?! “Hardcore feito por bêbados”, explica ele. Espaguete Jr. (bateria) vai mais além: “Um disco que mistura humor, ódio e violência”. E quem leu o manifesto publicado na BIZZ 12, na seção *Showbizz*, já sabe quase tudo sobre o som destes caras que exalam ódio por todos os poros, cordas, peles e vozes. O tiro atinge vários alvos: a atual juventude, em “Juventude Perdida”; as drogas (“as injetáveis”, esclarece João) em “No Junk”; o prefeito de São Paulo Jânio Quadros, em “Velhos Decrep-

tus”; os detentores do poder em “Cérebros Atômicos”... “Embora a gente fale dessas coisas no disco, estamos pouco nos importando com os problemas do Brasil. Somos contra futebol, política, novela, religião. Tocamos pelo puro prazer de fazer barulho”, diz João.

Ele é conhecido no meio artístico pela sua forte crítica ao rock que se faz no Brasil. “Não tem peso nem energia, é vazio.” “Uma banda xerox da outra”, acrescenta Jabá, que, junto com Jão, fecha sua preferência em Ratos de Porão — e só. “A única que presta é o Violeta de Outono”, concede João. Espaguete concorda: “São *muito* bons”. Por quê? “Me sinto como um bêbado num parque enevoadado”, explica o primeiro. “É cintilante”, conclui Espaguete.

É isso aí. Sem papas na língua, fazendo o que gostam, quer a censura goste ou não, esta banda estourará no Brasil este ano. Alguns endereços esperam pelo novo disco: Jello Biafra (Dead Kennedys), *New Musical Express* (semanário londrino), *Maximum Rock'n'roll* (fanzine norte-americano) e mais uma centena de outros espalhados pela Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Finlândia, Itália... “E Marte e África do Sul”, ironiza Jabá.

Sônia Maia

ESPERMENTAIX

COMPONENTS:
RICARDO (GUITARS)
ROGER (BASS)
LAVERNA (DRUMS)



Os Punks na região

Jovens, desempregados,
pregam agressão cultural

Re unidos nas vinte e cinco gangs e bandas, os aproximadamente trezentos adolescentes e jovens punks da região vivenciam contradições internas em visível separação da city — São Paulo. Não se pautam pela violência física: seu anarquismo

é cultural e, de fato, nos encontros desses jovens, cuja idade varia de 13 a 25 anos, além dos ataques vagos à autoridade, igreja e burguesia, o que transparece concretamente é a preocupação

com emprego. A adaptação do movimento, nascido na Inglaterra em 76, às condições locais, fez-se, entretanto, sem o abandono das duas bandeiras principais: o visual agressivo e a música estridente, ensaiada em precárias condições.

Ney BONFIM

De todos os adereços de imagem *horror* passada desde 76, os punks provavelmente só conservaram os alfinetes trespassantes, usuais nas orelhas e já raros nas maçãs do rosto. Todo o resto da parafernália chocante — *tomahawks* (machadinhas indígenas), correntes e canivetes, desapareceu, num raio que, provando a internacionalidade do movimento, vai da Califórnia, nos EUA, ao Grande ABC. Longe de ser um modismo, esse despojamento, tanto quanto a conservação do traje a rigor — a roupa preta e o cabelo trabalhado — é para o movimento a expressão da filosofia que o justifica: a agressão como protesto à sociedade que os desemprega. De fato, se um dos consensos entre os punks da região é de que seu nascimento se deve ao alto índice de desemprego, não é menos contraditório o arco das posições ideológicas, que vai desde um *decifro* sobre clássico do anarquismo, como Bakhtin, até a citação reverente de Jesus Cristo.

Bolota não se encaixa nesta última. Recepcionista em Campinas, ela viaja todos os fins de semana e folgas para a região onde, segundo ela e um coro de aclamações, está a consistência do movimento. Eroticamente *punk*, as tachas de metal que recobrem sua luva negra fazem filetes de reflexos, na penumbra de um viaduto, num sábado à noite, quando ela golpeia o ar com socos verticais, tornando mais incisivos seus improperios contra o governo, a burguesia, os *hippies*. "Tem que ficar na real, não tem essa de paz, amor e fumo, não. Os *hippies* são nojentos, não produzem nada, não pagam aluguel, não se preocupam com leite, ônibus, nada".

Visual mais moderado para escapar à repressão

que requer, para sua sobrevivência como movimento, um manioso jogo de cintura. Isso significa que, em constante consulta a seus princípios (anarquistas), se busque um sistema de comunicação de calibre eficiente.

Essé calibre, medido pelo grau de agressividade transmitida, varia diante das circunstâncias. Frente à repressão sofrida na região, algumas adaptações se fizeram necessárias, *manerando* o visual em relação à roupa, cabelos, *buttons* (broches), correntes, alfinetes etc. Reafirmando seu movimento como anarquismo cultural — e

A suástica, um erro

A relação dos punks com a sociedade, mais complexa que a desenvolvida pelos *flower-power* da década de 60 — já que se baseia numa simultânea inclusão-exclusão — cria, no Grande ABC, tanto os lugares quanto a configuração de bloco que se contrapõe à *city* (São Paulo). Nesse processo, as gangs e as bandas se identificam quando isoladas; reunidas, formam "os punks do ABC". Com exceção de Bernô (São Bernardo), que é mais distanciado, todos os outros locais servem a uma contínua peregrinação, reunindo agora em Saladino (Prefeito Saladino) as mesmas fisionomias e os mesmos gestos que hoje de manhã ocupavam seu território na feira de artesanato do Paço de André (Santo André).

Essa distância, entretanto, não chega a comprometer a imagem e a identificação entre as gangs. Se os de André, Caetano e Saladino acham os de Bernô *radicais*, tudo bem, nada de mais verdadeiro para os próprios. "Somos radicais mesmo. Somos anarquistas, mas anarquistas culturais, não saímos por aí dando porrada em todo mundo, isso não tem nada a ver. A própria suástica foi um erro terrível que o movimento teve no início. Somos contra os fascistas, somos contra o Estado. Eu, e mais um pessoal aqui, seguimos a doutrina de Bakhtin. Sou um anticristo". Pádua, ex-auxiliar de almoxarife, perdeu a mão e o emprego, há dois anos, mas em compensação é agora um autorizado porta-voz ("odiamos líderes") na praça Coap, Bairro Assunção, território onde, de todos os atos e gestos, o que mais emana é o gozo dos *Anjos* pela sua própria existência.

Essa caracterização de violência, que enfrentou a contrapropaganda organizada do movimento, aposentando correntes e machadinhas, liga-se na região à curta história do primeiro clube *punk*: o Sberoc, em São Caetano. A trivialidade do nome — Sociedade Beneficente

Esportiva e Recreativa Oswaldo Cruz — reuniu a sigla adequada com uma difícil situação financeira, em março de 79, forçando a diretoria a alugar o salão para "um certo Luiz Carlos Nunes". Surgiu aí o primeiro empresário do movimento.

Sem o pedigree de um McLaren (empresário dos *Sex Pistols*, um dos mais famosos grupos *punks*, já extinto), a carreira de Nunes foi também curta. Discordância de métodos: os *Punk Terror*, de Pirituba, entravam nos bailes sem pagar, saindo depois com arrotos de Átila. Encerrada esta fase, para a qual especializou-se durante uma viagem à Inglaterra o delegado de São Caetano na época, Cláudio Gobbetti, o movimento parece ter-se expandido, revolvendo, no processo de formação de bandas e gangs, a própria razão e as perspectivas dessa agressão adolescente.

Agredir para viver

Chileno, da gang Coveiros, não tem mais que 13 anos. Apóia-se num pé, no outro, mãos para atrás, o corpo fino todo ilhado em preto. Olha para os lados, sobe na mureta do lago do Paço de André, fala de duas bandas que compõem sua gang — a *Holokaosto* e a *Inimigos da Ordem*. Bolota, da Gatas de Bueiro — uma das raras bandas femininas da região — passa à sua frente, os cabelos laterais amarelo-palha, e os de cima ferrugem. Ele interrompe, continua, muda de assunto, invadem o assunto membros de outras bandas, se retiram, voltam. O diagrama da existência das bandas é mais ou menos isso — começam, morrem e se reencarnam em outras. As cerca de 25 bandas existentes no Grande ABC, com nomes que vão desde as já famosas *Ulster*, *Hino Mortal*, *Passetas*, até as sofregamente existentes, como a *Carniça*, *Garotos Podres*, *Metralhas do Calux*, têm, no geral, seu ciclo de vida marcado pela paciência dos pais em ceder

garagens e ouvidos de outras épocas ao som *punk*, a corrosiva bandeira do movimento.

Quem está empregado compra instrumentos de terceira ou quinta categoria, e que nunca variam: bateria, guitarra e baixo. Necessitando de uma estrutura, entretanto, as bandas se dissolvem tão rápido que uma que conte 5 meses é considerada *velha*. Já a gang, turma ou pessoal se mostra mais anarquicamente estável: a saída de alguém é naturalmente reposta. Além disso, a única coisa a manter é o local de encontro o que, tirando a eventual repressão, não é difícil.

Tudo isto se junta e dá a medida. Adolescência, vital descontentamento diante de uma sociedade industrializada e repressora, que desemprega e subemprega, o caos da antropofagia — industrialização e subdesenvolvimento. O laboratório *punk* do terceiro mundo só podia ser São Paulo e Grande ABC. ("Anarquismo na city é chutar saco de lixo; aqui na região não. Aqui é o movimento").

O sentir-se *punk* é vago: "Não vamos mudar nada. Primeiro, queremos fazer a revolução cultural com o pessoal, depois a massa. Teriam passos mais sérios, enfrentamento com a ditadura. E então a anarquia, as comunidades autônomas; mas, no momento, falta a gente se estruturar, se unir. Então a gente vai pregando, têm os fanzines, tem a música".

O futuro, a consequência, é mera imposição. "A gente quer ficar na real". Ficar na real é agredir para poder viver, é procurar emprego a qualquer preço. "Acho que não muda". Pode ser que a gente não mude, mas a gente atrapalha. Não somos cúmplices. Lembre-se dos estados teocráticos do Egito, aqueles lados: o explorado era o maior cúmplice, e ainda é". Mau, dos *Garotos Podres*, fala e fica um momento olhando, e o dedo em riste vai relaxando e pendendo. Penduram-se críticas raivosas a Silvio Santos, à violência policial, à religião e a Deus.

No verão inglês de 81, enquanto a publicidade fazia o mundo preocupar-se com detalhes do casamento de Charles e Di, um movimento — o Oi — tentava reunir facções adolescentes e jovens, conhecidos como *skins*, *punks* e outros. De uma dessas

tentativas iniciou-se uma onda de incêndios e distúrbios que só seriam atenuados pelo desvio de atenção provocado pela guerra das Malvinas.

Esse trecho, historiado no livro *O que É Punk?*, de Antonio Bivar (Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense) dá um painel dos componentes em que se viu envolvido, desde o início, o movimento *punk*. Iniciado concretamente em 76, através da música, com a criação da banda *Sex Pistols*, suas logo numerosas gangs e bandas procuravam expressar a revolta anárquica diante da crise e do desemprego. Eram constituídas, na maioria absoluta, por adolescentes classe média-baixa e dos



Filhos dos beatniks e da filosofia existencial

à repressão

que requer, para sua sobrevivência como movimento, um manhoso jogo de cintura. Isso significa que, em constante consulta a seus princípios (anarquistas), se busque um sistema de comunicação de calibre eficiente.

Esse calibre, medido pelo grau de agressividade transmitida, varia diante das circunstâncias. Frente à repressão sofrida na região, algumas adaptações se fizeram necessárias, *manerando o visual* em relação à roupa, cabelos, *buttons* (broches), correntes, alfinetes etc. Reafirmando seu movimento como anarquismo cultural — e não físico —, acabam por expor o recuo a que foram obrigados, no sentido de abandonar o uso das peças que mais amedrontavam, como correntes e canivetes.

A roupa preta, na realidade, é a retomada dos *beatniks* dos anos 50 que, numa postura existencialista, vagavam pelas zonas boêmias de Nova York e São Francisco. Historicamente codificada como ausência, negação, a cor preta, entre outras funções, rebate o colorido psicodélico *hippie*, efeito do LSD e outras drogas, fala de escuridão e palidez — com a qual contrasta eficientemente — já que tem a onda de reflexão de luz mais curta (não existe preto absoluto, que absorva toda luz).

As outras peças do aparato comunicacional são mais articuladas. Os *buttons*, por exemplo, reunindo mensagem verbal e visual, dificilmente, entretanto, são elaborados artisticamente. Seguindo geralmente uma linha dadaísta (corrente artística do começo do século que se propunha a desarticular sistemas pictóricos e literários anteriores, através da fragmentação, automatismo, etc), eles reúnem colagem de fotos, textos recortados de imprensa (letra a letra), tudo obedecendo, em última instância, ao caráter de instrumento de expressão política. Contradizem, assim, em parte, à característica cultural em que o *punk* tenta se encerrar. Quanto aos alfinetes, correntes e tachas, em maior ou menor grau ponteiavam e demarcam o preto da roupa; dos três, o mais agressivo, as correntes, já não fazem mais parte do esquema. Sobram as tachas que, além de fixas, são achatadas — traduzindo mais couraça defensiva que elemento de perigo —, e os alfinetes, ainda vistos como peças de sadomasoquismo.

Os cabelos, que identificam as várias divisões — *Punk*, *Oi*, *Skin-Heads*, *Hardcore*, etc — em zona de desempregados também perdeu potencial. Um *Moicano* — uma faixa de cabelos na parte central da cabeça, da nuca até a frente — obviamente não se encaixa no requisito *boa aparência*. Por outro lado, o cabelo *punk* comum aceita composições — e assim, registre-se a quantidade de vigilantes, bancários e outros, que estão no movimento.

Já a música (e dança), se é diretamente instrumentalizada como bandeira, por outro lado não passa pela necessidade de concessões. Pauta-se pelos compassos e instrumentos básicos do *rock*-guitarra, baixo e bateria, recusando, já que impossível, a sofisticação eletrônica. Quanto a esse item, é interessante notar que os *fanzines* (de fã mais magazine-revista, em inglês), jornaizinhos editados pelas gangs e bandas, recuperam o grafismo clássico dos anarquistas — muito título e citação escritos manualmente — mas são tirados em xerox.



Fotos: Antônio Prada GONZALES

As 25 bandas da região, como a Ulster, mais famosa, concentram sua agressividade na música

Os dias punks

Ricardo SOARES

Todo dia, quando acordava, pouco olhava no espelho e escovava os dentes rapidinho. O despertador — maldito — atrasava sempre os quinze minutos que faziam uma falta enorme quando estava dentro do trem preocupado com o relógio de ponto. Geralmente só havia tempo de mandar o café goela abaixo e sair com um amanhecido pedaço de pão entre os dedos.

A correria acontecia porque vestir a roupa de cada dia era um ritual demorado. Primeiro, a camiseta negra que nessa manhã trazia a estampa com a cara do Sid Vicious. Depois a calça, botas e meias negras. O toque final vinha com as pulseiras de couro cravejadas de taxinhas prateadas, uma grossa corren-

te no pescoço e a inseparável jaqueta de couro escura. Punk por opção.

E todo dia ao passar a chave na porta, olhando o irmão mais novo que dormia no sofá, ele saía com a convicção de que a volta aos grandes dias do rock estava na mão dos punks. Que a juventude suburbana encontrou seu canal de expressão através do punk, da agressão visual. E caminhava contra o vento, sem lenço e com todos os documentos em cima, na neblina poluída rumo à estação. O trajeto Santo André — Ipiranga não era curto e os trens já estavam cheios. Pra passar o tempo tirou do bolso um livro do Antônio Bivar que traçava em linhas gerais a história dos punks em todo o mundo. O livro já enebado era do Índio e estava passando de mão em mão.

Trem passando por plataformas e ficando cada vez mais cheio. Gente sonolenta se acotovelando, pedindo espaço. Alguém ao lado lamenta a derrota do Corinthians. Mas ele não queria saber de Sócrates ou Casagrande. Estava preocupado com o show punk do

final de semana. Todo mundo presente. Era importante. Conhecer de perto os semelhantes. Poder assustar de vez o visual punk. Trocar idéias e mostrar correspondências. Aníbal Troncho tinha cartas da Finlândia.

No cartão de ponto registrou seus vinte minutos de atraso. Mirou a cara feia do chefe, pegou suas correspondências e saiu para fazer as entregas. Sabia que a cada dia que passava o chefe tolerava menos seu jeito punk de ser.

Domingão. Som, muita jaqueta escura, muitos gritos, catarse. Dia de Silvio Santos, gibi, macarrão, missa e festa punk. Todos os grupos estavam ali. Todas as gangs andavam pelo enorme salão. Poses agressivas, caras de mau. Lembrou da canção: "Bye Bye Johnny/bye bye Alfredo/quem é da nossa gang não tem medo".

No começo tudo correu em ordem. Mas aos poucos uma gang de carecas foi chegando, tomando conta do espaço, enquanto o grupo Ulster berrava seu

existencial

reunir facções adolescentes e jovens, conhecidos como *skins*, *punks* e outros. De uma dessas tentativas iniciou-se uma onda de incêndios e distúrbios que só seriam atenuados pelo desvio de atenção provocado pela guerra das Malvinas.

Esse trecho, historiado no livro *O que É Punk?*, de Antonio Bivar (Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense) dá um painel dos componentes em que se viu envolvido, desde o início, o movimento *punk*. Iniciado concretamente em 76, através da música, com a criação da banda *Sex Pistols*, suas logo numerosas gangs e bandas procuravam expressar a revolta anárquica diante da crise e do desemprego. Eram constituídas, na maioria absoluta, por adolescentes classe média baixa e dos subúrbios londrinos que, ao invés da fuga para os campos ou para as viagens, soluções encontradas pelo último movimento jovem, de há dez anos — os *hippies* — optavam pela anarquia por dentro.

Esses jovens, que, identificados até há poucos anos com o *rock*, percebiam-se de repente muito isolados de seus ídolos — que promoviam espetáculos monumentais, tipo Rick Wakeman —, ansiavam por uma resposta no campo cultural (e existencial) que fosse adequada, que estivesse na real. Seus ancestrais, não foi difícil achá-los — a geração existencialista dos anos 40, e os *beatniks*, desbundados e aventureiros dos 50, estranhamente revestidos de preto, e de consciência à esquerda.

Dois filmes entraram para o arquivo: *Juventude Transviada*, de 52, com James Dean (numa das cenas, ele xinga membros de uma gang que o ataca de *Punks!*), e *Laranja Mecânica*, com Malcolm McDowell, vinte anos depois. Nos dois, a rebeldia e a violência como ação direta — princípio caro aos anarquistas.

A primeira baixa do movimento — abandono por parte da imprensa que o cortejara avidamente — deu-se em 78, ano em que, no Brasil, começavam a se formar as primeiras bandas — Al-5, Condutores de Cadáver, Restos de Nada, hoje extintas, reencarnadas em outras, como a Inocentes, Desequilíbrio, Hino Mortal, Estado de Coma.

Na Inglaterra, o primeiro compacto lançado foi *New Rose*, pelo *The Damned*, em 5 de novembro de 76; no Brasil, em abril de 82, a Punk Rock, loja situada nas Grandes Galerias, na avenida São João, edita Grito Suburbano, em 45 rotações, com músicas do Olho Seco, Cólera e Inocentes. A explosão *punk* ocorre em novembro de 82, quando se realiza o I Festival *Punk* do SESC-Fábrica Pompéia, reunindo exposição de fotos, publicações, desenhos, vídeos e o som de vinte bandas. Essa explosão terminaria com prisões, pancadarias e protestos.

Entretanto, os *punks*, aglutinados nas bandas e gangs (mas diferenciados, principalmente na Inglaterra e EUA, em facções como *Oi* — que surgiu para juntar os *punks* e *skin-heads* —, *skin-heads*, *hardcore* etc) mudam seu discurso, rearranjam o visual, tudo pretendendo extirpar a imagem de violência com que se marcaram. Essa desaceleração sem dúvida os golpeou em um de seus objetivos principais: a agressão visual. Mas, consultados os motivos de seu surgimento, isso se mostrou coerente: são des/sub/empregados. Ficam em filas, ou, se têm emprego, se esfalfam pelo menos oito horas diárias por salários que não fogem do mínimo. Unindo, entretanto, seus novos rumos aos antigos, apareceram, por exemplo, nas passeatas de Santo Amaro. Alguns que não participaram, discordam.

som. Quando Os Inocentes começaram a tocar a gang de carecas começou a chutar outros punks e a quebrar todos os banheiros. Um rojão estourou no salão e queimou a perna de alguém. Aí a briga comeu solta. Gente invadindo o palco, roubando pratos da bateria, amplificadores. A polícia, chamada pelos vizinhos, acabou com a festa e meia dúzia de punks foi passar o resto da noite no xadrez.

Triste e cabisbaixo ele e Aníbal Troncho voltaram a Santo André. Souberam na festa mesmo que os carecas eram do Grande ABC. E olhando as plataformas vazias — Aníbal dormindo ao seu lado — voltou pra casa com a certeza de prosseguir punk. Mas com uma grande dor no peito por ver que alguns andavam confundindo as coisas. Passando da agressão visual para a simples agressão física. Coisa sem sentido. Sabia, por isso, que dias piores viriam. Mas, para ele, ser punk não era bater em cara alheia. Era a chance dos garotos de subúrbio saírem do anonimato e brigarem por seu espaço no planeta. Mesmo que alguns não queiram.

Contra as drogas e o homossexualismo

"O brasileiro deixa de comprar um litro de leite para ir ao campo de futebol". O protesto é do punk Antonio Carlos de Oliveira, o Carlão, 19 anos, casado, pai de uma menina de quatro meses (Daniela), morador no Parque São Rafael, em São Paulo. Ele não é diferente dos outros. Está preocupado com a situação econômica, política e social do País. "O punk é sub. Sub significa todas as desgraças que estão por aí: desemprego, salário de fome, ônibus lotado e sub-nutrição. Esse sistema não serve para nós" - comenta Carlão. De fato, ele como os demais punks não aprovam o atual sistema. E para comprovar edita o fanzine *Anti Sistema*. Fanzine é um boletim xerocopiado, cujo nome é uma junção de *fan* (de fã, em português), com *magazine* (revista, em inglês).

Carlão, que trabalha como office-boy numa firma com sede no Edifício Itália, na Capital, diz que o movimento punk chegou atrasado no Brasil e de forma distorcida. "O pessoal do Grande ABC e Zona Leste se reúne no Paço Municipal deste 1978, mas o movimento enfraqueceu depois de uma série de reportagens, principalmente, pela TV. Mostraram os punks como símbolo da violência que ocorre na Grande São Paulo. Agora, todos vêm os punks como pregadores de vandalismo", queixa-se Carlão, explicando que não é nada disso, que os verdadeiros são contra uso de drogas, homossexualismo e qualquer tipo de violência física.

Em seu fanzine ele escreve o seu protesto: "Isto é um registro, um sinal de sobrevivência: de um lado as guerras, a bomba atômica e as lutas pelo poder. De outro, eu na poluição, lutando por minha comida, com baixo salário, perdido no anonimato de milhões de seres sobreviventes, do meu apocalíptico século, isto é um registro, apenas um sinal de sobrevivência". Apesar dessa postura romântica e subversiva eles são fundamentalmente honestos em suas afirmações.

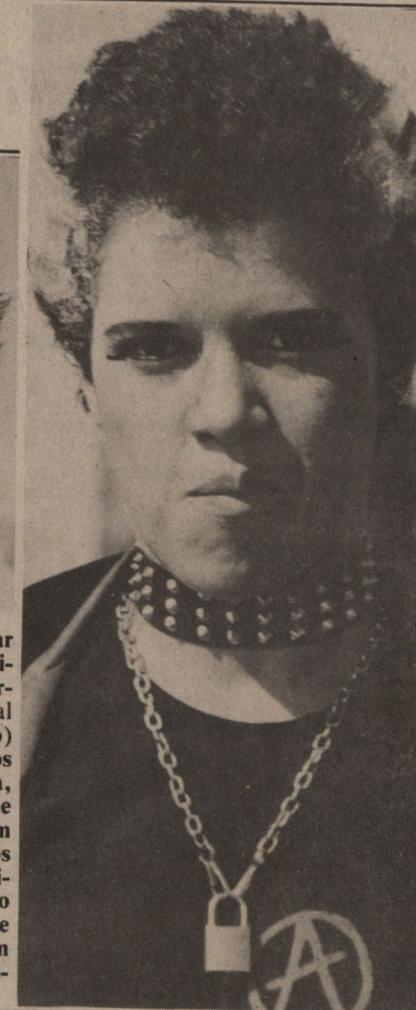
Realidade brasileira

O movimento surgiu na Inglaterra nos anos 70 e cresceu a partir de 1975, quando surgiu a primeira banda *Sex Pistols*. Depois, espalhou-se pelo mundo, inclusive nos países comunistas. No Brasil, há punks desde 77, em São Paulo e na região e o movimento atingiu seu auge em 81 e 82. Apesar de ser movimento universal, os punks brasileiros vivem a realidade local. Os seus protestos são divulgados pelos fanzines e pela música. Os grupos organizam bandas que basicamente são compostas de instrumentos como: guitarra, bateria, baixo e vocal e de amplificadores baratos para fazer muito barulho. Os nomes das bandas da região são: Corte Marcial, Infratores, Garotos Podres, Ciclo Vicioso, Grito de Alerta e



Os últimos dias dos

PUNKS



Valdenizio PETROLI

Todos os sábados, pela manhã, eles se reúnem em Santo André, ao lado da Feira de Artesanatos e Kitch, que ali se realiza. À tarde encontram-se no terminal rodoviário de São Caetano e, à noite, na quadra da Coap, no Bairro Assunção, em São Bernardo. São todos jovens, cuja média de idade é 18 anos, vestidos de preto, com cintos e pulseiras de couro enfeitadas com arrebites prateados, cabelos arrepiados ou penteados à moicana, calçando tênis ou coturno e na camiseta os

botões com emblemas dos grupos e das gangs. Os garotos punks pregam o anarquismo, ou seja, um país sem governo, em nacionalidade, onde todos os homens possam viver fraternalmente. A sua filosofia anárquica, por incrível que possa parecer, é a mesma pregada pelos antigos gregos, como se pode ver no socialismo utópico de Platão. Porém, mais do que ação política é uma autodefesa romântica frente a um mundo hostil.

Ainda em Santo André, no mesmo horário, também se reúnem os heavy metal (esses à noite reúnem-se na praça Cardeal Arco Verde, no centro de

São Caetano) e os roqueiros. Apesar de serem rivais entre si, convivem pacificamente, mas cada um com sua turma e idéias próprias. Os heavy metal (nome inglês que significa metal duro) usam também roupas pretas e cabelos compridos e os punks (que significa, numa tradução literal, vagabundos de pouca idade ou madeira podre) usam cabelos curtos. Todos esses grupos devem ser vistos pelo prisma sociológico como uma forma de comportamento humano, sem sentido amplo. Abrange todas as maneiras de agir em comum dos jovens em busca de identidade própria.

O punk não morreu

Com uma tatuagem no braço direito escrita em inglês *Punk's not dead* (o punk não morreu), Roberto Kimura, 21 anos, neto de japonês, morador no Bairro Santa Maria, em Santo André, com cabelos em pé no estilo moicano, um alfinete espetado na bochecha, prendendo um dos cantos da boca, queixa-se da discriminação das pessoas quando passa pelas ruas e da repressão policial.

"Eu sou um trabalhador. Sou desenhista publicitário e já arranji até um emprego de letrista", diz Kimura exibindo todos os seus documentos: "Olha aqui: carteira profissional, carteira de identidade, título de eleitor, CIC, Certificado de reservista, até chapa dos pulmões. Eu sou um brasileiro legalizado". Ele confessa que a mãe não concorda com a sua vida de punk, e que seu pai abandonou a família, antes mesmo dele nascer. A mãe, dona Yonne, no sábado pela manhã, permaneceu na praça junto com os punks e não quis dar entrevista, porque estava muito nervosa, devido a problemas particulares. Dona Yonne foi muito bem recebida pelos garotos, mas não faltaram as gozações com Kimura.

Se para Kimura, General Carniça (Adalberto, de 22 anos), e os seus colegas o movimento punk ainda não morreu, pelo menos reconhecem que enfraqueceu e necessita ser reorganizado. Para Wilson Alviano Junior, da banda Infratores, o movimento continua em coma. "Todo mundo diz que é preciso reerguer o nosso movi-

mentário. Ela diz que durante a semana não veste roupas pretas, porque faz estágio de enfermagem no Hospital Beneficência Portuguesa, em Santo André. "Eu só uso um alfinete na blusa", garante Pafúncia, que apresenta sombrancelhas e unhas bem feitas, afirmando que o colar de correntes com cadeado só usa nos fins de semana, quando sai com a turma. Nos seus planos está o de fazer curso superior na área de informática.

A importância do movimento

Para o artista plástico Renato Brancatelli, de São Caetano, o importante é constatar a existência deles e o seu papel na sociedade atual. E afirma que deseja que o punk desapareça o mais rápido possível e justifica: "O punk é o fruto dessa sociedade em decadência, onde impera a miséria e todos os tipos de desajustes sociais. O ideal é que, num futuro breve, não tenhamos mais o *podre*. Mas para isso, todos, inclusive os punks, precisam contribuir, na prática e não somente em termos filosóficos, com coisas úteis". Para Renato, eles são apenas uma reciclagem dos movimentos de jovens, como por exemplo, os *hippies* que já tiveram o seu momento ou *new wave* (nova agitação) que se projetou em diversas correntes, como a onda do *rock trabalhista*, cujos músicos usam roupas normais do dia-a-dia enquanto tocam.

Na Inglaterra, por exemplo, já surgiram os *after-punk* (depois de ou

Um movimento pobre com idéias anárquicas

"Graças a Deus sou punk", afirma categoricamente a jovem Denise Elaine, 18 anos, residente em Sapopemba, São Paulo, que anda com o pessoal da região. Ela parece parafrasear o título do livro de Zélia Gattai: *Anarquistas, graças a Deus*. Contudo, a garota mostrou, devido a falta de melhores conhecimentos de Filosofia, o que significa o anarquismo, na essência da palavra.

Denise é igual a todos os demais punks que se denominaram anarquistas. Eles parecem repetir, numa linguagem contemporânea, os diálogos de Platão ou Antístenes. Mais do que a incorporação de uma Escola Filosófica, o anarquismo para os punks é uma reação espontânea perante a realidade em que vivem. O que esses garotos imaginam é o mesmo que pregava Platão, em *A República*, onde projetou uma cidade utópica, que seria modelo para os seres humanos.

O sábio grego Antístenes, que pode ser considerado um pró-punk, falava de um mundo onde não existisse distinções de raça e nacionalidade, onde

mes de bandas é legal, afinal também estamos ameaçados pela destruição atômica. Mas não vamos nos esquecer da realidade daqui que enfrentamos dia a dia e que faz milhões de vítimas. Não vamos esquecer dos nossos inimigos mais próximos: Delfim, Maluf, repressão, etc... Vamos expandir nossas cabeças, crescer, amadurecer mesmo. Você sabe por que o seu país está em recessão? Você já pensou em como mudar, como melhorar? Já pensou em participar de uma passeata, de uma manifestação contra esse regime autoritário daqui? Você alguma vez já pensou? Então pense! Acorde! Pise no chão e tome uma atitude! "

Os punks de todo o Brasil mantêm correspondência entre si para troca de informações e fanzines. O movimento parece mais forte nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Presidente Prudente, Juiz de Fora e Salvador. Nessas correspondências os jovens falam de suas angústias e até mesmo de suas posições políticas.

Exemplo disso é a carta de Raulietti Diana, a Didi, enviada a Wilson Alviano Júnior, na qual relata que os punks do Amapá são contra a transformação daquele território em Estado.

Escreve a garota: "(...) Nós somos contra porque possuímos várias vantagens que um Estado não possui. Somos sustentados pela Nação. Não pagamos estudos. Um professor de 1ª à 4ª séries primárias ganha Cr\$ 500.000, os da 5ª a 8ª séries, ganham de Cr\$ 700 a Cr\$ 800.000 em diante. Um diretor de colégio e um professor de 2º grau ganham de Cr\$ 800.000 a um milhão, fora as gratificações e os aumentos. Um empregado de repartição do governo ganha bem". E mais adiante ela diz: "Quase não temos violências. Se o Amapá virar Estado vão acabar com todas as vantagens que citei e deixei de citar. E o Amapá não tem condições de sustentar-se sozinho. Os únicos que vão ganhar são os políticos, por isso eles querem que isso vire Estado".

os organizam bandas que basicamente são compostas de instrumentos como: guitarra, bateria, baixo e vocal e de amplificadores baratos para fazer muito barulho. Os nomes das bandas da região são: Corte Marcial, Infratores, Garotos Podres, Ciclo Vicioso, Grito de Alerta e Rebelião Suburbana.

As letras das músicas são todas baseadas em fatos sociais do dia-a-dia, alvo de preocupações da comunidade num todo. A banda Pesadelo, por exemplo, compôs a música *Delinquentes ou inocentes* que fala da criança marginalizada: "Crianças abandonadas caminham pelas ruas aprendem certo de uma vida errada: roubar e matar/ Que futuro têm essas crianças abandonadas que caminham pelas ruas?/ Aprendendo o mais certo/ de uma vida errada: roubar e matar". Já a banda Infratores fez a seguinte composição sobre a poluição: "Serres deformados/ alimentos contaminados/ crianças sem cérebro/ vítimas da poluição./ Em Cubatão, estúpidas indústrias,/ fábricas da morte/ Corroem vidas".

Antonio Bivar, teatrólogo, jornalista e animador cultural, em seu livro *O que é punk* (editora Brasiliense) diz: "Estes garotos sabem que o futuro não é nada promissor, tanto para eles como para seus semelhantes, tão pobres e oprimidos quanto eles. Então, unidos na força da adolescência, resolveram botar a boca no trombone, exigindo justiça para todos. Se for perguntado aos punks qual é a mensagem do movimento, eles responderão com palavras de manifesto que: o punk surgiu numa época de crise e desemprego, e tal força, que logo se espalhou pelo mundo. E que cada um, à sua realidade, adotou o protesto punk, externalização de um sentimento de descontentamento que já existia atravessado na garganta de uma certa ala jovem, das classes menos privilegiadas do mundo".

O escritor diz ainda que a média de idade do punk paulistano é a mesma do punk em qualquer outro lugar: 18 anos. "Existem punks de 10, 11 anos. Alguns com 26, 27. Nenhum ainda chegou aos 30, a não ser aficcionados ao movimento. A maioria dos punks trabalha. Em bancos, escritórios, lojas, indústrias etc. São office-boys, auxiliares de escritório, comerciários, balconistas, recepcionistas (as garotas), operários, feirantes proletários. Os que não trabalham é porque realmente emprego não está fácil. Todos querem trabalhar", comenta Antonio Bivar.

colegas o movimento punk ainda não morreu, pelo menos reconhecem que enfraqueceu e necessita ser reorganizado. Para Wilson Alviano Junior, da banda Infratores, o movimento continua em coma. "Todo mundo diz que é preciso reerguer o nosso movimento, mas a maioria está preocupada com pequenas bobagens, como rótulos, buchichos, tretas, e se esquecendo que o punk está morrendo" - comenta Wilson.

O fanzine Alerta Punk, em seu número 3, de setembro/outubro de 1983, diz em seu editorial: "O movimento punk em São Paulo chegou ao fim, foi feito o atestado de óbito em novembro de 82, com o festival Sesc/Pompéia. Pois lá os punks tiveram tudo nas mãos para levantar o movimento de uma vez por todas e não quiseram; arrumaram brigas e confusões, e aí os shows de punk foram tirados do Sesc/Pompéia e de todos os outros lugares". E mais adiante: "(...) Os punks têm que entender que o que estamos contando é a pura verdade e a realidade, não adianta brigarem, xingarem, pois o movimento em São Paulo está morto realmente. E é preciso ressuscitar o movimento. Precisamos de novas idéias, sugestões, opiniões e comentários para salvar este movimento que nos Estados Unidos, Inglaterra, Finlândia, Alemanha, Iugoslávia, Itália, Dinamarca, etc, está crescendo a cada dia".

Apesar de condenarem a violência física, pois *admitem* somente a violência visual, na prática isso nem sempre acontece. Dias atrás, jornais anunciaram que bandos de punks e *skinheads* (grupos de direita da Alemanha Ocidental, com vinculações neonazistas), tiveram briga em Hanover, na qual 26 policiais ficaram feridos e 298 pessoas foram presas. Os bandos eram procedentes de vários países europeus, com mais de 800 jovens participando da *manifestação do caos*. Na briga, 23 viaturas policiais foram destruídas.

"As brigas são casos isolados", diz Izabel Cristina de Oliveira Britto, a Pafúncia, 18 anos, residente na Vila Guiomar, em Santo André. "As tretas acontecem porque os gambês (policiais) provocam", diz a garota, afirmando que os policiais a detêm na rua e pedem para tirar as pulseiras e cintos de couros com tachinhas. Pafúncia é o que se pode chamar de *cat-woman* (mulher gato), com maquilagem carregada nos olhos, com desenhos pretos e grossos puxados para cima e cabelos descoloridos, às vezes, pintados de verde.

rock *trabalhista*, cujos músicos usam roupas normais do dia-a-dia enquanto tocam.

Na Inglaterra, por exemplo, já surgiram os *after-punk* (depois de ou filho dos punks) que também já estão dando trabalho às autoridades e na Alemanha, os *skinheads*. Sempre surgiram movimentos novos. Porém, seria muito positivo se todos contribuissem para a formação de uma sociedade mais justa", conclui Renato.

Para o roqueiro Reinaldo de Moura Ferreira, 20 anos, residente em Santo André, os punks e os *heavy metal* são grupos dispersos, agressivos, que gostam de rock pesado, ou seja, mais barulho. "As bandas punks usam sintetizador (aparelho) para dar mais agudo no som, ou melhor, para fazerem mais barulho. Os verdadeiros roqueiros gostam do som progressivo, curtem a raiz do rock, inclusive a MPB. Não usam de artifícios esdrúxulos, como roupas pretas, para mostrarem sua música e seu protesto. Todos participam como pessoas normais" - lembra Reinaldo. Os roqueiros, à noite, podem ser encontrados nos barzinhos espalhados na região.

Aculturação

No centro de São Paulo e em Santo André (algumas vezes no calçadão da rua Coronel Oliveira Lima, pode-se ver grupos de garotos que não são punks - dando espetáculos de *break*, ritmo importado que está mexendo com a juventude. O *break* é constituído de duas partes: o *electric boogie*, que é a dança robotizada; e o *break-solo*, que é a dança no solo. A *andadilha* para trás chama-se *moonwalking*. Esse movimento é um novo fenômeno da comunicação de massa, incorporado na paisagem urbana dos grandes centros. No caso brasileiro, todos esses movimentos vêm do Exterior e com atraso atingem sempre os mais jovens que estão à procura de novas alternativas culturais, para romper com o tradicional.

Na busca de novas experiências, no final de 1983, um grupo de jovens de S. Caetano, liderados por Luiz Carlos de Carvalho, o Joe, 20 anos, morador no Centro, criou o *The Ha'leys*. O movimento começou com quatro pessoas, depois foi crescendo, atingindo mais de 15. Todos usavam uma etiqueta marrom, com letras brancas escrita o nome do grupo e num canto o símbolo universal da paz e amor (o mesmo símbolo usado pelos *hippies* e *flower power*, nos anos 60, nos Estados Unidos).

"O pessoal se reunia nos fins de semana, sempre na casa de alguém, para curtir um som. Depois, começamos a frequentar alguns pontos de encontros da meninada no centro da cidade ou ficávamos andando pelas ruas à noite", conta Joe, acrescentando: "E, à medida em que o grupo foi crescendo, começaram os *aprontos*: mexer com as garotas, atirar sacos de lixos etc. Aí, resolvemos acabar com tudo e o grupo não voltou a se reunir. Ficou apenas a amizade".

nos. O sábio grego Antístenes, que pode ser considerado um pró-punk, falava de um mundo onde não existisse distinções de raça e nacionalidade, onde os homens, iguais entre si, viveriam num ascetismo rigoroso. Deveriam, contudo, ser ambiciosos sem violência, usando apenas a palavra e o exemplo.

O anarquismo que nasceu na Grécia Antiga e se desenvolveu através da Idade Média e pelos tempos modernos afora, sempre se dividiu em dois grupos: os que pregam a destruição violenta do Estado e os que acreditam que, pela educação e cooperação, podem chegar à liberdade total do Estado.

Essa filosofia milenar - *anarkhía* do grego significa ausência de chefia - é a mesma adotada pelos punks, que repelem o poder ou qualquer forma de domínio como um mal, devendo a sociedade funcionar sem governo, mediante a cooperação espontânea de todos os indivíduos para a organização social. Assim, dentro desse espírito de liberdade os anarquistas pretendem a supressão de privilégio de classe e eliminação da propriedade privada.

Na prática é diferente

Em abril, um grupo de 30 punks do Grande ABC e Zona Leste de São Paulo participaram da passeata pela *diretas-já*. Levaram inclusive cartazes de protestos, marcando de forma simpática a sua presença; porém contrariando a idéia anárquica. Além disso, nesta mesma passeata houve treta entre os punks da região e os da Vila Carolina, em São Paulo. Esses últimos se reúnem nas imediações da Estação São Bento do Metrô, no Vale do Anhangabaú, onde realizou o comício, depois da passeata.

Wilson Alviano Júnior, de 18 anos, residente na Vila Prosperidade, em São Caetano, elogia a participação dos punks na passeata, porém explica que eles não estão ligados a nenhum partido político, como foi anunciado anteriormente. "Cada um pensa o que quer e ninguém está obrigado a nada. Mas os punks como movimento não têm compromisso com ninguém, fala Wilson, que mostra um folheto informativo distribuído entre eles que diz entre outras coisas o seguinte: "Falar em guerra nuclear e pichar jaquetas com no-

Presidente Prudente, São Salvador. Nessas correspondências os jovens falam de suas angústias e até mesmo de suas posições políticas.

nho. Os únicos que vão ganhar são os políticos, por isso eles querem que isso vire Estado".

PUNKS

Perto do fim?

Os jovens punks da região têm seus pontos no Grande ABC, gostam de vestir o preto, usam cintos e pulseiras de couro enfeitados com arrebites



Foto: Gustavo Lima

e a idade média dos grupos é de 18 anos. Pregam o anarquismo. Mas a ação política que demonstram pode ser comparada a uma autodefesa romântica frente a um mundo hostil. Eles próprios reconhecem que estão chegando ao fim (Primeira página).

OK

SANTO PAULO — Quinto-feiz. 7-6-79

JORNAL DA TARDE

De tal modo, como se o relógio do mosteiro de São Bento fosse o Big Ben e os punks de São Paulo tão originais, ou revoltados, quanto os de Londres. O show de rock, dentro da estação do metrô, tinha terminado. Era domingo último e o relógio marcava as cinco da tarde. Foi nessa hora que o Punk do Terror atacou.

Desde que a música e a moda que exalta o sujo, o podre, o grotesco, criadas na Inglaterra há menos de dois anos, chegaram a São Paulo, os nossos punks trataram de imitá-las com fidelidade. Os guardas de segurança da estação do metrô, no largo São Bento, já não se surpreendiam com os adolescentes vestidos de sujo; com suas grossas correntes penduradas à cintura ou ao pescoço.

Longe dali, em São Caetano, também a vizinhança do clube Sberoc não se espantava tanto com os frequentadores dos balles Punks, que travavam violentas lutas ou amanheciam dormindo na calçada. Ou ainda, drogados, subiam nos telhados vizinhos, ou simplesmente usavam os jardins das casas próximas para se amar.

Nas lutas, as correntes passavam de adorno a armas.

O Punk do Terror — ramo que talvez não exista nem mesmo na Europa — frenquentou esses balles enquanto a política não acabou com eles. Vindo de Pirituba, esse grupo andou dando muita correntada, muita pancada, em seus colegas, digamos, moderados, do Sberoc.

No domingo, punks de ambos os grupos assistiram ao show ao metrô.

O rapaz apelidado Marrom, 16 anos, contaria mais tarde, na polícia, a briga e os tiros que feriram levemente três de seus companheiros punks. Mas só anteontem detalhou sua história, através da qual se sabe o seguinte:

Marrom e 14 amigos tinham saído da estação do metrô e caminhavam para o viaduto Santa Ifigênia. Viram, andando atrás de si, oito rapazes do Punk do Terror. Fáceis de reconhecer: o líder, chamado Juvenal, soldado do Exército servindo em Quitaúna, usa calças com a suástica nazista desenhada. Tinha uma camiseta com um crânio espetado por uma espada, desenhado nas costas, junto com a inscrição Punk do Terror. Alguns de seus amigos também tinham a inscrição em suas camisas ou camisetas.

Os amigos de Marrom disseram: "olha eles aí. Eram os mesmos que há alguns meses tinham atacado o Tigrão num baile do Sberoc (embora o Tigrão, moderado, tivesse depois dado uma machadada na cabeça de um dos do Terror). Também em outra vez tinham malhado a correntadas o Índio e o Betão, da turma de São Caetano, no mesmo Sberoc.

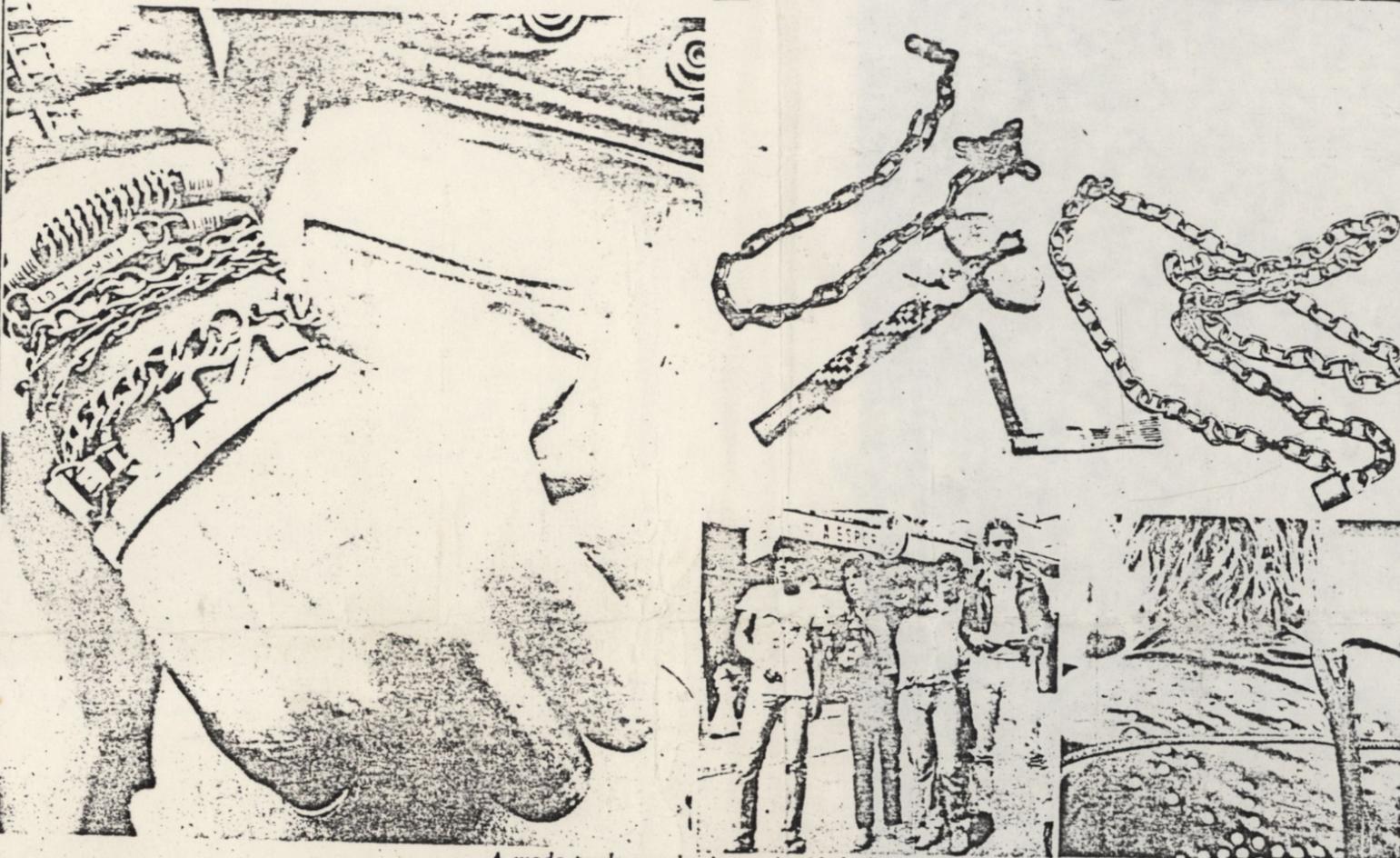
Além disso, na véspera mesmo — no sábado —, o próprio Marrom tinha apanhado dos Punks do Terror, num baile de Pirituba, e tivera de enfaxar a mão.

Por isso tudo, o grupo de Marrom se separou, já no começo do viaduto. Formou alas, pelas quais os do Terror tinham de passar. Um dos colegas de Marrom se aproximou dos inimigos, mas mal pôde falar. Os Punks do Terror atacaram a correntadas e socos e dois deles — Carlinhos e Primo — sacaram revólveres e começaram a atirar. O Alemão, da turma do Marrom, calu ao chão e Carlinhos apontou o revólver para sua cabeça. Primo, do Terror, disse: "Atira na cabeça". Mas o outro respondeu: "Não, vou deixar apenas aleijado."

Esta é a versão de Marrom.

Alemão, que é Ademir Gentile, 22 anos, levou um tiro no joelho. Outros dois de seus amigos, Laércio Novais e Erisdam Firmino, também foram feridos, com tiros de raspão. Veio a polícia. O Punk do Terror fugiu, os

A AMEAÇA PUNK



A moda punk — culto à promiscuidade física e social — chega a São Paulo numa de suas variações mais típicas (ainda que plagiada): a violência. E os grupos, que usam roupas sujas e cabelos tingidos, resolveram defrontar-se, usando correntes, canivetes e machados indigenas. Reportagem de Valdir Sanches e fotos de Luis Gavaert.

sua violência o fechamento de uma casa de rock de Pinheiros. Diz que os outros punks não andam com os do terror, por medo; por achar que algum dia eles acabam matando alguém. No Sberoc, diz Marrom, os Punks do Terror entravam sem pagar os Cr\$ 20 (Cr\$ 40, quando a música era tocada por um conjunto), porque o dono do baile não tinha coragem de cobrar.

E Marrom revela um dos motivos das brigas: os do terror queriam ouvir apenas rock punk. Se tocassem outra música reclamavam, davam correntadas no chão, a correntada acertava alguém, o tempo fechava.

Mas ontem, na Primeira Delegacia, dois dos Punks do Terror localizados, davam outras versões e chegavam a se lamentar. O Carlinhos, José Carlos do Nascimento, 18 anos, e Paulo Valim, 22 anos, resumiam o problema todo nisto: em Pirituba, onde moram, não há bons salões de rock. Então eles têm de ser punks nos salões dos outros, o que nem sempre agrada. Além disso, se conquistam uma menina, os punks locais ficam com ciúmes.

O soldado Juvenal — que é Juvenal Souza

Carlinhos admitiu que realmente deu o tiro em Alemão, com um revólver que os Punk do Terror tinham comprado de um hippie, graças ao dinheiro reunido em uma vaquinha. Mas diz que só ele tinha revólver; não sabe como os outros dois punks foram feridos.

Juntando-se o que Carlinhos e Paulo Valim dizem, tem-se que:

No domingo, no metrô, não eram apenas os Punks do Sberoc que queriam apanhá-los. Estavam lá os do ABC, chamados Punks Rebeldes, e até os do bairro do Limão, que se contentam apenas em ser os Punks do Limão. No meio do show, o Machadão, que é o líder do grupo do Sberoc, disse que estava tudo bem. As brigas tinham sido esquecidas. Acrescentou apenas que se o vissem brigando, não era para valer, era apenas uma brincadelinha.

Mas, quando o show acabou, os Punks do Terror viram que estavam sendo cercados. Tentaram sair, e já estavam fora da estação do metrô, quando o "fecha" se consumou. Então, começaram a brigar. Carlinhos pegou o revólver que levava em sua bolsa punk e deu o tiro que acertou Alemão. Seguiu-se o "abre", a

polícia, Carlos Heitor, os dois rapazes disseram também que isso de usar correntes na cintura, pulseiras, brincos, roupas desenhadas e outros "babilaques" já passou. É verdade que Carlinhos tem um furo na orelha esquerda, mas ele diz que é do brinco que usava em outros tempos.

O nome Punk do Terror, disseram na Delegacia os dois Punks do Terror, surgiu por acaso: "A nossa patota, esclareceu Carlinhos, colocou o nome, só isso." Agora, ele faz questão de desmentir o que dizem: "Não é verdade que saem massacrando os outros punks." Mas também, justifica, "se a tente não esquenta com briga e os caras vêm prá cima, a gente tem de enfrentar".

A filosofia punk é algo que Carlinhos diz conhecer. Numa explicação que provavelmente nem ele compreende, diz que é um negócio do mais pobre, do mais por baixo. Isso, pondera, "lá na Inglaterra: porque aqui, meu, o nosso negócio é só curtir um som".

Os policiais da Primeira Delegacia não assimilam essas explicações de Carlinhos. Mostram-se mais inclinados a crer que a filo-

Na fachada há inscrições como Punk do Terror, Hitler, Judas e riscos que reproduzem a suástica nazista. Em março, mal de finanças, a Sociedade alugou seu salão para um certo Luiz Carlos Nunes, que começou com os balles punks nos fins de semana. Os frequentadores surgiram de toda a Grande São Paulo.

Em meados do mês passado, o delegado Cláudio Gobbetti, titular da Delegacia de São Caetano, recebeu um abaixo-assinado com 172 assinaturas. Eram os vizinhos do Sberoc, reclamando do barulho, da sujeira, das brigas e do uso de seus jardins. Numa quinta-feira, o delegado mandou um carro policial com quatro investigadores para uma avaliação.

Os policiais voltaram e disseram ao delegado: "Doutor, não dá para entender."

Na noite seguinte, o delegado lotou seis carros policiais com investigadores e um comissário de menores e foi ao Sberoc. Entrou no meio de um rock punk. Entreviú, na escuridão, quase duzentos adolescentes e jovens dançando como se estivessem brigando, confinados por paredes pretas, os vitros tapados por chapas de compensado — cena de uma confusão maluca — e comentou com um investigador: "Não dá para entender."

Nem mesmo dava para anunciar: é a polícia! O delegado subiu no palco com sua equipe, conseguiu fazer-se notar e deu uma ordem: "Acendam as luzes!" Isso foi feito (de dia, nota-se que as paredes, com várias inscrições sobre rock, são na verdade azuis escuro) e o doutor Gobbetti viu, segundo conta: punks devidamente vestidos de grotesco, alguns com alfinetes transpassando a pele do rosto ou dos braços, muitos com os cabelos tingidos de amarelo ou roxo — inclusive os pelos do peito, exibidos por extensos rombos nas camisetas.

Os policiais levaram todos para a Delegacia, tendo para isso feito várias viagens com seus carros. Entre os apreendidos, estavam 12 garotas menores de 16 anos e 18 outras menores de 18 anos. No chão do salão, foram encontrados correntes, canivetes, um machado indígena, pílulas anticoncepcionais ou tóxicas e porções de maconha que, somadas, deram 12 gramas.

Os quase 200 punks, lembra o delegado, acharam muito divertido ir para a Delegacia. Menos dois deles, um cabo da aeronáutica e um soldado do Exército. O soldado — que então usava jeans com a palavra punk escrita em grandes letras, em ambas as pernas — era o mesmo Juvenal Souza Magalhães, da briga de domingo depois do show no metrô. Entre os detidos naquela noite estava também Ademir Gentile, o Alemão, o que levou o tiro no joelho domingo.

Mas o delegado Gobbetti, que há quatro meses esteve na Inglaterra e viu alguns Punks, dá detalhes sobre a qualidade da imitação dos nossos. Para contar o menos, pode-se citar que Gobbetti viu vômitos nos cantos do salão do Sberoc. Provocados, segundo ele, pela ingestão de leite com limão.

Alguns dos punks que frequentavam aqueles balles são os mesmos que podem ser encontrados na rua de pedestres Coronel Oliveira Lima, no centro de Santo André. Lugar onde faz ponto o Marrom da história de domingo. Ontem à tarde estavam por ali Toninho (blusão de couro com o nome punk aplicado às costas, cabelos oxigenados) e alguns amigos, que incluíam a adolescente Maninha — irmã de todos, como ela diz.

Alguns desses jovens fabricam e vendem artesanato nas calçadas. Eles queixavam-se do fechamento do Sberoc; agora, diziam, só restam os shows de domingo no metrô. E anunciavam uma guerra declarada em favor do rock punk — mais violento, mais agitado para dançar — e contra o rock discoteque, que

SANTO PAULO — Quinta-feira, 7-6-79

De tal modo, como se o relógio do mosteiro de São Bento fosse o Big Ben e os punks de São Paulo tão originais, ou revoltados, quanto os de Londres. O show de rock, dentro da estação do metrô, tinha terminado. Era domingo último e o relógio marcava as cinco da tarde. Foi nessa hora que o Punk do Terror atacou.

Desde que a música e a moda que exalta o sujo, o podre, o grotesco, criadas na Inglaterra há menos de dois anos, chegaram a São Paulo, os nossos punks trataram de imitá-las com fidelidade. Os guardas de segurança da estação do metrô, no largo São Bento, já não se surpreendiam com os adolescentes vestidos de sujo; com suas grossas correntes penduradas à cintura ou ao pescoço.

Longe dali, em São Caetano, também a vizinhança do clube Sberoc não se espantava tanto com os frequentadores dos bailes Punks, que travavam violentas lutas ou amanheciam dormindo na calçada. Ou ainda, drogados, subiam nos telhados vizinhos, ou simplesmente usavam os jardins das casas próximas para se amar.

Nas lutas, as correntes passavam de adorno a armas.

O Punk do Terror — ramo que talvez não exista nem mesmo na Europa — frequentou esses bailes enquanto a política não acabou com eles. Vindo de Pirituba, esse grupo andou dando muita correntada, muita pancada, em seus colegas, digamos, moderados, do Sberoc.

No domingo, punks de ambos os grupos assistiram ao show ao metrô.

O rapaz apelidado Marrom, 16 anos, contaria mais tarde, na polícia, a briga e os tiros que feriram levemente três de seus companheiros punks. Mas só anteontem detalhou sua história, através da qual se sabe o seguinte:

Marrom e 14 amigos tinham saído da estação do metrô e caminhavam para o viaduto Santa Ilgênia. Viram, andando atrás de si, oito rapazes do Punk do Terror. Fáceis de reconhecer: o líder, chamado Juvenal, soldado do Exército servindo em Quitaúna, usa calças com a suástica nazista desenhada. Tinha uma camiseta com um crânio espetado por uma espada, desenhado nas costas, junto com a inscrição Punk do Terror. Alguns de seus amigos também tinham a inscrição em suas camisas ou camisetas.

Os amigos de Marrom disseram: "olha eles aí. Eram os mesmos que há alguns meses tinham atacado o Tigrão num baile do Sberoc (embora o Tigrão, moderado, tivesse depois dado uma machadada na cabeça de um dos do Terror). Também em outra vez tinham malhado a correntada o Índio e o Betão, da turma de São Caetano, no mesmo Sberoc.

Além disso, na véspera mesmo — no sábado —, o próprio Marrom tinha apanhado dos Punks do Terror, num baile de Pirituba, e tivera de enfalxar a mão.

Por isso tudo, o grupo de Marrom se separou, já no começo do viaduto. Formou alas, pelas quais os do Terror tinham de passar. Um dos colegas de Marrom se aproximou dos inimigos, mas mal pôde falar. Os Punks do Terror atacaram a correntada e socos e dois deles — Carlinhos e Primo — sacaram revólveres e começaram a atirar. O Alemão, da turma do Marrom, calu ao chão e Carlinhos apontou o revólver para sua cabeça. Primo, do Terror, disse: "Atira na cabeça". Mas o outro respondeu: "Não, vou deixar apenas alijado."

Esta é a versão de Marrom.

Alemão, que é Ademir Gentile, 22 anos, levou um tiro no joelho. Outros dois de seus amigos, Laércio Novais e Erisdam Firmino, também foram feridos, com tiros de raspão. Veio a polícia. O Punk do Terror fugiu, os feridos foram levados para a Santa Casa e depois para a Primeira Delegacia.

Mas o Punk Marrom, que anteontem se apresentava descaracterizado, conhece antecedentes do grupo do terror. Atribui a ele e à

A AMEAÇA PUNK



A moda punk — culto à promiscuidade física e social — chega a São Paulo numa de suas variações mais típicas (ainda que plagiada): a violência. E os grupos, que usam roupas sujas e cabelos tingidos, resolveram defrontar-se, usando correntes, canivetes e machados indígenas. Reportagem de Valdir Sanches e fotos de Luis Gavaert.

sua violência o fechamento de uma casa de rock de Pinheiros. Diz que os outros punks não andam com os do terror, por medo; por achar que algum dia eles acabam matando alguém. No Sberoc, diz Marrom, os Punks do Terror entravam sem pagar os Cr\$ 20 (Cr\$ 40, quando a música era tocada por um conjunto), porque o dono do baile não tinha coragem de cobrar.

E Marrom revela um dos motivos das brigas: os do terror queriam ouvir apenas rock punk. Se tocassem outra música reclamavam, davam correntadas no chão, a correntada acertava alguém, o tempo fechava.

Mas ontem, na Primeira Delegacia, dois dos Punks do Terror localizados, davam outras versões e chegavam a se lamentar. O Carlinhos, José Carlos do Nascimento, 18 anos, e Paulo Valim, 22 anos, resumiam o problema todo nisto: em Pirituba, onde moram, não há bons salões de rock. Então eles têm de ser punks nos salões dos outros, o que nem sempre agrada. Além disso, se conquistam uma menina, os punks locais ficam com ciúmes.

O soldado Juvenal — que é Juvenal Souza Magalhães e realmente serve em Quitaúna — também se apresentou para depor, assistido por uma escolta da Polícia do Exército. Mas, como a escolta não era do Batalhão de Juvenal, o depoimento ficou adiado para os próximos dias.

Carlinhos admitiu que realmente deu o tiro em Alemão, com um revólver que os Punk do Terror tinham comprado de um hippie, graças ao dinheiro reunido em uma vaquinha. Mas diz que só ele tinha revólver; não sabe como os outros dois punks foram feridos.

Juntando-se o que Carlinhos e Paulo Valim dizem, tem-se que:

No domingo, no metrô, não eram apenas os Punks do Sberoc que queriam apanhá-los. Estavam lá os do ABC, chamados Punks Rebeldes, e até os do bairro do Limão, que se contentam apenas em ser os Punks do Limão. No meio do show, o Machadão, que é o líder do grupo do Sberoc, disse que estava tudo bem. Mas brigas tinham sido esquecidas. Acrescentou apenas que se o vissem brigando, não era para valer, era apenas uma brincadeira.

Mas, quando o show acabou, os Punks do Terror viram que estavam sendo cercados. Tentaram sair, e já estavam fora da estação do metrô, quando o "fecha" se consumou. Então, começaram a brigar. Carlinhos pegou o revólver que levava em sua bolsa punk e deu o tiro que acertou Alemão. Seguiu-se o "abre", a correria, e mais tarde Carlinhos jogou a arma no rio Tamanduateí.

Não estavam caracterizados de punk, embora houvesse mesmo alguns (neste ponto são contraditórios) com suas camisetas escritas Punk do Terror. Na frente do escrivão de

polícia, Carlos Heitor, os dois rapazes disseram também que isso de usar correntes na cintura, pulseiras, brinco, roupas desenhadas e outros "bablaques" já passou. E verdade que Carlinhos tem um furo na orelha esquerda, mas ele diz que é do brinco que usava em outros tempos.

O nome Punk do Terror, disseram na Delegacia os dois Punks do Terror, surgiu por acaso: "A nossa patota, esclareceu Carlinhos, colocou o nome, só isso." Agora, ele faz questão de desmentir o que dizem: "Não é verdade que saem massacrando os outros punks." Mas também, justifica, "se a tente não esquenta com briga e os caras vêm prá cima, a gente tem de enfrentar".

A filosofia punk é algo que Carlinhos diz conhecer. Numa explicação que provavelmente nem ele compreende, diz que é um negócio do mais pobre, do mais por baixo. Isso, pondera, "lá na Inglaterra: porque aqui, meu, o nosso negócio é só curtir um som".

Os policiais da Primeira Delegacia não assimilam essas explicações de Carlinhos. Mostram-se mais inclinados a crer que a filosofia dos Punks do Terror é simplesmente a violência pela violência.

Sberoc quer dizer Sociedade Beneficente Esportiva e Recreativa Oswaldo Cruz. É um clube da rua Lisboa, em São Caetano, que está com a piscina vazia e o salão de baile fechado.

Na fachada há inscrições como Punk do Terror, Hitler, Judas e riscos que reproduzem a suástica nazista. Em março, mal de finanças, a Sociedade alugou seu salão para um certo Luiz Carlos Nunes, que começou com os bailes punks nos fins de semana. Os frequentadores surgiram de toda a Grande São Paulo.

Em meados do mês passado, o delegado Cláudio Gobbetti, titular da Delegacia de São Caetano, recebeu um abaixo-assinado com 172 assinaturas. Eram os vizinhos do Sberoc, reclamando do barulho, da sujeira, das brigas e do uso de seus jardins. Numa quinta-feira, o delegado mandou um carro policial com quatro investigadores para uma avaliação.

Os policiais voltaram e disseram ao delegado: "Doutor, não dá para entender."

Na noite seguinte, o delegado lotou seis carros policiais com investigadores e um comissário de menores e foi ao Sberoc. Entrou no meio de um rock punk. Entrevi, na escuridão, quase duzentos adolescentes e jovens dançando como se estivessem brigando, confinados por paredes pretas, os vidros tapados por chapas de compensado — cena de uma confusão maluca — e comentou com um investigador: "Não dá para entender."

Nem mesmo dava para anunciar: é a polícia! O delegado subiu no palco com sua equipe, conseguiu fazer-se notar e deu uma ordem: "Acendam as luzes!" Isso foi feito (de dia, nota-se que as paredes, com várias inscrições sobre rock, são na verdade azuis escuro) e o doutor Gobbetti viu, segundo conta: punks devidamente vestidos de grotesco, alguns com alfinetes transpassando a pele do rosto ou dos braços, muitos com os cabelos tingidos de amarelo ou roxo — inclusive os pelos do peito, exibidos por extensos rombos nas camisetas.

Os policiais levaram todos para a Delegacia, tendo para isso feito várias viagens com seus carros. Entre os apreendidos, estavam 12 garotas menores de 16 anos e 18 outras menores de 18 anos. No chão do salão, foram encontrados correntes, canivetes, um machado indígena, pílulas anticoncepcionais ou tóxicas e porções de maconha que, somadas, deram 12 gramas.

Os quase 200 punks, lembra o delegado, acharam muito divertido ir para a Delegacia. Menos dois deles, um cabo da aeronáutica e um soldado do Exército. O soldado — que então usava jeans com a palavra punk escrita em grandes letras, em ambas as pernas — era o mesmo Juvenal Souza Magalhães, da briga de domingo depois do show no metrô. Entre os detidos naquela noite estava também Ademir Gentile, o Alemão, o que levou o tiro no joelho domingo.

Mas o delegado Gobbetti, que há quatro meses esteve na Inglaterra e viu alguns Punks, dá detalhes sobre a qualidade da imitação dos nossos. Para contar o menos, pode-se citar que Gobbetti viu vômitos nos cantos do salão do Sberoc. Provocados, segundo ele, pela ingestão de leite com limão.

Alguns dos punks que frequentavam aqueles bailes são os mesmos que podem ser encontrados na rua de pedestres Coronel Oliveira Lima, no centro de Santo André. Lugar onde faz ponto o Marrom da história de domingo. Ontem à tarde estavam por ali Toninho (blusão de couro com o nome punk aplicado às costas, cabelos oxigenados) e alguns amigos, que incluíam a adolescente Maninha — irmã de todos, como ela diz.

Alguns desses jovens fabricam e vendem artesanato nas calçadas. Eles queixavam-se do fechamento do Sberoc; agora, dizem, só restam os shows de domingo no metrô. E anunciavam uma guerra declarada em favor do rock punk — mais violento, mais agitado para dançar — e contra o rock discotêque, que acham muito devagar.

A segurança da estação São Bento do metrô diz que lá dentro nunca sai briga. Quando os assistentes dos shows de rock começam a dançar e, para manter o ritmo, dar trombadas e pontapés nos outros, os guardas intervem e acabam com o baile.

MÚSICA

Punks paulistas atacam a matriz

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

Especial para a Folha

Escorraçados para a margem e para os subterrâneos, eles não aparecem na TV, muito menos nas rádios. Mesmo assim, os punks paulistanos conquistaram um espaço com o qual os ditos roqueiros do Brasil só sonham: reconhecimento e veiculação nos principais centros pop do mundo. Não é que uma coletânea de grupos punks dos quatro cantos do planeta, "World Class Punks — 25 Countries, 27 Bands" (do selo independente Roir, dos EUA) vem escalando as paradas independentes inglesas, e uma bíblia pop como o "Melody Maker" destaca, em sua crítica do disco, a participação dos paulistanos Ratos do Porão?

Fora o guitarrista e vocalista Jão, dezessete anos, que se lembra de ter ouvido "alguma coisa a respeito", o grupo nem estava sabendo de seu lançamento internacional. Mas as expressões permanecem tranquilas, nenhuma surpresa: não é a primeira vez que isso acontece com os punks paulistas. "Nós sempre trocamos cartas e discos, e sempre subemos que nos davam muito mais valor lá fora", diz o baixista Jabal, 21.

Conexão internacional

Só no ano passado, outras três coletâneas do tipo "punks do mundo todo" subiram à tona lá fora. "Welcome to 1984", editada pela revista californiana "Maximum Rock'n'Roll" — talvez o principal canal dessa intensa conexão internacional — traz na capa as palavras "pró inferno com o nacionalismo", e não recheio 23 bandas de dezessete países, entre elas o também paulistano Olho Seco, com a faixa "Nada". Na Alemanha, o selo Weird System colocou "Aprendi a Odiar", dos Inocentes, igualmente de São Paulo, em sua compilação "Life is a Joke". E na terceira, "Beating the Meat", do selo inglês XNT, aparece o Cólera, outra banda já veterana no circuito punk de São Paulo. A propósito, o Cólera lança esta semana, no Lira Paulista (r. Teodoro Sampaio, 1091), seu primeiro LP individual — "Tente Mudar o Amanhã" — com três shows, sempre às 21 horas, cada um aberto por bandas diferentes. Na

sexta-feira, o Juízo Final; no sábado, Virus 27 e Lobotomia; e no próximo domingo, a vez dos Ratos do Porão.

Ainda não é tudo... Está para sair

na Alemanha Ocidental, pelo selo Vynil Boogie, o primeiro registro brasileiro do movimento que brotou por aqui entre 80 e 81: o LP "Grito Suburbano", que fora um leve malho

de Ana Maria Bahiana na revista "Somtrês" passou totalmente despercebido na imprensa, quando lançado há quase três anos. Estão lá, na mais nua-crua fúria sonora, justa-

mente os Inocentes, o Cólera e o Olho Seco.

Anti-regime militar

O responsável pela realização do disco é o vocalista deste último grupo: Fábio, 26 anos, um dos principais divulgadores e agitadores do punk brasileiro. Comandou a Punk Rock Discos, uma lojinha nas Grandes Galerias da avenida São João, onde os sábados marcaram época: um fluxo de couro preto e cabelos arrepiados se encontrava ao som dos mais recentes lançamentos que chegavam do Exterior para a loja. Isso

Fora a consolidação internacional, o que sobrou do ímpeto inicial do punk paulistano? Os Ratos e os Inocentes dão, cada um para o seu lado, uma radiografia precisa. Enquanto os primeiros — assim como a maioria das bandas mais novas — adota o hardcore, o punk pacifista (recuperam o símbolo hippie) de uma paulada só, com todas as gorduras e firulas cortadas fora, os Inocentes seguiram seu próprio ritmo. Da formação que consta nos discos citados, resta apenas o baixista Clemente, 22, agora na guitarra e nos vocais. E embora as letras permaneçam igualmente ácidas e



Ratos do Porão, o "hardcore" paulista em sua escalada pelas paradas independentes inglesas (da esquerda): Jão (guitarra e vocal), Jabal (baixo) e Betinho (bateria)

Rui Mendes/Divulgação

veiculação nos principais centros pop do mundo. Não é que uma coletânea de grupos punks dos quatro cantos do planeta, "World Class Punks — 25 Countries, 27 Bands" (do selo independente Roir, dos EUA) vem escalando as paradas independentes inglesas, e uma bíblia pop como o "Melody Maker" destaca, em sua crítica do disco, a participação dos paulistanos Ratos do Porão?

Fora o guitarrista e vocalista Jão, dezessete anos, que se lembra de ter ouvido "alguma coisa a respeito", o grupo nem estava sabendo de seu lançamento internacional. Mas as expressões permanecem tranquilas, nenhuma surpresa: não é a primeira vez que isso acontece com os punks paulistas. "Nós sempre trocamos cartas e discos, e sempre soubemos que nos davam muito mais valor lá fora", diz o baixista Jabal, 21.

Conexão internacional

Só no ano passado, outras três coletâneas do tipo "punks do mundo todo" subiram à tona lá fora. "Welcome to 1984", editada pela revista californiana "Maximum Rock'n'Roll" — talvez o principal canal dessa intensa conexão internacional — traz na capa as palavras "pró inferno com o nacionalismo", e não recheio 23 bandas de dezessete países, entre elas o também paulistano Olho Seco, com a faixa "Nada". Na Alemanha, o selo Weird System colocou "Aprendi a Odiar", dos Inocentes, igualmente de São Paulo, em sua compilação "Life is a Joke". E na terceira, "Beating the Meat", do selo inglês XNT, aparece o Cólera, outra banda já veterana no circuito punk de São Paulo. A propósito, o Cólera lança esta semana, no Lira Paulistana (r. Teodoro Sampaio, 1091), seu primeiro LP individual — "Tente Mudar o Amanhã" — com três shows, sempre às 21 horas, cada um aberto por bandas diferentes. Na

sexta-feira, o Juízo Final; no sábado, Vírus 27 e Lobotomia; e no próximo domingo, a vez dos Ratos do Porão.

Ainda não é tudo... Está para sair

na Alemanha Ocidental, pelo selo Vynil Boogie, o primeiro registro brasileiro do movimento que brotou por aqui entre 80 e 81: o LP "Grito Suburbano", que fora um leve malho

de Ana Maria Bahiana na revista "Somtrês" passou totalmente despercebido na imprensa, quando lançado há quase três anos. Estão lá, na mais nua-crua fúria sonora, justa-

Rui Mendes/Divulgação

mente os Inocentes, o Cólera e o Olho Seco.

Anti-regime militar

O responsável pela realização do disco é o vocalista deste último grupo: Fábio, 26 anos, um dos principais divulgadores e agitadores do punk brasileiro. Comandou a Punk Rock Discos, uma lojinha nas Grandes Galerias da avenida São João, onde os sábados marcaram época: um fluxo de couro preto e cabelos arrepiados se encontrava ao som dos mais recentes lançamentos que chegavam do Exterior para a loja. Isso em 82, quando o movimento pareceu atingir seu auge — principalmente no segundo semestre, com a Semana Punk do Carbono 14 e o Festival Começo do Fim do Mundo, no Sesc-Pompéia — para se dispersar em seguida, até atingir essa etapa internacionalista.

Hoje, além de manter o Olho Seco na ativa, Fábio tem uma lojinha, a New Face, escondida na galeria ao lado da galeria da antiga loja, e só trabalha com seus próprios lançamentos: além do "Grito Suburbano", o LP "Crucificados pelo Sistema" e um compacto dos Ratos do Porão (o grupo conta que, antes mesmo de entrar no estúdio, já havia recebido uma ordem de pagamento da Alemanha, por uma encomenda de cem cópias), a coletânea "Sub" e uma série de compactos, inclusive um da banda finlandesa Rattus. De seu arquivo, Fábio retirará ainda uma carta de Jello Biafra, vocalista dos Dead Kennedys — peça chave do hardcore californiano — desafiando elogios, pedindo cópias de todos os discos e culminando: "Parabéns por terem feito o punk acontecer em um país submetido a um regime militarista."

Fora a consolidação internacional, o que sobrou do ímpeto inicial do punk paulistano? Os Ratos e os Inocentes dão, cada um para o seu lado, uma radiografia precisa. Enquanto os primeiros — assim como a maioria das bandas mais novas — adota o hardcore, o punk pacifista (recuperam o símbolo hippie) de uma paulada só, com todas as gorduras e firulas cortadas fora, os Inocentes seguiram seu próprio rumo. Da formação que consta nos discos citados, resta apenas o baixista Clemente, 22, agora na guitarra e nos vocais. E embora as letras permaneçam igualmente ácidas, o som busca uma elaboração que não dispensa solos de guitarra e vinhetas melódicas.

Ambos os grupos classificam as mudanças pelas quais o punk passou, aqui e lá fora, de "evoluções naturais". Quanto à participação em coletâneas mundo afora, os punks têm uma lição das mais importantes para o ególatra panteão roqueiro. Em 77, a sigla básica do movimento, D-I-Y ("do it yourself", faça você mesmo), correu a Inglaterra a ponto de criar a invejável infra-estrutura alternativa, movida a solidariedade, que se espalhou também pela Europa e Estados Unidos: todo um parque fonográfico de selos independentes.

A cooperação existe como a coisa mais natural do mundo, está na cara fraternal, sem o menor deslumbramento, com que Fábio guarda a carta de Jello Biafra. Algo inimaginável entre os roqueiros em perpétua adulação, ou estrelas a intocável distância. Tudo isto só é possível porque as palavras "fã" e "ídolo" não constam do vocabulário punk.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS, 25, é jornalista e crítico de música popular.



Ratos do Porão, o "hardcore" paulista em sua escalada pelas paradas independentes inglesas (da esquerda): Jão (guitarra e vocal), Jabal (baixo) e Betinho (bateria)



Clemente, ex-baixista e atual guitarrista e vocalista dos Inocentes, editados na Alemanha pelos selos Weird System e Vynil Boogie

Iº MANIFESTO PUNK! (12/2/83)

"1983 o ano do caos economico". O desemprego, a fome, a neurose, a violencia, o ódio, a repressão etc., assolará muito mais a sociedade... Neste clima é lançado o Iº MANIFESTO PUNK, que tem a intenção de tentar transmitir/que nós punk's devemos nos reunir cada vez mais para saber que vai ser feito do nosso movimento, que utimamente anda sendo ridicularizado por algumas entrevistas, (que não transmitem nada do que seja punk), frases feitas uma apresentação de um grupo na TV e mais algumas palhaçadas que estão fazendo deste movimento um modismo sem nenhuma razão ideológica.

O desemprego aumenta, a qualidade do ensino cai e fica mais caro, a subnutrição aumenta, enfim existe uma horrível falta de perspectiva, principalmente para os jovens, que estão vendo o movimento punk "distorcido" alguma coisa para fazer, agora cabe a cada punk transmitir a sociedade a ideologia mais correta possível do que seja punk e os que não souberem devem manter a boca fechada. Tudo isto é para que os novos adeptos sejam concientizados da força, da ideologia e da garra que existe neste movimento, e principalmente do valor que cada um tem por ser um punk.

Um movimento, um manifesto ou um protesto que tenha base, podemos dizer -/ que ele precise de 4 fatores: Um ideal a ser seguido, lutando por ele a -/ qualquer custo; Um plano de ação muito bem feito, se possível melhor do / que o sistema ao qual nos manifestamos; Uma concientização da população pa / ra que ela nos apoiem pelo menos moralmente; O fundamental: União, que não é esta união que se fala entre os punk's, mas sim a união que todos gostariam que existisse, que todos fossem capazes de lutar juntos por um unico/ideal. Existem diariamente tantas coisas feitas descaradamente para serem / criticadas ou manifestadas pelos punk's que ficam se preocupando em quebra / rem vidraças, provocarem playboys, etc. .

Este manifesto não quer que os punk's sejam "santinhos", mas quer que tenham o mínimo de instrução, inteligência e consciência para que saibam como agir com aqueles que os reprimem, e com os que lhes dão uma força. A critica entre os punk's devem ser feitas cada vez mais, para que os erros / sejam corrigidos; Portanto é um grande ato um colega criticar construtivamente o outro quando este estiver fazendo algo prejudicial a quem, ou aquilo que nunca lhe prejudicou e deixa o que lhe prejudica constantemente / sem ser prejudicado. (É uma questão de empregar o verbo prejudicar sem se prejudicar) . "Sendo que estamos dispostos a receber críticas".

Ainda existem varias coisas para serem faladas e discutidas, mas é preciso que cada punk venha com suas próprias idéias para se chegar a um ponto comum. O primeiro empurrão já foi dado, agora é preciso que todos empurrem / este Tank de Guerra chamado PUNK!

SHOW PUNK dia 12/2 das 6 as 10hs
 R\$ 300,00
 RATOS DE PORÃO, ULSTER
 CORTE MARCIAL, HIND MORTAL

[ASS. AMIGOS V. PAULICEIA - SBCAMPO - R. ALVARO ALVIM.
 1 PONTO APOS A COOPERATIVA DA MERCEDES 110\$ 300,00.
 S. PAULO BUS - S. BERTINHO V. PAULICEIA (RUE D. PEDRO II VIACAO S. INACIO)]

de 1983

FOLHA DE S. PAULO

nkks, uma agressão pelo visual

mento rebelde, a queixa de que "a sociedade só deixou o lixo para nós"



Bandas de música punk, uma das principais manifestações do movimento.



mo com a hostilidade
ral, há 3 mil adeptos

"É um movimento rebelde e adolescente para mostrar à sociedade que ela só deixou o lixo para nós" — define Edson Lopes — o punk —, 20 anos, curso colegial incompleto, trabalha como auxiliar de seu pai em uma imobiliária em Santo Amaro, e é vocal e chefe da banda "Cólera", as principais de São Paulo, ao lado da "Seca", "Guerrilha Urbana", "Kaos" e "Laxomania".

afirma que, apesar da ferrenha repressão da polícia, quanto de suas famílias e, em geral — a quantidade de punks crescendo — na mesma proporção em que aumenta a miséria, o desemprego e a desigualdade social das metrópoles capitalistas"

Em São Paulo — dos 400 ou 500 que eram há 3 anos — eles já estavam chegando à casa dos 3 mil; no ABC, uns 1.500 e, no Rio, já devem ter passado de 2 mil.

Orgulhoso desse crescimento, o fanzine "PDS — Punk, Desordem do Sistema" afirma que o movimento no Brasil "já está ao nível dos mais antigos e conceituados", corfo o da Inglaterra e da Finlândia.

Que grande filosofia estaria atraindo tantos adeptos à incômoda situação de viverem escuraçados de seus pontos de reunião, de seus empregos e até de suas casas?

Aparentemente, nenhuma. O pensamento desses jovens de famílias proletárias, expresso pelos fanzines e letras de punk rock, mais parece um "samba do crioulo doido", feito de tudo quanto é negado por todas as ideologias:

"Somos contra tudo e contra todos", proclama "Krâneo", um alto forte e falante vendedor de

terrenos de uma imobiliária da zona Norte. Ele recita a longa relação de coisas, idéias e pessoas odiadas pelos punks: drogas, religiões consumistas, imprensa, armas (principalmente as nucleares), comunismo, capitalismo, hippies, militares, homossexuais, socialismo e qualquer forma de organização política. Tudo colocado em um mesmo saco, sob o rótulo de "lixo do mundo".

OS MOTIVOS

Apesar de atormentados por todos esses ódios, eles não parecem alienados. Quase todos sabem explicar, com dramas pessoais bastante semelhantes, os motivos que os levaram a essa rebeldia.

Crispim: "Meu pai é cobrador de ônibus. Sempre deu um duro danado para que eu pudesse estudar e subir na vida. Fiz o colegial. E que foi que eu consegui? Ser cobrador de ônibus e ganhar o mesmo salário de fome do meu pai. E isso, ainda por muita sorte, pois tem muita gente que nem salário mínimo consegue. Se a gente não tem lugar nessa sociedade, só podemos odiá-la."

"Estou desempregado desde que atingi a idade de ser convocado pelo Exército. Sou arrimo de família. Tenho de sustentar minha mãe e meu irmãozinho. Então, fico ganhando umas merrecas (migalhas) para ajudar a carregar e descarregar caminhões nas feiras, carpir terrenos de bacanas ou ajudar servente de pedreiro. Desse jeito, dá pra enfrentar a sociedade numa boa? — pergunta Cláudio, o "Mosquinha", 17 anos.

E, em meio a todos ódios, há lugar para um irreverente bom humor. Como a charge do papa João Paulo 2º fantasiado de punk, estampada em um dos fanzines, ou a resposta de "Krâneo", para a observação de que as punks, seriam menos atraentes que as outras garotas normais, por causa do chocante mau gosto de suas indumentárias:

"Que nada, rapaz. Elas são como abacaxi. É só tirar a casca coscorenta e espinhuda, que lá dentro está uma fruta deliciosa!"

Embora tidos como perigosos e violentos, os punks frequentam menos a crônica policial que os "filhinhos de papai", adeptos dos "rachas" de motos e carros envenenados, nos bairros elegantes da Zona Sul. Isso é reconhecido pelo delegado Wilson Viegas, que durante dois anos deu plantões no 1.º Distrito, que abrange o largo São Bento, o QG dos pobres rebeldes. Viegas diz ter nojo dos punks: "São uns caras sujos que se cumprimentam às cusparadas", justifica. Quanto à violência, porém, ele se lembra apenas de duas ocorrências que mereceram registro em seu DP: o esfaqueamento e morte de duas pessoas por um grupo punk, no largo São Bento (assunto de grandes reportagens na TV), e uma briga com um comerciante, que ficou com suas vitrinas quebradas.

"Mas isso poderia ser feito por qualquer outro marginal. Não é só culpa da filosofia punk. Eles agridem mais é com suas roupas sujas e esquisitas" — comenta Viegas, para quem o maior problema com os punks era criado pelos PMs, que volta e meia traziam para o distrito bandos de jovens rebeldes, sempre sob uma vaga acusação de desordens.

"Eu ouvia os caras e depois soltava todos eles. Como eu iria prender? Só se fosse pelo crime de poluição visual!"

Punks e metaleiros em guerra sem saber o porquê

Nilton HERNANDES/Walter VENTURINI

Grupos de jovens se atacam durante a noite no centro da cidade. De um lado, são os punks, de outro os heavy metals, ou metaleiros. Nos conflitos são utilizadas armas como estiletes, machadinhas ou correntes. A cena não é das ruas de Londres ou outra capital européia. Está acontecendo nos fins de semana na rua Senador Fláquer, centro de Santo André. Fenômeno recente, o conflito está chamando a atenção de comerciantes locais e até mesmo da população, que fica sem entender a causa de tanta violência. Até o visual da rua começa a mudar. Surgem pichações dos grupos e um dos comerciantes foi obrigado a colocar grades nas portas de sua lanchonete para evitar depredações.

Os punks assumem que foram eles que começaram as brigas, mas que, em todos os conflitos seguintes, os heavy metals foram procurar confusão, querendo vingança. A violência chegou a tal ponto que os dois grupos já cogitaram em formar comissões para tentar acabar com os desentendimentos. A volta da paz, na rua Senador Fláquer, porém, é ainda remota. Isto porque os grupos não são homogêneos e as constantes pancadarias criaram rixas pessoais que podem ainda acabar em morte.

Até mesmo em São Paulo os jovens do Grande ABC estão ficando conhecidos por causa da violência. No dia 6 de setembro, num show do conjunto Garotos Podres, na Fábrica do SESC, no Bairro da Pompéia, uma grande pancadaria envolveu o grupo conhecido como Carecas, o equivalente nacional dos skin heads londrinos. No entanto, a disputa maior é mesmo no centro de Santo André.

Início

É difícil precisar quando o conflito entre punks e heavy metals começou. Os punks adoram usar coturnos - botas de militares - para tornar o visual mais agressivo. Muitos heavy metals também começaram a andar de coturnos, o que deixou alguns punks indignados, porque eles dizem que tudo o que usam tem um significado, ao contrário do que ocorre com os heavy metals, preocupados apenas em melhorar a estética. Esta disputa, pela posse da exclusividade em usar as botas militares gerou várias brigas, admitem os punks.

Montar um painel de todos os conflitos também não é uma tarefa fácil, já que os envolvidos não participaram de todas as brigas "É coisa velha" - diz M.R.S., 19 anos, um dos heavy metals. Chamá-los de metaleiros não é recomendável. O grupo prefere se autodenominar como headbangers. Ele garante que os punks andam armados e já bateram num colega seu, que teve que ser encaminhado para um hospital.

Ao que parece, no início era a paz, explica J.N. de 16 anos: "Todo mundo frequentava a Senador. Era punk, era heavy, era boy (forma como eles se



Laércio, gerente da Faíçal

Conflitos

Falar com Ronaldo Dezka Costa, 24 anos, um dos punks que mais vivenciou todos os conflitos, não é tarefa fácil. Isto porque ele trabalha e estuda. Brinca até que pretende ser advogado: "Para tirar os punks da cadeia". Ele reside na avenida Queiroz Filho, Jardim Maracanã, periferia de Santo André. No domingo à tarde, punks de toda a região se encontram no quintal da casa dele para ouvir o ensaio da banda Dizikilibriu Social, onde ele e a namorada, obviamente também punk, atuam.

Ronaldo, mais conhecido como Macarrão, começou a tomar contato com o punk logo depois do surgimento do movimento na Europa, em 1976. "Tinha tudo a ver comigo. Foi a maneira de expressar a opressão que estava dentro de mim. Esta discriminação por não ter tudo o que eu queria ter".

Enquanto fala no interior de seu quarto ladeado pela namorada e vocalista do Dizikilibriu, Vera Lúcia Bettine 22 anos, chegam mais punks, Edilson Passos Nunes, o Bomba, Elisberto Antonio Lisbinho Monteiro, 18 anos, Paulo Rogério Lombardi, o Preto, e Paulo Sanchis Augusto Fleury, que ostenta um enorme moicano.

Segundo eles a primeira grande briga começou cerca de três meses atrás, numa esquina na rua Senador Fláquer. Havia seis punks e 10 heavies. "Uns 15 boys queriam pegar os heavies e pediram ajuda para nós, que topamos. Queriam que eu começasse a briga, mas eu não quis. Ai então pediram para uma menina. Ela foi lá no meio do heavy com um punk. Ele perguntou para ela quem tinha passado a mão nela. Ela apontou um cara, que não fez nada e aí a briga começou" - explicou Bomba, para concluir: "Fomos usados".

No sábado seguinte, os heavies juntaram-se para se vingar. "Tinha uns 300" - exagera Bomba, para depois concordar com os outros punks que os metaleiros estariam no máximo em 60. Apesar do encontro entre as duas tribos apenas Preto foi agredido e não

Morte

"Morte aos punks" - gritando assim, afirmou Macarrão, chegaram os heavies, para mais uma briga em outro final de semana, num bar ao lado do Curso Objetivo. "Quem levou mais foram os heavies" - completou Ronaldo. O quinto grande conflito - e o que mais chamou a atenção - aconteceu na lanchonete Faíçal, cujo dono até colocou grades nas portas. Um grupo de 10 pessoas - nem todos punks, depois de beberem no bar ao lado do objetivo, foram para a Faíçal, ali perto. Os heavies então chegaram, sempre em grande estilo, fazendo muito barulho. Voou garrafas de cerveja para todos os lados, mesa e o balcão foram quebradas. Para quem pensa que o conflito envolve apenas homens, Vera, a namorada de Macarrão, era ameaçada por uma heavy, de apelido Kel: "Ela gritava assim: quero aquela mina ali" - explicou a vocalista do Dizikilibriu Social. "O resultado desta briga é que a Faíçal ficou toda quebrada e que todo mundo está culpando os punks. - lamentou Macarrão.

Mais um

O sexto conflito, sempre segundo os punks, também teve quebra-quebras cinematográficos. Eles estavam bebendo, em cerca de 15 pessoas, quando notaram um Fusca passar pelo local. "Tava cheio de heavy: Ficamos cismados. Havia faixas jogadas no lixo. Tiram os panos e ficamos com os paus, se preparando. Ai foi dito e feito. Eles baixaram no bar. Estavam com facas, correntes, machadinhas. Trouxeram dobermans. Três foram parar no hospital" - disse Bomba. E, afirmam os punks, quem não apanhou durante a briga, não escapou da agressão da Polícia, que chegou em seguida e levou alguns punks e heavies para a delegacia central. Um dos punks, Paulo Fleury, depois de apanhar dos PMs, foi encaminhado à delegacia e contou que foi obrigado a agredir, contra sua vontade, alguns heavies que também tinham sido detidos. Um detalhe: Paulo é menor de idade.

Eles afirmam que depois destes conflitos a repressão policial aumentou a tal ponto que alguns punks começaram a usar blue jeans para não mais chamar a atenção. Como a PM não sabe quem é punk e quem é metaleiro (a maior diferença é o cabelo e os emblemas das camisetas, porém ambos gostam de preto), os headbangers também passaram a ser visados pela Polícia. "Enquanto uma tribo acaba com a outra, o sistema fica. Acho que tudo isto é um pouco de fase, algo adolescente. Quero andar livremente" - concluiu Macarrão.

Preocupação

Aurélio, 17 anos, mais conhecido como Decadente, é um punk preocupado com os rumos que tomaram as disputas na Senador Fláquer. Para ele, o início da confusão foi apenas uma disputa de espaço entre os dois grupos. "Os caras vieram falando que nós tínhamos



Metaleiros, ou headbangers, dizem que os punks andam armados



Para Decadente, as brigas na rua Senador Fláquer vão continuar



do Grande ABC - Caderno A - 23/11/86

№: I - 97

Chama-os de *metaleiros* não é recomendável. O grupo prefere se autodenominar como *headbangers*. Ele garante que os *punks* andam armados e já bateram num colega seu, que teve que ser encaminhado para um hospital.

Ao que parece, no início era a paz, explica J.N. de 16 anos: "Todo mundo frequentava a Senador. Era *punk*, era *heavy*, era *boy* (forma como eles se referem aos jovens que não se encaixam em nenhum dos dois grupos). Teve um boato que tinha morrido um *punk* e nós paramos de frequentar".

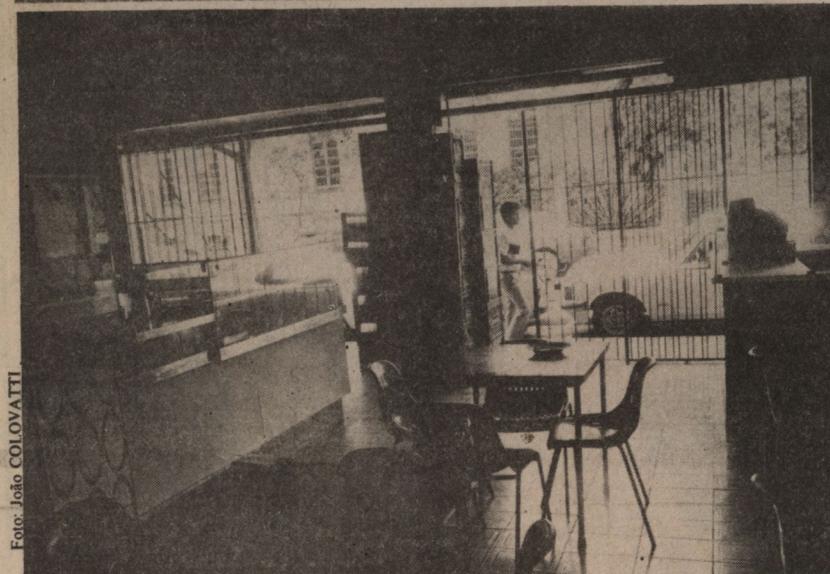
Com tanta violência, os dois grupos começam a ficar assustados. "A gente não pode nem sair do bairro" - diz J.N.

Marcelo, 16 anos, não vê como o conflito pode terminar: "Se alguém vai trocar uma idéia, é capaz dos caras baterem em nós. Apesar das confusões, os *headbangers* dizem ser pela paz e pela tranquilidade. "Eu, por exemplo, sou contra guerras e armas nucleares" - afirmou M.A.S., 17 anos.

um *cara*, que não fez nada e aí a briga começou" - explicou Bomba, para concluir: "Fomos usados".

No sábado seguinte, os *heavies* juntaram-se para se vingar. "Tinha uns 300" - exagera Bomba, para depois concordar com os outros *punks* que os *metaleiros* estariam no máximo em 60. Apesar do encontro entre as duas tribos, apenas Preto foi agredido, e não houve uma grande confusão.

Sete dias depois, mais um capítulo do conflito entre *punks* e *heavy metals*. Sempre exagerando um pouco, Bomba diz que ele estava com mais 12 *punks* num bar da Senador quando chegaram cerca de 40 *heavies*, que, para começar a confusão, disseram que ele teria tentado agarrar uma menina: "Eu não fiz nada. Mas chegou uma garota, a Lúcia, e confirmou a história. Eu estava com minha *mina* do lado e ficou muito mal para mim. Aí o *sangue rolou no asfalto*. Foi *heavy* e *punk* parar na UTI".



Para evitar novas depredações, grades na Lanchonete Faical

Preocupação

Aurélio, 17 anos, mais conhecido como *Decadente*, é um *punk* preocupado com os rumos que tomaram as disputas na Senador Fláquer. Para ele, o início da confusão foi apenas uma disputa de espaço entre os dois grupos. "Os *caras* vieram falando que nós tínhamos estuprado a irmã de um deles. Houve esfaqueamento e machadada" - contou *Decadente*. Ele disse que estas brigas são apenas molecagem e, por causa disto, resolveu andar sozinho.

"A nossa ideologia é mais de protesto e a deles é curtir som" - definiu o *punk*. *Decadente* critica os marginais que se infiltram nos dois grupos, apontados como os provocadores das brigas. Violência não é com ele: "Ela está atrapalhando nosso lado. Estamos *sujos* com a Polícia".

A falta de união entre os *punks* também é outro problema para *Decadente*: "Em São Paulo não dá para curtir. Já fui lá e apanhei dos próprios *punks*, quando quebrei o braço".

Enfrentando a *barra* com os *heavies*, com a Polícia e a família, ele não vê muitas perspectivas para seu movimento: "Hoje o *punk* se resume em se vestir diferente e curtir som". Para *Decadente*, as brigas na Senador tendem a continuar. "Não adianta falar com um quando 10 não concordam". *Decadente* trabalha e estuda, mas atualmente prefere andar sozinho do que em grupo. Ele não quer ficar com a má fama que as turmas de jovens estão tendo em Santo André.

A impressão que se tem é que estes jovens, tanto *heavies* quando *punks*, apesar de alguns mais exaltados e vingativos, estão assustados com a violência gerada. Tem medo de qualquer aproximação com o outro lado. E não sabem como terminar o conflito.

Faical

No palco principal do conflito - a rua Senador Fláquer - o gerente da lanchonete Faical, Laércio Rodrigues, reclama e com razão das constantes brigas. Sua opinião sobre os participantes do conflito é até um pouco óbvia: "Só tem mau elemento nesta rua. Aqui já teve tiro, já teve roubo, teve tudo". Ele disse que duas vezes a lanchonete foi destruída pelas brigas, e contou como tudo aconteceu: "Passou uma turma e mexeram com os *caras*. Eles não *seguraram a barra* e correram para cá. Entraram mais de 20 e quebraram tudo. Foi prato, garrafa, balcão. Todo mundo que estava aqui saiu correndo".

O gerente da *Faical* garantiu que todos os bares e lanchonetes da Senador Fláquer foram alvo de depredação dos bandos. Ele não sabe qual o grupo que praticou as violências "Eles se vestem de preto" - informou. O problema vem ocorrendo há uns oito meses, segundo o gerente do estabelecimento. Disse ainda que os comerciantes já estão mais em contato com a Polícia, para que sejam tomadas providências.

Há cerca de duas semanas, a lanchonete *Faical* mudou o visual, tentando se adequar ao aumento da violência. Foram colocadas grades na entrada. Há também um segurança, o *Toninho*, que fica zelando para que pessoas *indesejáveis* não entrem no estabelecimento. Se alguém quiser *comprar briga* com Toninho, não estará tendo uma atitude sensata. Ele é professor de defesa pessoal. Segundo os funcionários, o movimento da lanchonete, depois da adoção de grades e do segurança, aumentou consideravelmente.



Macarrão, Bomba e Preto contam como começaram os conflitos

Dividir inimigos para governar

José Rodrigues Mao Junior, 23 anos, o *Mau*, vocalista do grupo musical Garotos Podres, tem bastante contato com os grupos *punks* e dos *carecas*. Para muitos ele é uma espécie de ídolo desses jovens, porém *Mau* prefere dizer que seu grupo não tem nenhuma pretensão de ser idolatrado.

Ele estava no palco da Fábrica do Sesc, quando houve o tumulto com os *carecas*. "Teve um problema com a segurança do Sesc. Foi solicitado policiamento só que no Sesc não pode entrar policial fardado. Juntou o *pessoal* e levantaram a grade de madeira da entrada. O grupo invadiu e bagunçou, sem grandes problemas" - explica *Mau*.

Para o vocalista dos *Garotos Podres*, formar grupos é uma necessidade do próprio ser humano: "Todo mundo faz parte de um grupo, que pode ser até mesmo as velhinhas que fazem fofocas no portão. Ele conhece a história da formação dos diferentes grupos de jovens e conta como tudo surgiu na Inglaterra. "O skin heads surgiu na metade da década de 60. Eram jovens provenientes da classe operária, que viviam nos subúrbios de Londres. Eles tinham bastante contato com os imigrantes, principalmente os jamaicanos".

Mau informa que inicialmente eles eram conhecidos como os anti-hippies. O pessoal da época hippie tinha cabelo comprido e roupas até certo ponto femininas. O pessoal *skin* usava roupas de operários e um visual típico de trabalhadores".

Já os *punks*, segundo *Mau*, surgiram na metade da década de 70, no que ele diz ser a decadência do próprio rock. "Foi um dos movimentos mais importantes nos últimos 20 anos" - afirma o vocalista dos *Garotos Podres*, dizendo que eles tinham uma forte linha contestatória: Por ser um movimento tipicamente suburbano, os *punks* se identificaram com os *skin heads* e formaram o movimento chamado *oi*.

"O *heavy metal* é mais um lance empresarial. Os grandes empresários passaram a ver que o *punk* estava estourando e encontraram uma forma de ganhar dinheiro. Eles pegaram alguma coisa dos *punks*, como a agressividade, e combinaram com o rock pauleira dos anos 70, com letras que falavam abobrinha, bem alienadas - conta *Mau*.

No Brasil esses movimentos chegaram com uma certa deturpação. "O brasileiro tem a mania de querer imitar o que vem de fora. Muitas vezes ele acaba distorcendo. Acaba tirando uma xerox errada do que tem lá fora" - conclui o vocalista do *Garotos Podres*.

Para ele, o problema das brigas entre *punks* e *heavy metals* faz parte dessa deturpação. *Mau* denuncia a infiltração de marginais nessas turmas, que sempre acabam criando confusão e violência. No entanto, ele faz distinção entre os *carecas* - o correspondente brasileiro dos *skin heads* - e *punks* dos grupos de *heavy metals*: "enquanto os *punks* e os *skin* são grupos bastante proletarizados, o *heavy* é de origem pequeno-burguesa e *lumpem* (marginal)".

O próprio *Mau* não se inclui em nenhum dos grupos: "Vestir camisa não é coisa legal. O negócio é você não participar de uma pequena fração da sociedade". Para ele, todas essas brigas entre os jovens fazem parte de um mecanismo do próprio Estado. *Divida seus inimigos e governe*. Essa é a frase de Maquiavel lembrada por *Mau*, e enquanto os jovens brigam, o Estado permanece poderoso.

"Você não deve lutar por um grupo de 20 pessoas, mas por toda a humanidade. Você deve lutar por uma terra sem amos" - diz o vocalista dos *Garotos Podres*, lembrando uma das estrofes do hino da Internacional, canção tradicional do movimento operário.



Mau, do Garotos Podres

DEDETIZADORA

HIGITEC

- ELIMINAMOS: INSETOS - RATOS - CUPINS.
- NÃO É NECESSÁRIO DESOCUPAR O LOCAL.
- ANTI-ALÉRGICO - NÃO MANCHA.
- TODOS OS SERVIÇOS COM CERTIFICADO DE GARANTIA.

ATENDIMENTO IMEDIATO FONE:
DIA E NOITE
(ABC) **419.9413**



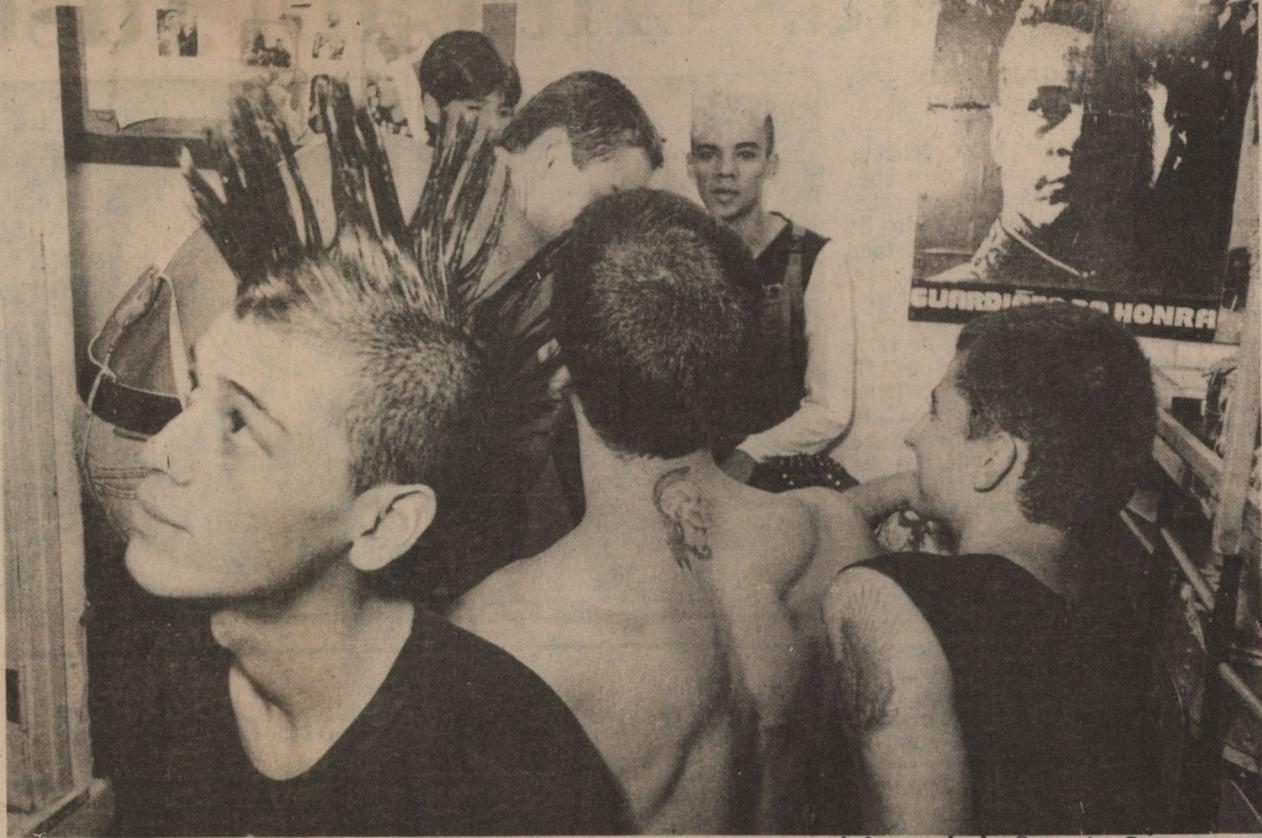
**Rádio
Diário
AM
1300
HKZ**

Cena paulistana

Fotos Sérgio Tomisaki



Alejandro Maldonado (esq.) e Inácio Pacas, da Hare Krishna, vendem incenso na pça. Ramos de Azevedo



Sérgio Sakamoto (esq.) e Paulo Borba (de frente) reúnem-se com companheiros punks de Cerqueira César

Punks, hippies e hare krishnas dividem centro de SP

WAGNER DOTTO
Da Reportagem Local

Hare krishnas, hippies e, agora em menor número, os punks, darks e new romantics. Cada grupo jovem da cidade pouco ou nada tem a ver com o outro. Dificilmente um punk, por exemplo, encontraria pontos comuns numa conversa com um adepto de Krishna. No entanto, convivem todos pacificamente, cada um no seu canto, na sua esquina. Os yuppies ("young urban professional" —jovens profissionais urbanos), apesar de terem sua existência negada pela publicitária Rose Saldiva, 39, para quem yuppies só existem em Nova York, circulam pelas ruas dos bairros da zona sul em belos carros, finas roupas e nem querem saber da região central.

Na praça Ramos de Azevedo, em frente ao Teatro Municipal (centro), sempre se encontrará pelo menos quatro devotos da seita Hare Krishna com seus indefectíveis incensos. Depois, na praça da República, será inevitável a presença de hippies que nem mais se reconhecem como tais. Quanto aos punks, darks e new romantics, estes dois últimos grupos originados do primeiro, podem ser vistos nas galerias da avenida São João, no centro, ou nos bairros da Freguesia do Ó (zona norte) e Pari (zona leste), principalmente à noite.

Krishnas e hippies

Quarta-feira passada, 16h, praça Ramos de Azevedo. Um casal de adeptos da Assembléia de Deus ouvia atentamente as explicações do hare krishna argentino Alejandro Maldonado, 24. Acabaram comprando in-



Dark



New romantic



Yuppy



Punk



Krishna

censo. "Queremos transmitir os ensinamentos krishna —a paz, o amor— e esse é o melhor meio que temos", disse Hiranía Mahashaia (nome religioso de Inácio Pacas), 27, que trabalha em frente ao Teatro Municipal há um ano, sempre vendendo incensos e livros com títulos do tipo "Nectar da devoção", "Fácil viagem a outros planetas" e outros do gênero.

A seita Hare Krishna tem em São Paulo um total de trezentos devotos, dos quais cem vivem nos dois templos da cidade (rua Bom Pastor, na zona leste, e rua do Paraíso, na zona sul), e um número de adeptos que os dirigentes preferem não estimar. "Temos uma vida bastante austera", explicou Purushatraya Swami (Paulo Alexandre Klavin), 40, diretor cultural da seita em São Paulo. "Levantamos às 3h e temos um culto às 4h. Às 9h muita gente já

está nos semáforos e em pontos principais da cidade para divulgar a doutrina." Os krishnas distinguem-se pelo visual: trajes longos (como saias) de algodão, de cores claras. Este ano comemoram quinhentos anos desde a fundação da seita na Índia.

Praça da República, quinta-feira à tarde. "Eu, hippie? Isso acabou nos anos sessenta; sou uma artesã", disse Janete Garcia Batista, 19, trajando camiseta com a estampa de Janis Joplin, calça jeans, sandálias e cabelos longos, exatamente o mesmo tipo que caracterizava os hippies há vinte anos. "Sou hippie porque o pessoal me chama desse jeito", afirmou o maranhense José Ferreira Leite Júnior, 20, que vendia artesanato (pulseiras, "buttons", colares e anéis) esta semana na avenida Paulista, outro local onde se concentram. O movimento hippie foi bastante

forte nos Estados Unidos (onde teve origem, nos anos sessenta) e hoje dos slogans "paz e amor" e "pé na estrada" resta muito pouco. "Hoje, se quiser pôr o pé na estrada não vai dar certo: ninguém oferece carona", afirmou o artesão (que se autodenomina "ex-hippie") Gilmar Ribeiro Machado, 22. "Hoje sou um capitalista. Trabalho duro, dez horas por dia, para ganhar o meu. Esse negócio de hippie acabou."

Difícil, nesta última semana, foi localizar punks. Praticamente sumiram de cena em consequência da ação da polícia, que já prendeu, de sábado a quinta-feira, quarenta deles. Na madrugada do último sábado, um jovem tido como punk matou a estilettadas o cobrador José Luís de Lima, 33, porque este repreendeu um grupo (do qual fazia parte o matorador) que descia do ônibus pela porta de trás. "O pessoal procura evitar o

visual porque a repressão nestes dias é grande", disse Redson Lopes, 22, vocalista da banda Cólera. Os punks abandonaram temporariamente as roupas pretas, braceletes com tachas, alfinetes nas orelhas e cadeados na altura da cintura, trocando-os pelos jeans, tênis e camisetas brancas.

Apesar de muitos punks insistirem no fato de que não são violentos, os acontecimentos mostram que há grande dose de violência em muitas de suas ações. Desde o nascimento do movimento, em 1976, na Inglaterra, tanto na matriz como em São Paulo, onde chegou em 78, os lances de agressão são muitos. A imprensa registra assassinatos, explosões em casas noturnas, brigas e até esfaqueamentos entre eles. "Tive que chamar na semana passada policiais para proteção de um show que fizemos", disse quarta-feira passada

José dos Anjos, 23, dono do Ácido Plástico, casa de diversão noturna que funciona na sede de uma igreja, na rua Urupiara, 432, Santana, zona norte.

Mais raros

Os grupos derivados dos punks são mais raros no cenário. Os darks distinguem-se pela roupa preta, cabelos brancos, cortados de maneira irregular, e usam crucifixos como adornos. Os new romantics guardam muitas semelhanças com os darks: usam roupas escuras, ou totalmente brancas, mas sempre bufantes, largas. Mas há outros, embora em número bastante reduzido: os skinheads, os hardcores e os moicanos diferem dos anteriores pelo som que costumam ouvir e pelo corte de cabelo. Enquanto os moicanos rapam a cabeça e deixam uma parte espetada, os hards e os skins deixam apenas meio centímetro de cabelo.



Mick Jones + Paul Simonon + Topper Headon + Joe Strummer = rock'n'roll.

rock

The Clash: uma banda na corda bamba

Em inglês, *clash* quer dizer *choque, embate, colisão, conflito, oposição, estrondo*. E tudo isso é encontrável na salada sonora do The Clash neste seu terceiro álbum (segundo, no Brasil), o duplo *London Calling* (Epic/CBS), em que este quarteto inglês de *rock*, escorado por uma banda de metais, faz uma vertiginosa viagem em torno do universo *punk/New Wave*, mas nunca se afastando das

suas raízes musicais: o *rock'n'roll* autêntico da explosão primeira, a de Bill Haley e seus Comets, em 1954. Tem de tudo neste *Calling*, desde citações a títulos de filmes de Montgomery Clift até alusões à Koka Kola e ao Cadillac, de um hino de amor & ódio a Londres até uma excursão pela Andalúcia de Fredrico (sic) Lorca, de letras (pop) poéticas até construções como "J-a-zee zee j-a-zed zed" e

"diggadum... diggadum... diggadum..." John Strummer fala pelo grupo ao dizer que *London Calling* "é realmente uma ilusão (...). É como andar numa corda-bamba: se você colocar um pé errado, a coisa toda dança. Neste álbum, acho que andamos sobre a corda-bamba e andamos muito bem."



PIRATARIA ATINGE PISTOLS

Mal o Sex Pistols abalou as estruturas do tradicional Palácio de Buckingham e já surge o primeiro LP pirata do grupo. A qualidade da gravação é péssima. O tempo todo só se escutam as palmas do público — eis aí, portanto, sua melhor qualidade. Curioso é que os rapazes do Pistols nem ligaram pra mais essa investida da pirataria musical. Numa boa, continuaram trabalhando seu segundo compacto, *Pretty Vacant*, lançado pela Virgin Records.

Grito Suburbano

1.º Encontro das Bandas Punk de São Paulo

Dia 16 de Outubro de 1981

Sexta Feira, 20 hs.

ANARQUIZANDO:

Olho Sêco

Colera

Inocentes

Mack

Anarcoolatras

— NA —

STOP

WOODSTOCK DISCOS LTDA

R. José Bonifácio, 176 - S/L 16

São Paulo, SP.
Av. São Miguel, 3655 - Ponte Rasa

Importados 2.º Ponto depois da Curva da Morte

Preço Cr 200,00 - Com direito a um DRINK Gratis

Venha, Pelado